

HERPETOLOGIA BRASILEIRA

ISSN: 2316-4670

Volume 7 - Número 1 - Fevereiro de 2018



HERPETOLOGIA BRASILEIRA

Uma Publicação da Sociedade Brasileira de Herpetologia

INFORMAÇÕES GERAIS

A revista eletrônica *Herpetologia Brasileira* é quadrimestral (com números em março, julho e novembro) e publica textos sobre assuntos de interesse para a comunidade herpetológica brasileira. Ela é disponibilizada apenas online, na página da [Sociedade Brasileira de Herpetologia](#); ou seja, não há versão impressa em gráfica. Entretanto, qualquer associado pode imprimir este arquivo.

SEÇÕES

Notícias da Sociedade Brasileira de Herpetologia: Esta seção apresenta informações diversas sobre a SBH e é de responsabilidade da diretoria da Sociedade.

Notícias Herpetológicas Gerais: Esta seção apresenta informações e avisos sobre os eventos, cursos, concursos, fontes de financiamento, bolsas, projetos, etc., de interesse para nossa comunidade.

Notícias de Conservação: Esta seção apresenta informações e avisos sobre a conservação da herpetofauna brasileira ou de fatos de interesse para nossa comunidade.

Dissertações & Teses: Esta seção apresenta as informações sobre as dissertações e teses sobre qualquer aspecto da herpetologia brasileira defendidas no período.

Resenhas: Esta seção apresenta textos que resumem e avaliam o conteúdo de livros de interesse para nossa comunidade.

Trabalhos Recentes: Esta seção apresenta resumos breves de trabalhos publicados recentemente sobre espécies brasileiras, ou sobre outros assuntos de interesse para a nossa comunidade, preferencialmente em revistas de outras áreas.

Mudanças Taxonômicas: Esta seção apresenta uma lista descritiva das mudanças na taxonomia da herpetofauna brasileira, incluindo novas espécies e táxons maiores, novos sinônimos, novas combinações e rearranjos maiores.

Métodos em Herpetologia: Esta seção apresenta descrições e estudos empíricos relacionados aos diversos métodos de coleta e análise de dados, representando a multidisciplinaridade da herpetologia moderna.

Ensaios & Opiniões: Esta seção apresenta ensaios históricos e biográficos, opiniões sobre assuntos de interesse em herpetologia, descrições de instituições, grupos de pesquisa, programas de pós-graduação, etc.

Notas de História Natural: Esta seção apresenta artigos curtos que, preferencialmente, resultam de observações de campo, de natureza fortuita, realizadas no Brasil ou sobre espécies que ocorrem no país. Os artigos não devem versar sobre (1) novos registros ou extensões de área de distribuição, (2) observações realizadas em cativeiro ou (3) aberrações morfológicas.

Obituários: Esta seção apresenta artigos avisando sobre o falecimento recente de um membro da comunidade herpetológica brasileira ou internacional, contendo uma descrição de sua contribuição para a herpetologia.

Editores Gerais:

[Marcio Martins](#)

[Magno Segalla](#)

Délio Baêta

Bianca Von Muller Berneck

Giovanna G. Montingelli

Fausto Erritto Barbo

Notícias da SBH:

Notícias Herpetológicas Gerais:

[Cinthia Aguirre Brasileiro](#)

[Paulo Bernarde](#)

Notícias de Conservação:

Luis Fernando Marin

[Débora Silvano](#)

Yeda Bataus

Giovanna G. Montingelli

[José P. Pombal Jr.](#) (anfíbios)

[Renato Bérnails](#) (répteis)

[Ermelinda Oliveira](#)

Rafael dos Santos Henrique

Rachel Montesinos

José A. Langone (anfíbios)

[Paulo C. A. Garcia](#) (anfíbios)

Camila Both

Denis Andrade

Felipe Grazziotin

[Felipe Toledo](#)

Julio C. Moura-Leite

[Luciana Nascimento](#)

Teresa Cristina Ávila-Pires

Cynthia Prado

Marcelo Menin

Marcio Borges-Martins

[Mirco Sole](#)

Paula Valdujo

Ricardo Sawaya

Francisco L. Franco

[Marinus Hoogmoed](#)

[Magno Segalla](#)

Dissertações & Teses:

Resenhas:

Trabalhos Recentes:

Mudanças Taxonômicas:

Métodos em Herpetologia:

Ensaios & Opiniões:

Notas de História Natural:

Obituários:

Contato para Publicidade:

Sociedade Brasileira de Herpetologia

www.sbsherpetologia.org.br

Presidente: Marcio Martins

1º Secretário: Bianca Von Muller Berneck

2º Secretário: Gabriella Leal

1º Tesoureiro: Rafael dos Santos Henrique

2º Tesoureiro: Rachel Montesinos

Conselho: Taran Grant, José P. Pombal Jr., Magno V. Segalla,

Ulisses Caramaschi, Teresa C. Ávila-Pires,

Marcelo Napoli, Márcio Borges Martins,

Diego J. Santana e Julián Faivovich.

© Sociedade Brasileira de Herpetologia

Diagramação: [Airton de Almeida Cruz](#)

Foto da Capa: *Aplastodiscus gr. albosignatus*, Piraquara, PR.

Foto: Magno Segalla.

Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas: Lista de espécies

Henrique Caldeira Costa¹ & Renato Silveira Bérnails²

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Ciências Biológicas, Departamento de Zoologia, Programa de Pós-Graduação em Zoologia. CEP 31270-901. Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: costah@gmail.com

² Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo, Departamento de Ciências Agrárias e Biológicas. CEP 29932-540, São Mateus, ES, Brasil. E-mail: renatobernails@gmail.com

Abstract: We present an updated checklist of Brazilian reptile species and, for the first time, its confirmed presence in federation units (26 states and the Federal District). Brazil has the third richest reptile fauna in the world, with 795 species: 36 Testudines, 6 Crocodylia, and 753 Squamata (72 amphisbaenians, 276 “lizards”, and 405 snakes). If subspecies are counted, these numbers increase to 842 taxa. Almost half (47%) of the Brazilian reptiles are endemic to the country, mainly amphisbaenians (76%), followed by lizards (54%), snakes (40%), and chelonians (16%). Nomenclatural changes and taxa included or excluded since the last checklist are discussed, as well as dubious or invalid state records.

São reconhecidas atualmente mais de 10.700 espécies de répteis no mundo (Uetz & Hošek 2018). O Brasil conta atualmente com 795 espécies (presente estudo), sendo 36 Testudines, 6 Crocodylia e 753 Squamata (72 anfisbenas, 276 “lagartos” e 405 serpentes). Considerando subespécies, são 6 Crocodylia, 37 Testudines e 799 Squamata no Brasil (75 anfisbenas, 282 “lagartos” e 442 serpentes), totalizando 842 espécies e subespécies de répteis no país. Com isso, seguimos no 3º lugar em riqueza de espécies de répteis do mundo, atrás da Austrália (1.057) e do México (942) (Uetz & Hošek 2018).

Um total de 395 espécies + subespécies de répteis ocorrentes no Brasil (47%) são endêmicos do território nacional, mas essa porcentagem varia bastante entre os grandes grupos. Nenhum crocodiliano e apenas seis espécies de quelônios (16%) são endêmicos do país. Por outro lado, 40% das serpentes aqui registradas são endêmicas do Brasil (179 táxons, entre espécies + subespécies), e porcentagens ainda maiores são observadas para os lagartos (54%; 153 táxons) e anfisbenas (76%; 57 táxons).

Dezessete novas espécies foram descritas para o Brasil entre 2016 (11 spp.), 2017 (4 spp.) e fevereiro de 2018 (2 spp.). Além disso, a lista nacional recebeu acréscimos de táxons que: (i) permaneciam ausentes em versões anteriores por lapso nosso; (ii) foram registrados para o país pela primeira vez desde a última revisão desta lista; ou (iii) foram revalidadas (veja “Táxons incluídos nesta edição” para detalhes). Nove táxons (seis serpentes e três lagartos) foram retirados da Lista por serem considerados sinônimos juniores ou por ter-se chegado à conclusão de que não há registro confiável de sua presença no país (veja “Táxons excluídos nesta edição”). Considerando as inclusões e exclusões, a lista brasileira de répteis cresceu em 22 espécies e uma subespécie desde a última revisão (Costa & Bérnails 2015). Houve uma redução no número de espécies de Amphisbaenia, causada pela nossa mudança de opinião quanto à taxonomia de *Amphisbaena amazonica*, *A. varia* e *A. wiedi*, que passaram a ser consideradas subespécies de *A. fuliginosa*.

(veja “Notas Nomenclaturais”). Contudo, o número de táxons totais de Amphisbaenia ocorrentes no Brasil aumentou desde a última edição, com a descrição de duas novas espécies.

Neste ano apresentamos ao leitor uma novidade, resultado de extenso levantamento de dados: informações quanto às unidades federativas de ocorrência de cada espécie e subespécie. As informações foram obtidas após análise de mais de mil estudos, particularmente descrições e revisões taxonômicas, inventários e notas de distribuição geográfica. Algumas publicações em particular exerceram grande influência por trazerem informações de dezenas ou centenas de espécies para determinado bioma, região, estado ou o mesmo do país inteiro (e.g., Lema 1994; Avila-Pires 1995; Campbell & Lamar 2004; Moura *et al.* 2011; Zaher *et al.* 2011; Bernarde *et al.* 2012; Hamdan & Lirada-Silva 2012; Guedes *et al.* 2014; TTWG 2017; Ribeiro-Júnior 2015a, b; Ribeiro-Júnior & Amaral 2016, 2017; Colli *et al.* 2016; Roberto & Loebmann 2016; Silva Jr. *et al.* 2016). Também foi fundamental a consulta a dissertações e teses disponibilizadas *on-line* pelos portais de instituições como PUC-RS, UNESP, UFPB/MPEG, UFPB, UFRJ/MNRJ, UnB e USP. No futuro, esperamos disponibilizar ao leitor uma lista completa de todas as fontes consultadas.

Um levantamento deste porte, contudo, não passa incólume. Certamente deixamos de incluir registros por desconhecimento da publicação que fez o relato, lapso ou até por erro tipográfico. Da mesma maneira, podemos ter marcado erroneamente a presença de certos táxons para algumas Unidades Federativas (UF). Por conta disso, solicitamos aos leitores que nos alertem caso notem inconsistências nas informações apresentadas. Há situações particulares em que o “registro” de uma ou de várias espécies para determinada UF foi descartado ou reconsiderado mais de uma vez (e.g., Abegg *et al.* 2016; Di-Bernardo *et al.* 2004; Santos *et al.* 2013). Acompanhar tais casos não é tarefa simples e citar todos não se mostrou viável, especialmente por nem sempre a correção ser explícita nas referências.

Apesar da possibilidade de incorreções em nosso levantamento, acreditamos que serão pontuais e não afetarão expressivamente o panorama atual de distribuição da riqueza de répteis nas UF brasileiras. O maior erro existente ainda será aquele gerado pela lacuna de conhecimento, fruto da escassez de inventários em muitas regiões ou a falta de publicação de dados já coletados, particularmente oriundos de estudos de impacto ambiental e resgate de fauna. À medida que o conhecimento avançar, os resultados serão apresentados em atualizações dessa Lista.

Nosso levantamento de dados até 01 de março de 2018 mostra que a região Norte é a mais rica em espécies e subespécies (doravante “táxons”) de répteis (453), de Squamata (423), serpentes (243), lagartos (152), quelônios (25) e jacarés (5) – este último grupo em igualdade com a região centro-oeste. A região Nordeste é a segunda mais rica para esses grupos, exceto

jacarés e serpentes, e é a região com mais táxons de Amphisbaenia (35), enquanto a menor riqueza para todos os grupos encontra-se na região Sul (Tabela 1). A disparidade entre as regiões Norte e Sul reflete claramente o esperado, principalmente pela discrepância de tamanho de cada uma (a região Norte cobre mais de 45% da área total do Brasil, enquanto a região Sul ocupa menos de 7%) e por suas respectivas posições no continente (o Norte equatorial e tropical e o Sul essencialmente subtropical).

Dentre as UF brasileiras (Tabelas 2 e 3), o estado do Mato Grosso apresenta a maior riqueza de táxons de répteis (298), de Squamata (281), serpentes (169) e anfíbios (23). Este resultado pode ser explicado por fatores diversos. Mato Grosso é o 3º estado do país em extensão territorial e apresenta grandes áreas cobertas por Amazônia, Cerrado e Pantanal. Soma-se a isso a publicação, nos últimos anos, de diversos

Tabela 1: Riqueza de espécies + subespécies de répteis nas cinco regiões políticas brasileiras. Valores entre parênteses excluem tartarugas marinhas. O maior valor para cada grupo é indicado em negrito.

	Testudines	Crocodylia	“Lagartos”	Amphisbaenia	Serpentes	Squamata	Répteis
Norte	25 (20)	5	152	28	243	423	453
Nordeste	20 (15)	4	132	35	210	377	401
Centro-Oeste	15	5	102	28	215	345	365
Sudeste	17 (12)	3	92	23	202	317	337
Sul	11 (6)	1	33	11	135	179	191

Tabela 2: Riqueza de espécies + subespécies de répteis das unidades federativas brasileiras. Valores entre parênteses excluem tartarugas marinhas. O maior valor para cada grupo é indicado em negrito.

	Testudines	Crocodylia	“Lagartos”	Amphisbaenia	Serpentes	Squamata	Répteis
RR	16	4	40	2	76	118	138
AP	14 (11)	4	48	3	92	143	161 (158)
AC	11	4	54	2	82	138	153
RO	12	5	70	9	125	204	221
AM	16	4	90	7	133	230	250
PA	23 (18)	4	82	16	153	251	278 (273)
TO	10	3	52	13	99	164	177
MT	13	4	89	23	169	281	298
MS	6	3	42	16	124	182	191
GO	10	4	49	14	108	171	185
DF	5	2	28	6	76	110	117
MA	17 (12)	3	47	10	103	160	180 (175)
PI	11 (6)	2	43	5	54	102	115 (110)
CE	10 (5)	2	44	6	69	119	131 (126)
RN	10 (5)	2	33	6	43	82	94 (89)
PB	9 (4)	2	36	5	63	104	115 (110)
PE	9 (4)	2	51	11	77	139	150 (145)
AL	10 (5)	2	39	6	78	123	135 (130)
SE	10 (5)	2	39	5	45	89	101 (96)
BA	13 (8)	2	98	22	143	263	278 (273)
ES	12 (7)	1	31	7	79	119	130 (125)
MG	11	2	72	16	159	247	260
RJ	13 (8)	1	34	8	92	134	148 (143)
SP	10 (5)	3	47	10	156	213	226 (221)
PR	9 (4)	1	23	7	114	144	154 (149)
SC	11 (6)	1	20	10	83	113	125 (120)
RS	11 (6)	1	21	6	90	117	129 (124)

Tabela 3: Relação dos táxons de répteis do Brasil e cada uma de suas 27 unidades federativas. Para autoria de cada táxon e informações sobre registros duvidosos (?) e registros invalidados (!), vide texto. **End:** endêmico do Brasil; **RR:** Roraima; **AP:** Amapá; **AC:** Acre; **RO:** Rondônia; **AM:** Amazonas; **PA:** Pará; **TO:** Tocantins; **MT:** Mato Grosso; **MS:** Mato Grosso do Sul; **GO:** Goiás; **DF:** Distrito Federal; **MA:** Maranhão; **PI:** Piauí; **CE:** Ceará; **RN:** Rio Grande do Norte; **PB:** Paraíba; **PE:** Pernambuco; **AL:** Alagoas; **SE:** Sergipe; **BA:** Bahia; **ES:** Espírito Santo; **MG:** Minas Gerais; **RJ:** Rio de Janeiro; **SP:** São Paulo; **PR:** Paraná; **SC:** Santa Catarina; **RS:** Rio Grande do Sul.

TÁXON	End	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
TESTUDINES	não																											
CRYPTODIRA	não																											
Chelonioidea	não																											
Cheloniidae	não																											
Carettinae	não																											
<i>Caretta caretta</i>	não	RR	?	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Eretmochelys imbricata</i>	não	RR	?	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Lepidochelys olivacea</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Cheloniinae	não																											
<i>Chelonia mydas</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Dermochelyidae	não																											
<i>Dermochelys coriacea</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Kinosternoidea	não																											
Kinosternidae	não																											
Kinosterninae	não																											
<i>Kinosternon s. scorpioides</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Testudinoidea	não																											
Emydidae	não																											
Deirochelyinae	não																											
<i>Trachemys adiutrix</i>	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Trachemys dorbigni</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Geoemydidae	não																											
Rhinoclemmydinae	não																											
<i>Rhinoclemmys p. punctularia</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	?	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Testudinidae	não																											
<i>Chelonoidis carbonarius</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Chelonoidis denticulatus</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
PLEURODIRA	não																											
Chelidae	não																											
Chelinae	não																											
<i>Acanthochelys macrocephala</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Acanthochelys radiolata</i>	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	?	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	!	PR	SC	RS
<i>Acanthochelys spixii</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	?	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Chelus fimbriata</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Mesoclemmys gibba</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Mesoclemmys heliotrema</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Mesoclemmys hogei</i>	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	?	PR	SC	RS
<i>Mesoclemmys nasuta</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Mesoclemmys perplexa</i>	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Mesoclemmys raniceps</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Mesoclemmys tuberculata</i>	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Mesoclemmys vanderhaeghei</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Phrynops geoffroanus</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Phrynops hilarii</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	!	PR	SC	RS
<i>Phrynops tuberosus</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	!	RN	!	!	AL	SE	!	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Phrynops williamsi</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Platemys p. platyccephala</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Platemys p. melanota</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Rhinemys rufipes</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
Hydromedusinae	não																											
<i>Hydromedusa maximiliani</i>	sim	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	!	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS
<i>Hydromedusa tectifera</i>	não	RR	AP	AC	RO	AM	PA	TO	MT	MS	GO	DF	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	ES	MG	RJ	SP	PR	SC	RS

estudos que ampliaram o conhecimento sobre a fauna reptiliana matogrossense.

Os maiores estados do país, Pará e Amazonas, figuraram em 2º e 5º lugar em riqueza de répteis, com 278 (273 considerando apenas as espécies continentais) e 250 táxons, respectivamente, ressaltando a diversidade presente na região amazônica. O Pará é também o detentor da maior riqueza de quelônios do país, com 23 táxons (18 deles continentais), ou seja, 62% dos Testudines já registrados no Brasil. Levando-se em conta que a região amazônica ainda possui importantes áreas carentes de levantamentos, e muitas espécies em vias de revisão taxonômica, é de se esperar um relevante aumento da riqueza desses estados no futuro próximo.

A posição de Bahia e Minas Gerais como detentores, respectivamente, da 2ª (junto com o Pará) e 4ª maiores riquezas de répteis do Brasil (278 e 260 táxons, respectivamente) segue padrão semelhante ao observado para o Mato Grosso – grande extensão territorial, heterogeneidade de ambientes, neste caso graças à presença de Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga, e o aumento na publicação de dados nos últimos anos. A Bahia ainda se destaca por ser a UF com maior número de táxons de lagartos (98), o que pode estar relacionado especialmente às muitas espécies endêmicas da Mata Atlântica do sudeste baiano e da Chapada Diamantina, em sua maioria descritas nas últimas décadas.

Embora seja apenas o 7º estado mais rico em répteis, Rondônia possui a maior diversidade de crocodilianos, pois das seis espécies presentes no país, cinco são encontradas em território rondoniense.

Lacunas de conhecimento são uma realidade para todo o país, mas se mostram mais aparentes em algumas UF. Roraima, Piauí e Ceará possuem riqueza conhecida próxima à do Distrito Federal, a despeito da área entre 29 e 43 vezes maior, e da grande diversidade de ambientes que apresentam.

Comparativamente, a riqueza observada nos estados da região Nordeste (exceto a Bahia) é baixa. Embora o território da maioria desses estados não seja extenso para os padrões nacionais e grande parte da cobertura vegetal original tenha sido perdida, os estudos com a diversidade reptiliana eram há alguns anos concentrados em poucas localidades. Esse panorama tem mudado, especialmente com a fixação de novos profissionais herpetólogos como pesquisadores em universidades da região.

Mesmo as regiões Sudeste e Sul, nas quais reside a maior parte dos herpetólogos brasileiros, também possuem lacunas de conhecimento mais aparentes na riqueza de répteis, com destaque negativo para Espírito Santo e Santa Catarina.

As UF mais estudadas quanto à composição de sua fauna de répteis são Distrito Federal, Pará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. Todas são pólos de formação de herpetólogos e abrigam algumas das mais importantes coleções de répteis da América Latina. No caso do Distrito Federal, a pequena área territorial também facilita um levantamento mais completo da riqueza de répteis, enquanto que o clima predominantemente subtropical deve ser parcialmente responsável pelo número relativamente baixo de espécies no Rio Grande do Sul. O Pará, embora ainda apresente amplas áreas insuficientemente amostradas, possui há décadas um grupo de pesquisa local, ao

contrário de muitas UF para as quais o conhecimento foi, até pouco tempo atrás, gerado essencialmente por pesquisadores de outras regiões.

Este é o primeiro panorama amplo da riqueza de espécies e subespécies de répteis nas UF brasileiras. Enquanto algumas possuem listas possivelmente próximas da riqueza real que apresentam (Distrito Federal, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul), na maioria ainda há muito o que se descobrir. Assim, é provável que nos próximos anos vejamos mudanças importantes nesse quadro, com aumento significativo no número de táxons conhecidos em muitos estados, talvez até alterando o ranking de UF mais ricas em répteis.

Notas Nomenclaturais

O arranjo taxonômico acima do nível de gênero (tribo, subfamília, família etc.) segue diferentes fontes. Adotamos a proposta do TTWG (2017) para Testudines e Brochu (2003) e Savage (2017) para Crocodylia. Para Squamata, seguimos Pyron *et al.* (2013) (em partes; veja Costa & Bérnuls 2015:76-77), Hedges (2014), Goicoechea *et al.* (2016) (em partes, veja detalhes abaixo) e Zheng & Wiens (2016) (em partes; para o uso de Lacertiformes ao invés de Lacertoidea, veja Costa & Bérnuls (2015:76). Nem todos os nomes acima do nível de família atualmente em uso na literatura foram apresentados (*e.g.*, Amphisbaeniformes, Colubroides, Colubroidea, Endoglyptodontia, Scincomorpha, Toxicofera), por optarmos pela simplificação. No caso específico das Serpentes, utilizamos a nomenclatura proposta por Vidal *et al.* (2007), Adalsteinsson *et al.* (2009), Zaher *et al.* (2009), Grazziotin *et al.* (2012), Hedges *et al.* (2014) e Pyron *et al.* (2014) – para o uso de “Scolecophidia”, veja Costa & Bérnuls (2015:78).

Informações detalhadas sobre alterações ocorridas no arranjo nomenclatural nesta versão frente à anterior (Costa & Bérnuls 2015) são apresentadas abaixo. Os táxons citados estão indicados por um asterisco (*) na lista de espécies.

Crocodylia

Crocodylia e Alligatoridae: Savage (2017) disserta sobre a confusão a respeito da autoria dos nomes relativos a crocodilianos. Sua conclusão é que os nomes + autorias corretos são Crocodylia Deraniyagala, 1939 e Alligatoridae Gray, 1844 (por consequência, Alligatoroidea passaria também a ser atribuído ao mesmo autor). Uma vez que o Princípio de Prioridade do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica não rege nomes acima do grupo-família, preferimos por ora manter o nome Crocodylia Deraniyagala, 1939 em detrimento dos sinônimos sêniores Loricata Merrem, 1820 ou Crocodilia Wagler, 1830.

Squamata

“Lagartos”

Alopoglossidae: Em recente revisão sistemática de Gymnophthalmidae e Teiidae, Goicoechea *et al.* (2016) encontraram

Alopoglossus + *Ptychoglossus* como grupo-irmão de um clado formado por Teiidae e os demais Gymnophthalmidae. Dessa forma, os autores propõem a alocação desses dois gêneros em nova família, Alopoglossidae. Goicoechea *et al.* (2016) ainda ressaltam que o nome Alopoglossinae, proposto por Pellegrino *et al.* (2001) e seguido por Colli *et al.* (2015), é inválido (*nomen nudum*) defido à falta de descrição de caracteres diagnósticos para o táxon.

Bachiini: Goicoechea *et al.* (2016) classificaram Bachinae *sensu* Colli *et al.* (2015) – adotado na última versão da Lista Brasileira de Répteis – como uma tribo dentro de Cercosaurinae.

Cercosaura argulus: O nome específico *argulus* é um substantivo. Portanto, mesmo *Cercosaura* sendo um gênero feminino, a forma *C. argula*, como aplicada na última versão da Lista, é incorreta. Além disso, o ano de descrição do táxon é 1862, não 1863, como vínhamos informando (Sturaro *et al.* 2017).

Cercosaura quadrilineata: Goicoechea *et al.* (2016) não encontraram *Cercosaura* monofilético devido ao posicionamento de *C. quadrilineata*. Os autores aplicaram provisoriamente *Pantodactylus* Duméril & Bibron, 1839 a *C. quadrilineata* e *C. schreibersii* (sinônimo-sênior de *P. d'Orbignyi*, espécie-tipo de *Pantodactylus*). O problema (apontado pelos próprios autores, mas ignorado) é que *C. schreibersii* encontra-se em um clado com os demais *Cercosaura*. Aplicar o nome *Pantodactylus* a *C. quadrilineata* e *C. schreibersii* deixaria tanto *Pantodactylus* quanto *Cercosaura* (*sensu* Goicoechea *et al.* 2016) não monofiléticos. Nenhuma filogenia recente envolvendo *Cercosaura* (Torres-Caravajal *et al.* 2015, 2016; Sturaro *et al.* 2017) encontra *C. quadrilineata* e *C. schreibersii* proximamente relacionados. Se outro nome genérico deve ser aplicado a *C. quadrilineata*, *Pantodactylus* não seria opção – provavelmente um novo nome, como comentado por Goicoechea *et al.* (2016). Uma vez que o nome genérico atribuído a *C. quadrilineata* deve ser debatido em breve por novos estudos, preferimos neste momento não adotar nenhuma mudança nomenclatural, como sugerido por Sturaro *et al.* (2017).

Ecpelopodini: Goicoechea *et al.* (2016) classificaram Ecpelopodinae *sensu* Colli *et al.* (2015) – adotado na última versão da Lista – como uma tribo dentro de Cercosaurinae.

Glaucomastix: Harvey *et al.* (2012) apontaram o parafiletismo de *Cnemidophorus*, o que resultou na criação de três novos gêneros, *Ameivula*, *Aurivela* e *Contomastix*. Análises filogenéticas baseadas em sequências de fragmentos gênicos mitocondriais e nucleares (Goicoechea *et al.* 2016) apontaram o parafiletismo de *Ameivula*, com *A. abaeensis* formando um clado com *Cnemidophorus* + *Kentropyx*. Para resolver esta questão, os autores criaram o nome *Glaucomastix* para os *Ameivula* do “grupo *littoralis*”, agora identificados como *G. abaeensis*, *G. cyanura*, *G. littoralis* e *G. venetecauda*. Contudo, análises filogenômicas utilizando sequenciamento de nova geração (Tucker *et al.* 2016) sugerem que *Ameivula*, *Aurivela*, *Contomastix* e *Glaucomastix* formam um grupo monofilético com alto suporte, ao contrário dos resultados obtidos anteriormente (Harvey *et al.* 2012;

Goicoechea *et al.* 2016). Isso levou a questionamentos quanto à necessidade do uso de todos esses nomes genéricos, embora nenhuma alteração nomenclatural tenha sido sugerida (Tucker *et al.* 2016).

Gymnophthalmoidea: Na última edição da Lista (Costa & Bérnuls 2015) adiantamos informações presentes em Costa *et al.* (2016a) (na época em revisão), sobre a autoria de Gymnophthalmidae, Teiinae e Tupinambinae (de forma independente, Goicoechea *et al.* 2016 também trouxeram esta informação). Falhamos, contudo, em substituir o nome de superfamília Teioidea Gray, 1827 por Gymnophthalmoidea Fitzinger, 1826, que possui prioridade.

Heterodactylini: Goicoechea *et al.* (2016) argumentaram que Chirocolidae Gray, 1838 não é um nome válido, pois foi baseado em um gênero à época considerado sinônimo. Dessa forma, a tribo formada por *Caparaonia*, *Colobodactylus* e *Heterodactylus*, tratada como Chirocolini por Colli *et al.* (2015) – forma adotada na última Lista – deve receber outro nome. Uma vez que Heterodactylini Pellegrino, Rodrigues, Yonenaga-Yassuda e Sítios, 2001 é um *nomen nudum* (Colli *et al.* 2015; Goicoechea *et al.* 2016), foi proposto o nome Heterodactylini Goicoechea, Frost, De la Riva, Pellegrino, Sítios, Rodrigues & Padial, 2016.

Loxopholis: Os resultados de Goicoechea *et al.* (2016) reforçaram estudos anteriores que apontavam para a não monofilia de *Leposoma* Spix, 1825. Dessa forma, os autores propõem revalidar o nome *Loxopholis* Cope, 1869 para o grupo de *Leposoma parietale*, que no Brasil inclui *L. ferreirai*, *L. guianense*, *L. osvaldoi*, *L. percarinatum* e *L. snethlageae*.

Placosoma cordylinum: Borges-Nojosa *et al.* (2016) sugeriram que a recomendação de Zaher *et al.* (2011) em considerar as subespécies de *C. cordylinum* como espécies plenas foi desrecebida pelo Reptile Database (Uetz & Hošek 2017). Não podemos responder pelos autores daquela base de dados, mas nós, autores desta Lista, mesmo conhecendo a proposta de Zaher *et al.* (2011), consideramos mais prudente não a adotar. Zaher *et al.* (2011) afirmaram que “No caso do gênero *Placosoma*, reconhecemos como espécies plenas as subespécies de *Placosoma cordylinum* empregadas por Uzzell (1959) pois sua ocorrência simpática e os caracteres que as diagnosticam apóiam este novo status”. Uzzell (1959), por sua vez, apontou diferenças sutis entre as duas subespécies, como o número de escamas dorsais aumentadas entre os membros anteriores, e a linha clara lateral separada ou não do tímpano. É importante lembrar que Uzzell (1959, 1962) tinha à disposição apenas nove espécimes de *P. c. cordylinum* e cinco de *P. c. champsonotus*, e que um dos caracteres diagnósticos por ele definido (as dorsais aumentadas entre os membros anteriores) apresenta sobreposição entre os táxons. Hoje, um número bem maior de exemplares de *P. c. cordylinum* e *P. c. champsonotus* é conhecido (vide apêndice de Borges-Nojosa *et al.* 2016), e um estudo mais aprofundado sobre a sistemática de ambos seria conveniente. Enquanto isso, preferimos manter *Placosoma cordylinum* como uma espécie poliférica, apresentando duas subespécies.

Potamites: Estudos recentes (e.g., Goicoechea *et al.* 2016; Torres-Carvajal *et al.* 2016) têm reforçado a validade de *Potamites* Doan & Castoe, 2005, ao qual se aplicam os táxons brasileiros que vínhamos tratando como *Neusticurus ecpleopus* e *N. juruensis* desde Bérnails & Costa (2012).

Psilops: Rodrigues *et al.* (2017) descreveram *Psilops* como substituto de *Psilophthalmus* Rodrigues, 1991, pré-ocupado por *Psilophthalmus* Szépligeti, 1902 (Hymenoptera).

Amphisbaenia

Amphisbaena fuliginosa: Pelos últimos doze anos (desde SBH 2006), esta Lista seguiu a proposta de Gans (2005), que em seu último catálogo das anfisbenas do mundo elevou todas as subespécies do grupo ao nível específico, sem avaliação crítica. No caso das formas com ocorrência no Brasil, isso significou considerar como espécies plenas as subespécies de *Amphisbaena fuliginosa*. O último estudo taxonômico envolvendo esta espécie (Vanzolini 2002) mantinha as designações subespecíficas, reconhecendo para o Brasil *A. f. amazonica* (distribuindo-se pelo baixo Amazonas, a leste da boca do rio Negro) e *A. f. wiedi* (ocorrendo ao sul do Amazonas, incluindo o Cerrado e a Mata Atlântica). Contudo, Vanzolini (2002) não chegou a uma conclusão a respeito do nome a ser atribuído aos espécimes de Roraima, Rondônia e Acre. Este problema se deve principalmente porque as diagnoses apresentam problemas e não são inambíguas, como sugerido por Vanzolini (2002:628-629). A situação do grupo *fuliginosa* no Brasil se complicou com duas publicações alegando a presença de *A. f. varia* (subespécie do Panamá e Andes) no Pará (Chalkidis 2000), e de *A. f. fuliginosa* (antes restrita à região das Guianas) em Tefé, Amazonas (Chalkidis *et al.* 2002). A realização de um novo estudo taxonômico envolvendo *A. fuliginosa* (*sensu lato*) é essencial para esclarecer esses problemas.

Por ora, preferimos considerar a espécie politípica, com quatro subespécies ocorrentes no Brasil (*A. f. fuliginosa*, *A. f. amazonica*, *A. f. varia* e *A. f. wiedi*), tal como feito por Colli *et al.* (2016). O registro de *A. f. varia* para Roraima é tentativo, pois Vanzolini (2002) não conseguiu atribuir um nome aos espécimes daquele estado; o número de anéis e segmentos apresentados permitem identificá-los principalmente como *A. f. fuliginosa* ou *A. f. varia* (Vanzolini 2002:638), enquanto o padrão de coloração tende a *A. f. varia* (Vanzolini 2002:631). Já os espécimes de Rondônia e Acre possuem um padrão de coloração mais próximo a *A. f. bassleri* (Vanzolini 2002:631), mas as contagens de anéis e segmentos tendem a *A. f. varia* ou *A. f. wiedi*. Tentativamente atribuímos aos espécimes de Rondônia e Acre o nome *A. f. wiedi*, por um quesito arbitrário de distribuição geográfica.

Também é tentativo o reconhecimento da subespécie presente no Ceará como *A. f. wiedi*. Vanzolini (1951) examinou três espécimes de *A. fuliginosa* do Ceará (sem localidades específicas) e não lhes atribuiu nome, mas afirmou que dois deles poderiam ser confundidos com *A. f. amazonica*, o outro com *A. f. wiedi*. Esses mesmos espécimes não foram citados em uma segunda revisão do grupo, onde é dito (Vanzolini 2002:624)

que espécimes do rio Gurupi, em Canindé (Pará) e de Açailândia (Maranhão) possuem padrão de coloração típico de *A. f. wiedi* (a contagem de anéis e segmentos também se enquadra na diagnose do táxon). Uma vez que o Ceará se situa entre essas localidades e Santa Maria Eterna, Bahia (localidade-tipo de *A. f. wiedi*), optamos por atribuir este nome aos espécimes daquele estado.

Serpentes

Crotalus durissus durissus: O nome *C. d. durissus* deve ser adotado no lugar de *C. d. dryinas* (o qual vínhamos utilizando erroneamente) para as populações do norte da Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Amapá (Campbell e Lamar 2004; Savage *et al.* 2005).

Dipsas indica petersi: Este táxon foi descrito por Alphonse R. Hoge e Sylvia A.R.W.L. Romano-Hoge, e não apenas por Hoge. Além disso, embora esteja impresso o ano de 1975, a publicação foi distribuída em 1976.

Drymarchon corais: McCranie (1980) reconhecia oito subespécies para *D. corais*, sendo *D. c. corais* a presente no Brasil. Esta era a nomenclatura que vínhamos adotando na Lista. Contudo, passou-nos despercebido que Wüster *et al.* (2001), ao descreverem *D. caudomaculatus* para a Venezuela, reconheceram *D. corais couperi*, *D. c. margaritae* e *D. c. melanurus* como espécies plenas. Esses mesmos autores sugerem também que *D. corais erebennus*, *D. c. orizabensis*, *D. c. rubidus* e *D. c. unicolor* sejam consideradas, “provisoriamente”, subespécies de *D. melanurus*. Desta maneira, *Drymarchon corais* passa a ser táxon monotípico.

Epictinae e Epictini: A autoria correta desses táxons deve ser atribuída a Hedges, Adalsteinsson & Branch *in* Adalsteinsson, Branch, Trape, Vitt & Hedges, 2009 (Adalsteinsson *et al.* 2009).

Erythrolamprus reginae macrosoma: O radical latino *-soma* (“corpo”) tem origem no grego antigo σῶμα (*sôma*). Ambos os radicais formam sempre palavras masculinas, mesmo sendo terminados em “a”. Sendo assim, deve-se usar a combinação *E. reginae macrosoma*, e não *E. r. macrosomus*.

Micrurus diutius: Antes subespécie de *M. lemniscatus*, foi considerada espécie plena por Silva Jr. *et al.* (2016).

Táxons incluídos nesta edição

Testudines

Platemys platycephala melanonota: Citada para o Brasil por Mendes-Pinto *et al.* (2012) com base no exemplar INPA-H 27680 (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), coletado na Floresta Nacional do Trairão, estado do Pará, e por Moraes *et al.* (2017a), com base em exemplar (*voucher* não informado) da Serra da Mocidade, estado de Roraima.

Squamata**“Lagartos”**

Ameivula pyrrhogularis: Retirada da sinonímia de *A. ocellifera* por Arias *et al.* (2018) e registrada para o Brasil por meio de exemplares dos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco e Bahia.

Bachia remota: Descrita por Ribeiro-Júnior *et al.* (2016), com base no exemplar IEPA 777 (Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá), procedente do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, no estado do Amapá. Este espécime foi anteriormente identificado como *Bachia gr. heteropa* por Lima (2008).

Iphisa elegans soinii: Citada para o Brasil por Ribeiro-Júnior & Amaral (2017) com base em exemplares do Amazonas e do Acre.

Ophiodes enso: Descrita por Entiauspe-Neto *et al.* (2017a) com base em espécimes da região da Lagoa dos Patos, Rio Grande do Sul.

Placosoma limaverdorum: Descrita por Borges-Nojosa *et al.* (2016a) com base em espécimes procedentes dos brejos de altitude do Ceará. Esta espécie vinha sendo chamada de *Placosoma* sp. por diversos autores nos últimos anos (*e.g.*, Borges-Nojosa & Caramaschi 2003; Freitas & Silva 2007; Roberto & Loebmann 2016).

Psilops mucugensis: Descrita por Rodrigues *et al.* (2017) com base em espécimes procedentes do estado da Bahia.

Psilops seductus: Descrita por Rodrigues *et al.* (2017) com base em espécimes procedentes dos estados da Bahia e Minas Gerais.

Tropidurus lagunablanca: Citada para o Brasil por Cacciali & Köhler (2018). Exemplares de *T. guarani* previamente identificados para os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Carvalho 2013; Ferreira *et al.* 2017) seriam *T. lagunablanca*.

Tropidurus sertanejo: Descrita por Caravalho *et al.* (2016) com base em espécimes procedentes do estado da Bahia.

Tropidurus spinulosus: Citada para o Brasil por Ferreira *et al.* (2017) na lista de espécies de répteis do Mato Grosso do Sul, sem maiores informações.

Tupinambis cryptus: Descrita por Murphy *et al.* (2016) com base em espécimes de vários países sulamericanos, incluindo o Brasil. Após revisão que resultou na descrição de *T. maputi* (Silva *et al.* 2018), a maioria dos exemplares brasileiros identificados como *T. cryptus* por Murphy *et al.* (2016) foram reidentificados como *T. maputi*, *T. quadrilineatus* e *T. teguixin*.

Tupinambis cuzcoensis: Descrita por Murphy *et al.* (2016) com base em espécimes do Equador, Peru e Brasil (Acre, Amazonas e Mato Grosso).

Tupinambis matipu: Descrita por Silva *et al.* (2018) com base em dezenas de exemplares do Brasil (Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul).

Amphisbaenia

Amphisbaena filiformis: Descrita por Ribeiro *et al.* (2016) com base em espécimes procedentes da Mata dos Cocais, nos estados de Tocantins e Maranhão.

Leposternon mineiro: Descrita por Ribeiro *et al.* (2018) com base em espécimes procedentes do estado de Minas Gerais.

Serpentes

Amerotyphlops arenensis: Descrita por Graboski *et al.* (2015) com base em espécimes procedentes da Reserva Ecológica Mata do Pau Ferro, na Paraíba.

Apostolepis mariae: Descrita por Borges-Nojosa *et al.* (2016b) com base em exemplares do estado do Ceará. Exemplares deste táxon vinham sendo identificados como *A. quinquelineata* (em Nascimento & Lima-Verde 1989), *A. pymi* (em Lema & Renner 1998), *Apostolepis gr. nigrolineata* (em Roberto & Loebmann 2016) ou *Apostolepis* sp. (em Lema *et al.* 2017).

Apostolepis barrioi: Retirada da sinonímia de *A. dimidiata* por Cabral *et al.* (2017) e registrada para o Brasil por meio de exemplares do Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo.

Apostolepis phillipsae: Citada para o Brasil por Lema (2015) e Martins & Lema (2015) com base no espécime AMNH 87942 (American Museum of Natural History), procedente da confluência entre os rios Araguaia e Tapirapé, estado do Mato Grosso. Este espécime foi anteriormente identificado como *A. nigroterminata* por Harvey (1999) e como *A. goiasensis* por Loebmann & Lema (2012).

Apostolepis roncadori: Descrita por Lema (2016) com base no exemplar BMNH 1972.429 (British Museum of Natural History) procedente da Serra do Roncador, estado do Mato Grosso. Este mesmo exemplar foi anteriormente identificado como *A. vittata* por Lema & Renner (2004) e *A. striata* por Martins & Lema (2015).

Apostolepis rondoni: Revalidada por Lema *et al.* (2017).

Apostolepis thalesdelemai: Descrita por Borges-Nojosa *et al.* (2016b) com base em exemplares do estado do Ceará. Exemplares deste táxon vinham sendo identificados como *A. pymi* (em Lema & Renner 1998), *Apostolepis gr. nigrolineata* (em Roberto & Loebmann 2016) ou *Apostolepis* sp. (em Lema *et al.* 2017).

Atractus boimirim: Descrita por Passos *et al.* (2016) com base em exemplares dos estados de Rondônia e Pará. Espécimes atribuídos a *A. boimirim* vinham sendo identificados como *A. cf. insipidus* (em Silva Jr. 1993) ou *A. insipidus* (em Silva Jr. *et al.* 2005).

Atractus riveroi: Citada para o Brasil por Fraga *et al.* (2017) com base em seis espécimes das serras dos Surucucus, do Apiaú e da Mocidade, no estado de Roraima.

Atractus tartarus: Descrita por Passos *et al.* (2016) com base em exemplares dos estados do Pará e Maranhão. Espécimes atribuídos a *A. tartarus* vinham sendo identificados como *A. insipidus* (em Cunha & Nascimento 1983).

Bothrops sazimai: Descrita por Barbo *et al.* (2016) com base em espécimes procedentes da Ilha dos Franceses, no litoral sul do estado do Espírito Santo.

Chironius septentrionalis: Citada para o Brasil por Moraes *et al.* (2017a) com base em um exemplar (INPA-H 36499) coletado na Serra da Mocidade, estado de Roraima.

Epictia albifrons: Sob o nome *Stenostoma albifrons* Wagler in Spix, 1824, foi descrito um espécime procedente das imediações de Belém, estado do Pará, Brasil. Devido à descrição carente de características que diagnosticassem o táxon inequivocamente, à destruição do holótipo durante bombardeios na Segunda Guerra Mundial, e à ausência de novos registros para a localidade-tipo, a validade de *S. albifrons* foi discutida ao longo de décadas, culminando com a proposta de sua alocação como *nomen dubium* (Franco & Pinto 2009). Dessa forma, o sinônimo-júnior *Leptotyphlops tenellus* Klauber, 1939 (atualmente *Epictia tenella*), cuja localidade-tipo é Kartabo, Guiana, deveria ser validado (Franco & Pinto 2009). Vínhamos, portanto, seguindo as recomendações de Franco & Pinto (2009) ao longo das últimas edições da Lista. Recentemente, Esqueda *et al.* (2015) designaram um neótípico para *S. albifrons*, coletado no estado do Pará (sem localidade específica) durante a expedição Thayer (1865 e 1866) e depositado no Museum of Comparative Zoology, EUA (MCZ R-2885), e sugeriram que *Leptotyphlops tenellus* (= *Epictia tenella*) é sinônimo-júnior de *S. albifrons* (= *E. albifrons*). Porém, Wallach (2016) rejeita a designação de Esqueda *et al.* (2015) argumentando que esses autores contrariaram o Código Internacional de Nomenclatura Zoológica em diversos aspectos, e que tanto *E. albifrons* quanto *E. tenella* são válidos, mas o espécime MCZ R-2885 pertence a *E. tenella* (para maiores detalhes, veja Wallach 2016:325-327). Wallach (2016) também tece comentários acerca do histórico envolvendo a validade de *Stenosoma albifrons* e designa um neótípico procedente da localidade-tipo original (Belém, Pará, Brazil), depositado no Monte L. Bean Life Science Museum, Brigham Young University, EUA (BYU 11490). Outros nove topótipos estão presentes nessa coleção e foram utilizados por aquele autor para redescobrir *S. albifrons*. Em suma, Wallach (2016) reconhece tanto *Epictia albifrons* e *E. tenella* como válidas, com a primeira restrita até o momento à localidade-tipo e a segunda com ampla distribuição.

Erythrolamprus trebbauui: Citada para o Brasil por Myers & Donnelly (2008) com base nos espécimes MZUSP 9235 e 9236 (Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo), procedentes das proximidades de Pacaraima, no estado de Roraima.

Helicops nentur: Descrita por Costa *et al.* (2016b) com base em cinco espécimes do estado de Minas Gerais.

Micrurus annellatus boliviensis: Citada para o Brasil por Silva Jr. *et al.* (2016) com base em material procedente do Acre. Registros de *Micrurus remotus* para o Acre na verdade se referem a *M. a. boliviensis* (veja abaixo em “Registros Invalidados em Unidades Federativas”).

Thamnodynastes phoenix: Descrita por Franco *et al.* (2017) com base em ampla série de espécimes das regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. Comum na Caatinga, *T. phoenix* vinha sendo citada como *Thamnodynastes* sp. ou *Thamnodynastes* sp.2 por diversos autores (Franco *et al.* 2017).

Táxons excluídos nesta edição

Squamata

“Lagartos”

Homonota fasciata (Duméril & Bibron, 1836): O registro de *H. fasciata* para o Brasil se baseia na descrição de *H. mattogrossensis* (Berg, 1895), considerada sinônimo-júnior de *H. horrida* (Burmeister, 1861), que por sua vez se tornou sinônimo de *H. fasciata* (Cacciali *et al.* 2017). O exame recente do holótipo de *H. fasciata*, depositado no Muséum National d’Histoire Naturelle, na França (MHN 6756), indica que o mesmo não se encaixa em nenhuma população atualmente identificada sob este nome – tornando *H. fasciata* uma *species inquirenda* – o que levou à revalidação de *H. horrida* (Cacciali *et al.* 2017). A descrição breve de *H. mattogrossensis*, somada à falta de material testemunho e qualquer registro adicional de *Homonota* no Mato Grosso do Sul (e.g., Ferreira *et al.* 2017) acarretou em sua classificação como *nomen dubium* (Cacciali *et al.* 2017). Desta forma, *Homonota uruguayensis*, presente no Rio Grande do Sul, é a única espécie do gênero confirmada para o Brasil.

Leiosaurus paronae (Peracca, 1897): Embora *L. paronae* tenha sido descrito com base em um exemplar “do Brasil”, sua distribuição geográfica não condiz com a localidade-tipo. *Leiosaurus paronae* é conhecido para o noroeste da Argentina (Morando *et al.* 2015), muito distante de qualquer localidade brasileira. A distribuição conhecida para *L. paronae* e a ausência de qualquer registro confiável da espécie no Brasil suportam o ponto de vista de Vanzolini (1977), que já havia sugerido que “é praticamente certo que essa espécie não ocorra no país”. Portanto, deve ser considerada equivocada a localidade-tipo “Brasile”, de *Aperopristis paronae* Peracca, 1897.

Tropidurus guarani Álvarez et al., 1994: A distribuição de *T. guarani* foi restringida ao Paraguai por Cacciali et al. (2016) e Carvalho (2016). Posteriormente, Cacciali & Köhler (2018) sinonimizaram *T. guarani* com *T. spinulosus* (Cope, 1862) e as populações previamente nomeadas como *T. guarani* no Brasil passaram a ser identificadas como *T. lagunablanca* Carvalho, 2016.

Serpentes

Erythrolamprus aesculapii monozena (Jan, 1863): Curcio et al. (2015) afirmam que ambos, *E. a. venustissimus* (Wied, 1821) e *E. a. monozena* (Jan, 1863), são nomes aplicáveis a espécimes de *E. aesculapii* da Mata Atlântica e do Brasil central (identificados por eles como “padrão E”) até que um estudo revisivo de *E. aesculapii* seja publicado. Dessa forma, excluímos *E. a. monozena* da Lista, mantendo *E. a. aesculapii* para as populações amazônicas e *E. a. venustissimus* para as demais populações brasileiras.

Erythrolamprus mimus mimus (Cope, 1868): Táxon reportado para Rondônia por Vanzolini (1986) com base em três exemplares coletados em área de influência da rodovia BR 364. Estes espécimes encontram-se depositados no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP 8502, 8724 e 8748) (Hussam Zaher e Daniela Gennari, *in lit.*), mas Curcio et al. (2015) dão esses exemplares como *E. aesculapii* em sua ampla lista de material examinado, ao mesmo tempo em que citam espécimes de *E. mimus* procedentes apenas de Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Equador e Peru.

Micrurus hemprichii rondonianus Roze & Silva Jr., 1990: Considerada sinônimo de *Micrurus hemprichii ortoni* Schmidt, 1953 por Silva Jr. et al. (2016).

Micrurus ornatus (Jan, 1858): Os espécimes brasileiros atribuídos a este táxon pertencem a outra espécie, *Micrurus tikuna*, segundo Feitosa et al. (2015).

Spilotes pullatus anomalepis Bocourt, 1888: Em sua revisão de *Spilotes pullatus*, Amaral (1930) reconheceu como válidas cinco subespécies, das quais *S. p. pullatus* (Linnaeus, 1758), *S. p. anomalepis* Bocourt, 1888 e *S. p. maculatus* Amaral, 1930 ocorreriam no Brasil. Abe & Fernandes (1977) consideraram *S. p. maculatus* sinônimo de *S. p. anomalepis*. Enquanto a distribuição de *S. p. pulattus* abrangeia o norte, oeste e centro do Brasil, *S. p. anomalepis* ocorria da Bahia ao Rio Grande do Sul (Amaral 1930). As duas subespécies se diferenciariam pela presença de escama loreal em *S. p. pullatus* (ausente em *S. p. anomalepis*) e pela coloração negra com faixas amarelas em *S. p. pullatus* e amarela com faixas negras em *S. p. anomalepis* (Amaral 1930). Contudo, o próprio Amaral (1930) identificou exemplares “aparentemente intermediários” entre os dois táxons. A grande variação de coloração (inclusive ontogenética) observada ao longo da distribuição de *S. pullatus* (Vanzolini et al. 1980; Savage 2002) e o registro de espécimes de “pullatus” sem loreal (e.g., Yuki et al. 1997) tornam a distinção entre as subespécies

brasileiras praticamente inviável. Desta forma, preferimos aqui considerar *S. p. anomalepis* um sinônimo-júnior de *S. p. pullatus*, ressaltando a necessidade de ampla revisão taxonômica desta espécie ao longo de sua distribuição.

Tantilla marcovani Lema, 2004: Considerado sinônimo-júnior de *Tantilla melanocephala* por Mata-Silva & Wilson (2016).

Registros duvidosos em Unidades Federativas

Justificamos abaixo, em ordem alfabética, os registros de algumas espécies considerados duvidosos para determinadas unidades federativas brasileiras. Esses registros foram identificados com uma interrogação (?) na lista de espécies.

Testudines

Acanthochelys radiolata – MT: Garbin et al. (2016) sugerem que o registro de *A. radiolata* para o rio Culene, no Mato Grosso (baseado em dois espécimes do Museu Nacional), deve constituir erro durante o tombamento do material.

Acanthochelys spixii – BA: O único registro citado para esta espécie na Bahia se baseia no exemplar MZUSP 85, procedente de “Rio São Francisco, Bahia”, o qual foi questionado por Rhodin et al. (1984).

Caretta caretta – AP: Com distribuição circunglobal, há registros de *C. caretta* por quase toda a costa brasileira, considerando-se locais de alimentação, nidificação e pesca acidental (Marcovaldi et al. 2011). O único estado banhado pelo litoral aparentemente sem registro da espécie é o Amapá. Considerando a presença de registros de *C. caretta* no litoral do Pará e da Guiana Francesa (TTWG 2017), a lacuna apresentada no litoral do Amapá deve ser apenas resultado de esforço amostral insuficiente.

Eretmochelys imbricata – AP: Amplamente distribuída pelos mares tropicais, *E. imbricata* já foi registrada ao longo de quase toda a costa brasileira, considerando-se locais de alimentação, nidificação e pesca acidental (Marcovaldi et al. 2011). O único estado banhado pelo litoral aparentemente sem registro da espécie é o Amapá. Considerando o fato de que a espécie possui sítios de desova na Guiana Francesa (TTWG 2017), sua ausência no Amapá deve ser apenas resultado de esforço amostral insuficiente.

Mesoclemmys hogei – SP: A localidade tipo de *Phrynops hogei*, “Rio Pequeno, sudeste de São Paulo” foi considerada errônea por Rhodin et al. (1982) e não há registros adicionais de *M. hogei* para esse estado. Assim, mantemos como questionável a presença da espécie em São Paulo.

Rhinoclemmys punctularia – RN: Schmidt & Inger (1951) citaram dois espécimes coletados na Lagoa Papari, Rio Grande do Norte. A ausência de novas coletas e a distância entre

esta localidade e aquelas para onde a espécie é conhecida na Amazônia levaram a questionamentos quanto a esse registro (Pritchard & Trebbau 1984). Contudo, ressaltamos que os encontros recentes de *R. punctularia* para Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro (Siciliano *et al.* 2014; Bérnails *et al.* 2015; Valle *et al.* 2016) podem ser indícios da veracidade de sua ocorrência no Rio Grande do Norte.

Squamata

"Lagartos"

Coleodactylus meridionalis – MS: Ferreira *et al.* (2017) citam *Coleodactylus cf. meridionalis* para o Mato Grosso do Sul, sem maiores informações. Dada a dúvida levantada pelos próprios autores quanto à identidade do táxon, consideramos questionável, por ora, a presença de *C. meridionalis* no Mato Grosso do Sul.

Colobosaura modesta – AP: Lima (2008) cita a espécie para o Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, sem maiores detalhes. Embora *C. modesta* possua ampla distribuição no Cerrado, sua ocorrência na Amazônia é marginal (Ribeiro-Júnior & Amaral 2017), levantando dúvidas quanto à sua presença no Amapá.

Colobosauroides cearensis – MA: Peloso *et al.* (2011) analisaram um espécime de *C. cearensis* do Museu Paraense Emílio Goeldi sem número de catálogo, mas “provavelmente do Maranhão”. Devido aos dados incompletos, mantemos como questionável a ocorrência dessa espécie para o estado do Maranhão.

Copeoglossum nigropunctatum – ES e RJ: Ribeiro-Júnior & Amaral (2016) citam para o Espírito Santo uma série de cinco exemplares tombados no Museum of Comparative Zoology como *Mabuya mabouya* (MCZ 92775-92779, procedentes de “Parque Sooretama, Espírito Santo, Brazil”; coleta de Vanzolini & Williams), e para o Rio de Janeiro, dois exemplares da mesma coleção também tombados como *M. mabouya* (identificados pelo gerente daquela coleção, José Rosado, segundo os registros do MCZ), um de São João da Barra, área de restinga (MCZ 79024) e outro da famosa Expedição Thayer – que passou também pela Amazônia – dado apenas como “Rio de Janeiro, Brazil” (MCZ 3323). Dentre mais de 3.800 exemplares de *C. nigropunctatum* citados por Ribeiro-Júnior & Amaral (2016), esses são os únicos da costa sudeste, região onde sabidamente ocorrem *Brasiliscincus agilis* e *Psychosaura macrorhyncha*, a primeira mais facilmente confundível com *C. nigropunctatum* e mantida na sinonímia de *M. mabouya* até a revisão realizada por Rebuças-Spieker (1974). Estudos recentes apontam que o nome *C. nigropunctatum* abrange um complexo de espécies (Miralles & Carranza 2010; Hedges & Conn 2012). Talvez os exemplares citados para o ES e RJ façam parte de uma linhagem que venha a ser reconhecida como espécie no futuro, mas não descartamos a possibilidade de se tratar de exemplares de *B. agilis* confundidos como *C. nigropunctatum*. Tendo em vista as incertezas aqui levantadas quanto à identidade desses espécimes, preferimos

manter como duvidosa a ocorrência de *C. nigropunctatum* no ES e RJ.

Ecpaleopus gaudichaudii – GO: Uzzell (1969) identificou como *E. gaudichaudii* um espécime da University of Michigan Museum of Zoology (UMMZ 79948) procedente de “Goyaz”. Tendo em vista a informação incompleta quanto à procedência do exemplar e o fato de *E. gaudichaudii* ocorrer majoritariamente em áreas de Mata Atlântica das regiões Sudeste e Sul do Brasil (Kunz *et al.* 2011; Ramos & Silveira 2011), tratamos como questionável a presença de *E. gaudichaudii* em Goiás.

Enyalius brasiliensis – GO e SC: Jackson (1978) identificou como *E. brasiliensis* um espécime do Museu Nacional (MNRJ 3446) procedente da Chapada dos Veadeiros, Goiás. Dada a discrepância desta localidade frente ao padrão de distribuição conhecido para *E. brasiliensis*, preferimos considerar questionável a presença da espécie naquele estado. Com relação a Santa Catarina, os únicos exemplares conhecidos para o estado são os síntipos de *E. brasiliensis* depositados no Muséum National d’Histoire Naturelle, Paris (originalmente MNHN 6816-A e 6816-B, hoje MNHN-RA-0.6816), que teriam sido coletados em 1822 pela expedição do navio la Coquille. O único porto brasileiro visitado pela fragata foi a Ilha de Santa Catarina, com coletas executadas na mesma e no continente adjacente (Papavero 1971; Jackson 1978). Essa região, contudo, tem sido alvo de coletas herpetológicas frequentes e nenhum dos estudos ali realizados ou das coleções que guardam expressivo material catarinense de répteis obteve novos espécimes de *E. brasiliensis* – ao que tudo indica, a única espécie do gênero presente no litoral de Santa Catarina é *E. iheringii* (RSB obs. pess.; Rodrigues *et al.* 2014). Curiosamente, antes de ancorar em Santa Catarina, a fragata la Coquille passou pelas ilhas oceânicas de Martim Vaz e Trindade (Papavero 1971), na altura do estado do Espírito Santo (onde ocorre *Enyalius brasiliensis*; Jackson 1978; Teixeira *et al.* 2005; Gasparini 2012), mas, até onde sabemos, não há registro de répteis de hábitos terrestres naquelas ilhas.

Enyalius catenatus – GO: Jackson (1978) identificou como *E. catenatus* (ou um híbrido entre *E. catenatus* e *E. pictus*) um espécime do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP 915) procedente do Rio das Almas. Dada a discrepancia desta localidade frente à distribuição conhecida para *E. catenatus* (ou mesmo *E. pictus*), preferimos considerar questionável a presença da espécie em Goiás.

Gonatodes hasemani – MS: Ferreira *et al.* (2017) citam *Gonatodes cf. hasemani* para o Mato Grosso do Sul, sem maiores informações. Dada a dúvida levantada pelos próprios autores quanto à identidade do táxon, consideramos questionável, por ora, a presença de *G. hasemani* no Mato Grosso do Sul.

Gymnophthalmus underwoodi – PA: A taxonomia do grupo de espécies de *G. underwoodi* é complexa e parece envolver algumas espécies ainda não identificadas. Indivíduos procedentes de localidades florestadas em Roraima, e mais recentemente do

estado do Amazonas, foram identificados como *G. underwoodi* (Ribeiro-Júnior & Amaral 2017), mas populações do Pará podem representar espécie distinta (Avila-Pires 1995).

***Kentropyx striata* – PE e BA:** Em sua revisão do gênero *Kentropyx*, Gallagher & Dixon (1992) citaram dois exemplares de *K. striata* para o nordeste brasileiro, um procedente da vila de Espírito Santo, em São Bento do Una, Pernambuco (MZUSP 2977) e outro de Ilhéus, Bahia (MZUSP 3000), sem comentários adicionais. *Kentropyx striata* é espécie do leste amazônico, particularmente da região das Guianas, habitante de enclaves de vegetação aberta (Ribeiro-Júnior & Amaral 2016). Outra espécie do gênero, *K. calcarata*, se distribui pela Amazônia e pela Mata Atlântica, onde não é rara (Ribeiro-Júnior & Amaral 2016). O registro de apenas dois exemplares antigos de *K. striata* fora da Amazônia poderia indicar uma presença relictual da espécie na região Nordeste do Brasil, mas também pode representar erros de catalogação. Por este motivo, preferimos considerar questionável a ocorrência de *K. striata* em Pernambuco e na Bahia.

***Norops brasiliensis* – MS:** Souza *et al.* (2010) citaram *Anolis* (*Norops*) *nitens*, juntamente com *A. meridionalis* para Porto Murtinho, região caquena no sudoeste do Mato Grosso do Sul. Atualmente, o nome *N. chrysolepis* é utilizado no lugar de *N. nitens*, tendo suas subespécies sido elevadas a espécies plenas (D'angiolella *et al.* 2011). Além de *Norops meridionalis*, nenhuma outra espécie do gênero foi registrada para o Mato Grosso do Sul por D'angiolella *et al.* (2011), sendo *N. brasiliensis* a espécie com registros mais próximos desse estado. Ferreira *et al.* (2017) citaram, além de *N. meridionalis*, a presença de “*Norops aff. meridionalis*”, mas com distribuição no Pantanal e não no Chaco. Assim, apontamos a possibilidade do táxon reportado por Souza *et al.* (2010) como *Anolis nitens* ser *Norops brasiliensis*, mantendo como duvidosa sua presença no Mato Grosso do Sul.

***Notomabuya frenata* – ES:** Espécie de lagartos saxícolas, *N. frenata* possui ampla distribuição, ocorrendo principalmente na chamada Diagonal de Áreas Abertas da América do Sul, mas também em enclaves de áreas abertas na Amazônia e Mata Atlântica (Ribeiro-Júnior & Amaral 2016). Sua presença no estado do Espírito Santo se baseia em um exemplar da coleção herpetológica da Universidade de Brasília (CHUNB 25337), procedente do município litorâneo de Presidente Kennedy (Harvey *et al.* 2008; Ribeiro-Júnior & Amaral 2016). Trata-se da única citação da espécie para toda a faixa costeira da Mata Atlântica e em uma localidade capixaba bem amostrada (RSB, *obs. pess.*). Devido à discrepância desta localidade frente ao padrão corológico confirmado para *N. frenata*, preferimos considerar questionável a presença da espécie no Espírito Santo.

***Placosoma glabellum* – MS:** Uzzell (1962) citou um antigo exemplar do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP 3005) procedente de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Placosoma glabellum* é espécie típica da Mata Atlântica, a qual atinge o sul do Mato Grosso do Sul, mas Campo Grande

situa-se em pleno Cerrado. Não descartamos a possibilidade de ocorrência de *P. glabellum* em florestas de galeria, o que poderia validar o registro do referido espécime, mas preferimos, neste momento, questionar a ocorrência de *P. glabellum* naquele estado.

***Uracentron a. azureum* – PE:** Avila-Pires (1995) examinou um espécime do University of Illinois Museum of Natural History (UIMNH 35780) procedente de Recife, Pernambuco. Dada a disjunção desse registro isolado com o restante da distribuição conhecida para a espécie, e a ausência de qualquer registro adicional para outras localidades da Mata Atlântica, optamos por considerar como duvidosa a presença de *U. azureum* em Pernambuco. Soma-se a essas considerações o fato da espécie não ter sido sequer considerada para Pernambuco em extenso levantamento herpetológico divulgado por Moura *et al.* (2011).

Amphisbaenia

***Amphisbaena neglecta* – TO:** Brandão & Péres Jr. (2001) citam *Amphisbaena cf. neglecta* para a região da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, sem informar detalhes sobre caracteres diagnósticos ou material testemunho. Assim, mantemos como questionável a presença de *A. neglecta* para o estado do Tocantins.

***Amphisbaena prunicolor* – MG, RJ e SP:** Perez *et al.* (2012) questionaram os registros de *A. prunicolor* feitos por Gans (1966) para esses estados devido ao material testemunho não estar numerado (Rio de Janeiro), ter desaparecido (Minas Gerais) ou se encontrar em mau estado de conservação (São Paulo).

Serpentes

***Apostolepis christineae* – MS:** Ferreira *et al.* (2017) citaram *Apostolepis cf. christineae* para o Mato Grosso do Sul, sem maiores informações. Dada a dúvida levantada pelos próprios autores quanto à identidade do táxon, consideramos questionável, por ora, a presença de *A. christineae* no Mato Grosso do Sul.

***Apostolepis goiasensis* – SP:** Zaher *et al.* (2011) citaram *A. goiasensis* para São Paulo, mas, durante nossa revisão bibliográfica, não encontramos registros dessa espécie para aquele estado (Loebmann & Lema 2012; Lema 2015; Martins & Lema 2015), preferindo manter sua ocorrência como duvidosa.

***Apostolepis longicaudata* – PB e ES:** Curcio *et al.* (2011) recomendaram a realização de mais estudos para confirmar se um exemplar procedente de Cabaceiras, Paraíba e outro de Linhares, Espírito Santo, pertencem ao táxon *A. longicaudata* ou a uma espécie ainda não descrita.

***Bothrops lutzi* – SP:** De acordo com Silva & Rodrigues (2008), o único registro de *B. lutzi* para São Paulo (município de Americana) pode representar um erro ou uma população relictual. Preferimos aqui manter o registro como questionável.

Crotalus durissus collilineatus – AM: A presença de *C. durissus* em áreas de savana amazônica foi reportada por alguns autores (e.g., McCranie 1993; Campbell & Lamar 2004), mas não há confirmação da subespécie presente nessas localidades. Tentativamente atribuímos o nome *C. d. collilineatus* para as cascavéis do Amazonas, mas esta aplicação é questionável.

Crotalus durissus terrificus – RO: Silva Jr. (1993) identificou “tentativamente” um espécime de Vilhena como *C. d. terrificus*. Considerando-se que o táxon típico do Brasil central é *C. d. collilineatus* (enquanto *C. d. terrifus* é típica das regiões Sudeste e Sul) (McCranie 1993), o registro de *C. d. terrificus* para Rondônia pode ser questionado, embora o registro de *C. durissus* seja um fato.

Micrurus decoratus – BA e RS: Gonzalez *et al.* (2014) revisaram a distribuição de *M. decoratus* e questionaram um registro desta espécie para a Bahia e outro para o Rio Grande do Sul, dada a ausência de informações detalhadas e de precisão a respeito das localidades de coleta.

Micrurus lemniscatus lemniscatus – CE: *Micrurus l. lemniscatus* foi citada para o Ceará com base em exemplares de Tanguá (IBSP 76989) e Ubajara (IBSP 77079) (Loebmann 2009; Loebmann & Haddad 2010; Roberto & Loebmann 2016), mas uma foto de um dos espécimes em vida (IBSP 77079) permite identificá-lo como *M. l. carvalhoi* (Darlan Feitosa, *in lit.*). Isso coloca em dúvida a identidade subespecífica do exemplar IBSP 76989 e, portanto, deixa incerta a real presença de *M. l. lemniscatus* no Ceará.

Siphlophis worontzowi – MS: Um exemplar atribuído a Campo Grande, depositado no Instituto Butantan (IBSP 29074, destruído pelo incêndio de 2010), seria o único registro da espécie para o Mato Grosso do Sul. Embora a identificação tenha sido confirmada, a validade do registro foi questionada (Prudente *et al.* 2017).

Sordellina punctata – RJ: Embora haja relatos da presença da espécie no Rio de Janeiro, não é conhecido nenhum espécime testemunho que confirme a ocorrência de *S. punctata* naquele estado (Pereira *et al.* 2007).

Xenodon hystericus – SP: Zaher *et al.* (2011) citaram *X. hystericus* para o estado de São Paulo, mas, durante nosso levantamento bibliográfico, incluindo uma recente revisão sobre a distribuição da espécie (Alves *et al.* 2013), não encontramos registros da espécie para aquele estado, preferindo manter sua ocorrência como duvidosa.

Registros Invalidados em Unidades Federativas

Justificamos abaixo, em ordem alfabética, os registros de algumas espécies invalidados para determinadas unidades federativas brasileiras. Esses registros foram identificados com uma exclamação (!) na lista de espécies.

Testudines

Acanthochelys radiolata – SP: O único registro de *A. radiolata* citado para o estado de São Paulo configura erro de Rhodin *et al.* (1984), que interpretaram “Sebastianópolis” (localidade-tipo de *Emys radiolata*) como sendo o município paulista de São Sebastião, enquanto, na verdade, se refere à cidade do Rio de Janeiro (Garbin *et al.* 2016).

Hydromedusa maximiliani – GO: Existe um registro de *H. maximiliani* para o município de Anápolis, Goiás, baseado em um espécime coletado em 1937 e depositado no American Museum of Natural History (AMNH 62140). Embora completamente formado, trata-se de um indivíduo em estágio embrionário, cujas fotografias foram examinadas por um de nós (HC). Anápolis se localiza a cerca de 650 km do registro mais próximo com ocorrência confirmada de *H. maximiliani*, e a região não possui condições climáticas favoráveis para a presença da espécie (Costa *et al.* 2015).

Phrynops hilarii – SP: Trata-se de uma espécie típica de clima subtropical a temperado, habitante das bacias do Uruguai e do Atlântico Sul (Souza 2005). O registro para o município de Sorocaba, estado de São Paulo, sem indicação de material testemunho ou registro fotográfico (Castanho *et al.* 2015), foi desconsiderado.

Phrynops tuberosus – CE, PB, PE e BA: Nos últimos anos foram publicados registros de cágados atribuídos a *P. tuberosus* procedentes da região Nordeste do Brasil (e.g., Amorim *et al.* 2011; Coelho *et al.* 2014; Moura *et al.* 2014; Rodrigues & Silva 2015). Contudo, existe um problema taxonômico envolvendo este nome, uma vez que *Platemys tuberosa* Peters, 1870 se baseia em um indivíduo jovem coletado em Roraima (Pritchard & Trebbau 1984). Seguimos aqui o TTWG (2017), que no Brasil registra *P. tuberosus* apenas para Roraima. O nome *Phrynops geoffroanus* pode ser adequado aos indivíduos identificados como *P. tuberosus* no Nordeste até que uma revisão desse grupo de cágados esteja disponível.

Squamata

Amphisbaenia

Amphisbaena neglecta – GO: Gans (1962) identificou como *A. neglecta* um espécime depositado no American Museum of Natural History (AMNH 62155), procedente de Anápolis, Goiás. Esse mesmo exemplar foi reidentificado como *A. anaemariae* por Vanzolini (1997). Esse detalhe passou despercebido por alguns autores, o que fez com que o registro de *A. neglecta* para Goiás tenha continuado a ser citado (e.g., Colli *et al.* 2016) ou ilustrado em mapas (e.g., Teixeira Jr. *et al.* 2014). Portanto, reforçamos aqui a falta de evidência da presença de *A. neglecta* em Goiás.

Amphisbaena steindachneri – SP: Zaher *et al.* (2011) citaram esta espécie para o estado de São Paulo, mas, durante nossa revisão bibliográfica, não encontramos registros de *A. steindachneri*

para aquele estado – espécimes de Cachoeira das Emas citados por Vanzolini (1948) foram posteriormente descritos como *A. roberti* (Gans, 1964).

"Lagartos"

***Ameiva ameiva* – SC e RS:** Há apenas uma citação antiga de *Ameiva ameiva* para o estado de Santa Catarina (Corupá, exemplar MZUSP 6193; Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo) e outra, também antiga, para o estado do Rio Grande do Sul (Osório, exemplar MZUSP 6361) dentre os 16.590 registros de 11 grandes coleções brasileiras e estadunidenses que Ribeiro-Júnior & Amaral (2016) levantaram para mapear a espécie para todo o continente. O mapa desenhado por esses autores mostra o quanto *A. ameiva* é comum por toda a América do Sul em sua porção cisandina e acima do Trópico de Capricórnio, com alguns poucos registros abaixo desse limite apenas no Paraguai e no noroeste da Argentina. Em grandes coleções herpetológicas da região Sul do Brasil, a despeito de muitas décadas de coleta e vasto material sulino reunido em seus acervos, não há um único espécime de *A. ameiva* procedente de Santa Catarina ou do Rio Grande do Sul, ou mesmo do estado do Paraná abaixo do Trópico de Capricórnio (RSB, *obs. pess.*). Diante dessa situação, os dois exemplares antigos de *A. ameiva* do MZUSP, por sua desconexão e incongruência geográfica e ambiental com o restante da distribuição conhecida da espécie, devem representar erro de tombamento ou, quando muito, registros de espécimes passivamente transportados para aqueles estados.

***Alopoglossus bucklery* – PA:** Maschio *et al.* (2012) citaram a espécie para a Serra dos Carajás, Pará, região totalmente fora da área de distribuição conhecida para *A. buckleyi* – extremo oeste da Amazônia, com registros para o Brasil apenas na fronteira com Peru e Colômbia (Avila-Pires 1995; Ribeiro-Júnior & Amaral 2017).

***Norops tandai* – MA:** Freitas *et al.* (2017) citaram *N. tandai* para o Maranhão com base em registro de Avila-Pires (1995). Contudo, Avila-Pires (1995) jamais apontou a presença de *N. nitens* para o Maranhão, e o levantamento de Ribeiro-Júnior (2015b) também não registrou a espécie para aquele estado. É possível que Freitas *et al.* (2017) tenham cometido erro de digitação, citando por engano *N. tandai* no lugar de outro táxon conspécífico, como *N. ortonii*, reportado para a região do rio Gurupi por Avila-Pires (1995).

***Plica plica* – MS:** Ribeiro-Júnior (2015b) identificou como *P. plica* um exemplar da Coleção Herpetológica da Universidade de Brasília (CHUNB 13563), procedente do município de Corumbá. Contudo, o referido espécime na verdade seria um indivíduo de *Tropidurus gr. spinulosus* (Samuel C. Gomides, *in lit.*), possivelmente *T. lagunablanca*, segundo a proposta taxonômica de Cacciali & Köhler (2018).

***Tupinambis longilineus* – MT:** Moraes *et al.* (2017b) reportaram que o espécime identificado como *T. longilineus* para Aripuanã, Mato Grosso, por Costa *et al.* (2008) (MZUFV 564, Museu

de Zoologia João Moojen, Universidade Federal de Viçosa), na verdade é um indivíduo de *T. teguixin*. Consequentemente, não há registro confirmado de *T. longilineus* para o Mato Grosso – as informações de Ávila *et al.* (2010) e São-Pedro *et al.* (2009) baseavam-se no mesmo espécime.

Serpentes

***Apostolepis ambiniger* – SP:** Lema *et al.* (2005) identificaram como *A. ambiniger* um exemplar depositado no Field Museum of Natural History (FMNH 69934), procedente da Fazenda Ipanema (hoje Floresta Nacional), em Iperó, estado de São Paulo. Esta identificação difere da de Harvey (1999) e Harvey *et al.* (2001), que sugerem se tratar de um exemplar de *A. dimidiata*. A distribuição conhecida de *A. ambiniger* inclui Bolívia, Paraguai, Argentina e o oeste do Brasil – registro que se baseia em um espécime de Miranda, Mato Grosso do Sul, citado originalmente por Koslowsky (1898), porém desaparecido (Lema *et al.* 2005). A localidade de Iperó destoa completamente do padrão corológico confirmado para *A. ambiniger* (Lema *et al.* 2005), mas se encaixa perfeitamente nos limites conhecidos para *A. dimidiata* (Nogueira *et al.* 2012). Desta forma, seguimos Harvey (1999) e Harvey *et al.* (2001) quanto à identidade do exemplar FMNH 69934.

***Apostolepis ammodites* – MS:** Lema & Renner (2007) apresentaram um mapa de registros de *A. ammodites* que inclui um ponto no leste do Mato Grosso do Sul. Contudo, nenhum espécime desse estado é citado, fato que nos leva a considerar a possibilidade de erro na confecção do mapa, e invalidar o registro.

***Apostolepis assimilis* – SC:** Há apenas uma citação de *Apostolepis assimilis* para o estado de Santa Catarina (“Ilha de Santa Catarina, Florianópolis”) feita com base nos exemplares “BGSS 5344, 5345, 5346”, pretensamente tombados em coleção feita por Paul Müller no “Biogeographic Institute from the Universität des Saarlandes, Saarbrücken”, segundo Lema (2002). Paul Müller realizou três expedições ao Brasil entre 1964 e 1969, e efetivamente esteve em Florianópolis, mas também visitou áreas de ocorrência confirmada (e frequente) de *Apostolepis assimilis*, em Cuiabá, Brasília, Belo Horizonte e São Paulo. Os dados disponíveis sobre a distribuição geográfica desta espécie (Ferrarelli *et al.* 2005) apresentam-na como sendo própria de áreas de Cerrado ou de transição entre o Cerrado e a Mata Atlântica, e habitante de clima tropical planáltico, isto é, sem registros para as áreas litorâneas de baixa altitude. Além disso, nas grandes coleções herpetológicas da região Sul do Brasil, a despeito de muitas décadas de coleta e vasto material sulino reunido em seus acervos, não há um único espécime de *A. assimilis* procedente de Santa Catarina ou mesmo do estado do Paraná abaixo do Trópico de Capricórnio (RSB, *obs. pess.*). Diante dessa situação, os três exemplares de *A. assimilis* citados por Lema (2002) como tendo sido obtidos por Paul Müller, por sua desconexão e incongruência geográfica e ambiental com o restante da distribuição conhecida da espécie, devem representar erro de tombamento ou de anotação do autor quando visitou a referida coleção.

Apostolepis dimidiata – RJ: Lema (1993) e Cabral *et al.* (2017) citaram o exemplar IBSP 8515 (Instituto Butantan, São Paulo), procedente de Joaquim Leite, estado do Rio de Janeiro, como sendo *A. dimidiata*. Um de nós (RSB) teve acesso a este exemplar antes do incêndio que atingiu o Instituto Butantan, identificando-o como *Elapomorphus quinquelineatus*. Esta mesma identificação foi apresentada recentemente por Entiauspe-Neto *et al.* (2017b). Portanto, não há registro confirmado da presença de *A. dimidiata* para o Rio de Janeiro.

Atractus trihedrurus – RS: Passos *et al.* (2010) questionaram um registro de *A. trihedrurus* feito por Lema (2005) para o Rio Grande do Sul sem *voucher*. Segundo os autores, o espécime reportado por Lema pode se tratar de um exemplar melânico de *A. paraguayensis*.

Atractus zebrinus – BA: O único registro conhecido de *A. zebrinus* para a Bahia se baseia em um exemplar que se encontra em mau estado de conservação, impossibilitando sua adequada identificação (Passos *et al.* 2010).

Corallus hortulanus – PR e SC: Puerto & Henderson (1994) relataram a existência de um espécime da coleção do Instituto Butantan (IBSP 55346) procedente do município de Marcílio Dias, Santa Catarina. Como os próprios autores realçaram, esse município se localiza na área central das formações de floresta ombrófila mista do sul do Brasil (Mata de Araucária), ambiente hostil para boídeos por seu clima; outrossim, a região se encontra relativamente bem amostrada, em particular nas coleções herpetológicas de Curitiba e Porto Alegre, pois além de inúmeros inventários e outros estudos ali realizados, herpetólogos residentes jamais registraram *C. hortulanus* nem qualquer outro boídeo na região. Henderson (1997) cita dois exemplares no United States National Museum (USNM 76386 e 76387), procedentes do Paraná, sem localidade específica. Nenhum outro exemplar da espécie foi registrado em território paranaense, a despeito de coletas em diversas localidades. Gonzalez (2014) levantou a possibilidade de que os exemplares do USNM possam ter sido coletados no estado de São Paulo, próximo à fronteira com o Paraná, mas nos registros daquela coleção não há indicações que permitam especulações.

Dipsas catesbyi – ES: O registro de *D. catesbyi* para o estado do Espírito Santo se baseia no espécime IBSP 25393 (Instituto Butantan, São Paulo), citado por Tonini *et al.* (2010); o espécime tem como procedência “Duas Bocas, margem direita do rio Tracajatuba, Amapá” e faz parte de um lote de 49 serpentes coletadas naquele estado e tombadas no IBSP em 1965. Trata-se de engano de Tonini *et al.* (2010), pois o topônimo amapaense é sinônimo da localidade capixaba por eles estudada (Duas Bocas). Apesar disso, *D. catesbyi* ocorre na Bahia e seu encontro no Espírito Santo é plausível.

Elapomorphus quinquelineatus – RS: Lema (1992), e mais recentemente Entiauspe-Neto *et al.* (2017b), citaram exemplares procedentes do Rio Grande do Sul, que seriam, portanto, os registros mais austrais para esta espécie – e os únicos para

aquele estado. Contudo, ao confrontar os dados daqueles autores com as coleções por eles citadas, constatou-se enganos que nos impedem de assumir a ocorrência de *E. quinquelineatus* para o Rio Grande do Sul. No primeiro engano, Lema (1992) relacionou o espécime NMW 21996 (Naturhistorischen Museum zu Wien, Áustria) como procedente de “Rio Grande do Sul”, sem localidade indicada e tendo sido coletado em “05.09.1872” por “Johann Natterer”; acontece que Johann Natterer esteve no Brasil apenas até 1835, tendo falecido na Áustria em 1848 (Papavero 1971; Riedl-Dorn 1999); não poderia, portanto, ter coletado qualquer animal no Rio Grande do Sul em 1872; além disso, em suas viagens pelo Brasil, Natterer jamais avançou para o sul além de 25°30'S, latitude de Paranaguá, no estado do Paraná (Straube 1993; 2012; Vanzolini 1993). O engano de Lema (1992) tem origem no próprio catálogo da coleção NMW, que registra os seguintes dados para o exemplar citado: “*Elapomorphus blumii* SCHLEGEL – det. LEMA, 1976; coll. NATTERER, IX.5.; Rio Grande do Sul”. Contudo, segundo Vanzolini (1993), o código “IX.5.” refere-se à nona viagem de Natterer pelo Brasil, correspondente ao período em que ele percorria afluentes da margem esquerda do rio Amazonas, e não à data cinco de setembro, como interpretou Lema (1992). Infelizmente, a etiqueta original do espécime, manuscrita a nanquim, não está mais legível (Heinz Grillitsch – curador da coleção herpetológica do museu vienense, *in lit.*). Devido a todas essas inconsistências, optamos por desconsiderar o espécime MNW 21996 e sua procedência “Rio Grande do Sul”. O segundo registro que Lema (1992) acusou para o Rio Grande do Sul provém do exemplar IBSP 52713 (Instituto Butantan, São Paulo), que seria procedente do município de Canguçu, sem data ou coletor. O exame da coleção IBSP revelou, contudo, que o espécime (que realmente é *Elapomorphus quinquelineatus*) possui sim dados de coletor e data (M.H. Antil leg., 01/III/1989) e procede de “Mairiporã, São Paulo”. Há exemplares de *Phalotris* (de outras espécies) procedentes de Canguçu, Rio Grande do Sul, em numeração próxima do exemplar em questão (*e.g.*, IBSP 51348 e 52455), que podem ter confundido aquele autor (à época de sua consulta, todas estavam alocadas em *Elapomorphus*). O terceiro registro para o Rio Grande do Sul foi relatado por Entiauspe-Neto *et al.* (2017b), proveniente do exemplar IBSP 31447, que seria procedente da localidade de Anta, no município de Sapucaia do Sul. Em consulta à coleção do IBSP em 2008, um de nós (RSB) examinou o espécime, que consta no catálogo do Instituto Butantan como procedente do distrito de Anta, no município de Sapucaia, estado do Rio de Janeiro. Assim, Rio Grande do Sul não é aqui considerado área de ocorrência de *E. quinquelineatus*.

Erythrolamprus cobella – MA: Freitas *et al.* (2017) citaram *E. cobella* para o Maranhão com base em Cunha & Nascimento (1993). Contudo, a espécie presente no estado, após revisão taxonômica, é *E. taeniogaster* (Fernandes *et al.* 2002).

Erythrolamprus taeniogaster – SP: Marques *et al.* (2005) apresentaram em seu guia fotográfico um espécime identificado como *Liophis taeniogaster* procedente do município de Águas de São Pedro, São Paulo. O referido espécime, depositado na coleção de répteis do Museu de Zoologia Dr. Adão José Cardoso,

da Universidade de Campinas (ZUEC 1556), pertence na verdade à espécie *E. frenatus* (RSB, *obs. pess.*). Portanto, *E. taeniogaster* não ocorre no estado de São Paulo.

***Helicops carinicaudus* – MS:** Ferreira *et al.* (2017) citaram *Helicops cf. carinicaudus* para o Mato Grosso do Sul, sem maiores informações. *Helicops carinicaudus* ocorre ao longo da faixa costeira de leste a sul do Brasil (Yuki & Lema 2005), sendo qualquer registro no Mato Grosso do Sul muito discrepante do padrão corológico conhecido hoje para a espécie. Por este motivo, e pela incerteza dos autores do registro em afirmar a espécie, desconsideramos a presença de *H. carinicaudus* no Mato Grosso do Sul.

***Lygophis anomalus* – PA, DF, MG, RJ, SP e SC:** *Lygophis anomalus* ocorre nos Pampas e no Chaco, e Dixon (1985; 1989) considerou como válidos no Brasil apenas as localidades de ocorrência no Rio Grande do Sul, questionando registros em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. Também desconsideramos a ocorrência de *L. anomalus* no Distrito Federal (Brandão & Araújo 1998) e no Pará (Maschio *et al.* 2012).

***Micrurus diutius* – CE:** Loebmann & Haddad (2010) e Roberto & Loebmann (2016) citaram *Micrurus diutius* para o Ceará com base no exemplar IBSP 77096, procedente de Ubajara. Este exemplar foi figurado em vida por Loebmann & Haddad (2010), tratando-se de *M. lemniscatus carvalhoi* (Darlan Feitosa, *in lit.*). Portanto, não há registro da presença de *M. diutius* no Ceará.

***Micrurus lemniscatus carvalhoi* – PA:** Guedes *et al.* (2003) citaram um exemplar para Santarém, Pará, depositado nas Faculdades Integradas do Tapajós (LPHA 1362). Trata-se de uma localidade improvável dentro do que se conhece da corologia desta espécie (Darla Feitosa, *in lit.*), o que nos faz questionar sua identificação e não reconhecer sua presença para aquele estado.

***Micrurus remotus* – AC:** Espécimes do Acre identificados como *M. remotus* por Bernarde *et al.* (2011, 2013) referem-se a *M. annellatus bolivianus* (Darlan Feitosa, *in lit.*).

***Spilotes sulphureus* – GO e SP:** Andrade *et al.* (2017) registraram *S. sulphureus* para o estado de Sergipe e apresentaram um mapa de pontos de ocorrência conhecidos da espécie no Brasil. O mapa não apresenta diversos registros conhecidos de *S. sulphureus* no país (HCC, *obs. pess.*) e citou o exemplar IBSP 19681 como procedente de “Porto Nacional, município de Luiziânia, Goiás”, que, na realidade, é Porto Nacional, estado do Tocantins (ainda Goiás na época da coleta do referido exemplar). A citação de *S. sulphureus* para “Paranapiacaba, São Paulo”, feita por Marques & Calleffo (1997) com base no espécime MZUSP 5622 (Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo), foi reproduzida por Lisboa *et al.* (2009) e Andrade *et al.* (2017), inclusive com a duplicação do ponto neste último artigo, dando a impressão de haver dois topônimos próximos com registro da espécie em São Paulo. Optamos aqui por considerar duvidosa essa

ocorrência, pela discrepância geográfica e altitudinal existente entre a localidade de Paranapiacaba e as demais encontradas para o litoral brasileiro do estado do Rio de Janeiro para o norte, onde efetivamente a espécie ocorre; além disso, atualmente, os próprios autores do registro o consideram dúvida (Otávio A.V. Marques, *in lit.*).

***Sordellina punctata* – MS:** O único exemplar de *S. punctata* conhecido para o Mato Grosso do Sul foi coletado em 1943 e chegou ao Instituto Butantan por meio de linha férrea. A localidade a ele atribuída, Porto Esperança, está localizada a mais de 900 km de distância dos demais registros conhecidos para *S. punctata* (Pereira *et al.* 2007).

Notas adicionais sobre os répteis do estado do Mato Grosso do Sul

Um estudo recente apresentou uma lista dos répteis do estado do Mato Grosso do Sul (Ferreira *et al.* 2017). Alguns registros foram questionados por nós (vide acima); outros foram incorporados como os primeiros de determinadas espécies para aquele estado. Contudo, há espécies registradas para o Mato Grosso do Sul por outras fontes, que não foram incluídas por Ferreira *et al.* (2017), nem tiveram sua presença questionada por aqueles autores. Dessa forma, mantivemos o registro dessas espécies como válidas para o estado. São elas:

***Apostolepis borelli*:** Revalidada por Martins & Lema (2015), endêmica do MS.

***Apostolepis flavotorquata*:** Registrada para Ilha Solteira, divisa entre Mato Grosso do Sul e São Paulo (Ferrarezzi *et al.* 2005).

***Atractus reticulatus*:** Registrada em Ponta Porã por Passos *et al.* (2010), com base no exemplar IBSP 16236.

***Bothrops itapetiningae*:** Mapeada no MS por Fenker *et al.* (2014), com base em revisão de literatura e exame de material testemunho (não citados individualmente).

***Bothrops jararacussu*:** Mapeada no MS por Fenker *et al.* (2014), com base em revisão de literatura e exame de material testemunho (não citados individualmente).

***Clelia plumbea*:** Registrada por Zaher (1996) para Agachi, Miranda (IBSP 15392), Jupiá (IBSP 22037), Passo do Lontra (IBSP 53707) e Três Lagoas (IBSP 21969).

***Mussurana quimi*:** Entiauspe-Neto *et al.* (2017c) citaram a espécie para Anaurilândia, com base em Scartozzoni (2005), o qual examinou exemplares do Instituto Butantan. Quatro exemplares citados por Scartozzoni (2005) como procedentes de São Paulo, na verdade são da margem direita do rio Paraná, municípios de Anaurilândia (IBSP 59363) e Porto Primavera (IBSP 61152, 61154 e 61155), Mato Grosso do Sul.

Philodryas agassizii: Registrada por Marques *et al.* (2006) para Ponta Porã (IBSP 33797), Rio Brilhante (IBSP 15747) e Terenos (IBSP 8829).

Ophiodes fragilis: Ferreira *et al.* (2017) reportaram “*Ophiodes* sp.1 – sensu Borges-Martins, 1998” e *O. striatus* para o MS. Porém, o próprio Borges-Martins (1998), em sua tese, não citou a ocorrência de *O. striatus* para esse estado, mas sim *O. fragilis*, baseado em dois exemplares do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP 2294, procedente de Salobra, e MZUSP 4332, procedente de Taunay). Possivelmente, Ferreira *et al.* (2017) citaram o nome *O. striatus* porque a revalidação de *O. fragilis* da tese de doutorado de Borges-Martins (1998) ainda não foi publicada por aquele autor. Contudo, outros estudos taxonômicos apontaram a validade de *O. fragilis*, o que nos fez incluir a espécie na lista brasileira (vide comentário em Costa & Bérnials 2015:79). Assim, consideramos para o Mato Grosso do Sul a presença de *O. fragilis* e *O. striatus*, sendo que as populações sul-matogrossenses deste último provavelmente constituem uma nova espécie, às vezes identificada como *Ophiodes* sp.1 (e.g., Ferreira *et al.* 2017).

Psomophis joberti: Registrada para a região de Ilha Solteira, divisa do Mato Grosso do Sul e São Paulo, por Hoge *et al.* (1974). O livro de registros do Instituto Butantan cita vários espécimes como procedentes do MS – à época Mato Grosso – (e.g., IBSP 36422-36439) e apenas um procedente de São Paulo (IBSP 36155).

Thamnodynastes nattereri: Registrada por Franco & Ferreira (2003) para Corumbá com base no exemplar IBSP 17286, identificado como “*Thamnodynastes* sp.1”. Contudo, esses mesmos autores afirmaram que o nome *Coluber nattereri* poderia ser aplicável aos indivíduos de “sp.1”, o que foi seguido por diversos autores nesses últimos anos, incluindo as edições anteriores desta lista.

Tropidurus catalanensis: No trabalho de descrição de *Tropidurus imbituba*, Kunz & Borges-Martins (2013) revalidaram *T. catalanensis* e o diferenciam de *T. torquatus*. Segundo a proposta daqueles autores, as populações de Mato Grosso do Sul, sudeste de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, seriam identificadas como *T. catalanensis*, não *T. torquatus*.

Xenodon hystericus: Registrada por Hoge *et al.* (1975) para Três Barras (IBSP 26012) Brilhante (IBSP 16868) e Ponta Porã (IBSP 16475).

Xenodon pulcher: Registrada para Porto Murtinho por Souza *et al.* (2010) – sob o nome *X. mattogrossensis* – e Cabral *et al.* (2015) com base em exemplar depositado na Coleção Zoológica de Referência da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (ZUFMS-REP 1003-CH290).

Xenopholis undulatus: Registrada para o Mato Grosso do Sul por Hoge & Federsoni (1974) a partir de uma série de exemplares de Três Lagoas (IBSP 18936, 21661, 21906, 22216) e Ilha Solteira (IBSP 34574, 34575, 35981, 36755).

AGRADECIMENTOS

Somos gratos a Philip Bowles pelo alerta sobre o registro de *E. trebbauai* para o Brasil; Hussam Zaher e Daniela Gennari por informações sobre espécimes depositados no MZUSP; Heinz Grillitsch por informações do NMW; Rafael Rigolon pelo auxílio com a questão *macrosoma* x *macrosomus*; Darlan Feitoza pelas informações sobre registros de *Micrurus*; Otávio A.V. Marques pela narrativa do registro questionável de *Spilotes sulphureus* para o estado de São Paulo; Samuel C. Gomides pela informação sobre o registro inválido de *Plica plica* para o estado do Mato Grosso do Sul; e Adriano O. Maciel, Arthur D. Abegg, Peter Uetz e Van Wallach pelo auxílio com algumas referências. HCC recebe bolsa de doutorado da CAPES.

REFERÊNCIAS

- Abe, A.S. & Fernandes, W.** 1977. Polymorphism in *Spilotes pullatus anomalepis* Bocourt (Reptilia: Serpentes: Colubridae). *Journal of Herpetology* 11(1):98-100. www.jstor.org/stable/1563302.
- Abegg, A.D.; Borges, L.M.; Rosa, C.M.; Entiauspe-Neto, O.M.; Arocha, N.M. & Santos-Jr., A.P.** 2016. Included, excluded and re-included: *Chironius brasili* (Serpentes, Colubridae) in Rio Grande do Sul, southern Brazil. *Neotropical Biology and Conservation* 11(3):198-203. <http://doi.org/10.4013/nbc.2016.113.11>.
- Adalsteinsson, S.A.; Branch, W.R.; Trape, S.; Vitt, L.J. & Hedges, S.B.** 2009. Molecular phylogeny, classification, and biogeography of snakes of the Family Leptotyphlopidae (Reptilia, Squamata). *Zootaxa* 2244:1-50. <http://mapress.com/zootaxa/2009/2/zt02244p050.pdf>.
- Alves, S.S.; Bolzan, A.M.R.; Santos, T.G.; Gressler, D.T. & Cecchin, S.Z.** 2013. Rediscovery, distribution extension and defensive behaviour of *Xenodon hystericus* (Squamata: Serpentes) in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. *Salamandra* 49(4):219-222. www.salamandra-journal.com/index.php/home/contents/2013-vol-49/344-alves-s-s-a-m-r-bolzan-t-g-santos-d-t-gressler-s-z-cechin-file.
- Amaral, A.** 1930 [datado 1929]. Estudos sobre ofídios neotrópicos XIX – Revisão do gênero *Spilotes* Wagler, 1830. *Memórias do Instituto Butantan* 4:275-299.
- Amorim, F.O.; Roberto, I.J. & Santos, E.M.** 2011. Inventário rápido da herpetofauna de seis localidades na Caatinga de Pernambuco, Nordeste do Brasil; pp. 429-443. In: Moura, G.J.B.; Santos, E.M.; Oliveira, M.A.B. & Cabral, M.C.C. (Orgs.). *Herpetologia do Estado de Pernambuco*. Ministério do Meio Ambiente, Brasília.
- Andrade, H.; Almeida, R.P.S. & Dias, E.J.R.** 2017. *Spilotes sulphureus* Wagler, 1824 (Squamata: Colubridae): review of distribution and first record in the state of Sergipe, northeastern Brazil. *Check List* 13(1):2055. <http://doi.org/10.15560/13.1.2055>.
- Arias, F.J.; Recoder, R.; Álvarez, B.B.; Ethcepare, E.; Quipildor, M.; Lobo, F. & Rodrigues, M.T.** 2018. Diversity of teiid lizards from Gran Chaco and Western Cerrado (Squamata: Teiidae). *Zoologica Scripta* 47:144-158. <http://doi.org/10.1111/zsc.12277>.
- Ávila, R.W.; Anjos, L.A.; Silva, R.J.; Costa, H.C.; São-Pedro, V.A. & Feio, R.N.** 2010. *Tupinambis longilineus* (NCN). Endoparasites. *Herpetological Review* 41(1):87-88.
- Avila-Pires, T.C.S.** 1995. Lizards of Brazilian Amazonia (Reptilia: Squamata). *Zoologische Verhandelingen* 299:1-706. www.repository.naturalis.nl/document/149074.
- Barbo, F.E.; Gasparini, J.J.; Almeida, A.P.; Zaher, H.; Grazziotin, F.G.; Gusmão, R.B.; Ferrarini, J.M.G. & Sawaya, R.J.** 2016. Another new and threatened species of lancehead genus *Bothrops* (Serpentes, Viperidae) from Ilha dos Franceses, Southeastern Brazil. *Zootaxa* 4097(4):511-529. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.4097.4.4>.
- Bernarde, P.S.; Albuquerque, S.; Barros, T.O. & Turci, L.C.B.** 2012. Serpentes do estado de Rondônia, Brasil. *Biota Neotropica* 12(3):154-182. <http://doi.org/10.1590/S1676-06032012000300018>.

- Bernarde, P.S.; Albuquerque, S.; Miranda, D.B. & Turci, L.C.B.** 2013. Herpetofauna da floresta do baixo rio Moa em Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil. *Biota Neotropica* 13(1):220-244. <http://doi.org/10.1590/S1676-06032013000100023>.
- Bernarde, P.S.; Machado, R.A. & Turci, L.C.B.** 2011. Herpetofauna da área do Igarapé Esperança na Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade, Acre, Brasil. *Biota Neotropica* 11(3):117-144. <http://doi.org/10.1590/S1676-06032011000300010>.
- Bérnails, R.S. & Costa, H.C.** 2012. Brazilian reptiles – List of species. Version 2012.1. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Acessado em 19 de setembro de 2016. www.sbherpetologia.org.br/lista_repteis/ListaRepteis-30Setembro2012-PORTUGUES.pdf.
- Bérnails, R.S.; Almeida, A.P.; Gasparini, J.L.; Srbek-Araujo, A.C.; Rocha, C.F.D. & Rodrigues, M.T.** 2015 [datado 2014]. Répteis na Reserva Natural Vale, Linhares, Espírito Santo, Brasil. *Ciência & Ambiente* 49:193-210.
- Borges-Martins, M.** 1998. Revisão taxonômica e sistemática filogenética do gênero *Ophiothes Wagler, 1828* (*Sauria, Anguidae, Diploglossinae*). Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 239p.
- Borges-Nojosa, D.M. & Caramaschi, U.** 2003. Composição e Análise Comparativa da Diversidade e das Afinidades Biogeográficas dos Lagartos e Anfíbios (Squamata) dos Brejos Nordestinos; pp. 463i512. In: Leal, I.R.; Tabarelli, M. & Silva, J.M. (Eds.). *Ecologia e Conservação da Caatinga*. Ministério do Meio Ambiente, Recife. www.mma.gov.br/estruturas/203_arquivos/5_livro_ecologia_e_conservao_da_caatinga_203.pdf.
- Borges-Nojosa, D.M.; Caramaschi, U. & Rodrigues, M.T.** 2016a. A new species of lizard *Placosoma* Tschudi, 1847 (Squamata: Gymnophthalmidae) from the relictual forest mountains of the State of Ceará, Brazil. *Zootaxa* 4169(1):160-170. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.4169.1.8>.
- Borges-Nojosa, D.M.; Lima, D.C.; Bezerra, C.H. & Harris, D.J.** 2016b. Two new species of *Apostolepis* Cope, 1862 (Serpentes: Elapomorphini) from brejos de altitude in northeastern Brazil. *Revista Nordestina de Zoológica* 10(2):74-94. www.revistanordestinadezoologia.net/images/stories/volume10_2/Artigo10.pdf.
- Brandão, R.A. & Araújo, A.F.B.** 1998. A herpetofauna da Estação Ecológica de Águas Emendadas; pp. 9-21. In: Marinho-Filho, J.; Rodrigues, F. & Guimarães, M. (Eds.). *Vertebrados da Estação Ecológica de Águas Emendadas: História Natural e Ecologia de um Fragmento de Cerrado do Brasil Central*. Secretaria de Ciência e Tecnologia do Distrito Federal, Brasília.
- Brandão, R.A. & Pérez Júnior, A.K.** 2001. Levantamento da herpetofauna na área de influência do aproveitamento hidroelétrico Luís Eduardo Magalhães, Palmas, TO. *Humanitas* 3:35-50.
- Brochu, C.A.** 2003. Phylogenetic approaches toward Crocodylian history. *Annual Review of Earth and Planetary Sciences* 31:357-97. <http://doi.org/10.1146/annurev.earth.31.100901.141308>.
- Cabral, H.; Lema, T. & Renner, M.F.** 2017. Revalidation of *Apostolepis barrioi* (Serpentes: Dipsadidae). *Phyllumedusa* 16(2):243-254. <http://doi.org/10.11606/issn.2316-9079.v16i2p243-254>.
- Cabral, H.; Piatti, L.; Souza, F.L.; Scrocchi, G. & Ferreira, V.L.** 2015. *Xenodon pulcher* (Jan, 1863) (Serpentes: Dipsadidae) first record for Brazil and a distribution extension. *Herpetology Notes* 8:361-364. <http://biotaxa.org/hn/article/view/9003>.
- Cacciali, P. & Köhler, G.** 2018. Diversity of *Tropidurus* (Squamata: Tropiduridae) in Paraguay – an integrative taxonomic approach based on morphological and molecular genetic evidence. *Zootaxa* 4375(4):511-536. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.4375.4.3>.
- Cacciali, P.; Morando, M.; Medina, C.D.; Köhler, G.; Motte, M. & Ávila, L.J.** 2017. Taxonomic analysis of Paraguayan samples of *Homonota fasciata* Duméril & Bibron (1836) with the revalidation of *Homonota horrida* Burmeister (1861) (Reptilia: Squamata: Phyllodactylidae) and the description of a new species. *PeerJ* 5:e3523. <http://doi.org/DOI10.7717/peerj.3523>.
- Cacciali, P.; Scott, N.J.; Ortiz, A.I.A.; Fitzgerald, L.A. & Smith, P.** 2016. The Reptiles of Paraguay: Literature, Distribution, and an Annotated Taxonomic Checklist. *Special Publication of the Museum of Southwestern Biology* 11:1-373. <http://repository.umn.edu/handle/1928/32390>.
- Campbell, J.A. & Lamar, W.W.** 2004. *The Venomous Reptiles of the Western Hemisphere*, 2 Vols. Cornell University Press, Ithaca, xviii + 970 + 28 pp.
- Carvalho, A.L.G.** 2013. On the distribution and conservation of the South American lizard genus *Tropidurus* Wied-Neuwied, 1825 (Squamata: Tropiduridae). *Zootaxa* 3640(1):042-056. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.3640.1.3>.
- Carvalho, A.L.G.** 2016. Three New Species of the *Tropidurus spinulosus* Group (Squamata: Tropiduridae) from Eastern. *American Museum Novitates* (3853):1-44. <http://doi.org/10.1206/3853.1>.
- Carvalho, A.L.G.; Sena, M.A.; Peloso, P.L.V.; Machado, F.A.; Montesinos, R.; Silva, H.R.; Campbell, G. & Rodrigues, M.T.** 2016. A New *Tropidurus* (Tropiduridae) from the Semiarid Brazilian Caatinga: Evidence for Conflicting Signal between Mitochondrial and Nuclear Loci Affecting the Phylogenetic Reconstruction of South American Collared Lizards. *American Museum Novitates* 3852:1-68. <http://doi.org/10.1206/3852.1>.
- Castanho, L.M.; Silva, F.R.; Camargo, P. & Mendes, C.V.M.** 2015. Herpetofauna do Município de Sorocaba; pp. 173i180. In: Smith, W.S.; Mota-Júnior, V.D. & Carvalho, J.L. (Orgs.). *Biodiversidade do Município de Sorocaba*. Secretaria de Meio Ambiente, Sorocaba.
- Chalkidis, H.M.** 2000. Geographic Distribution: *Amphisbaena fuliginosa varia*. *Herpetological Review* 31(4):253.
- Chalkidis, H.M.; Cordeiro-Duarte, A.C. & Vogt, R.C.** 2002. Geographic Distribution: *Amphisbaena fuliginosa fuliginosa*. *Herpetological Review* 33(2):148.
- Coelho, R.D.E.; Souza, K.; Santos, E.K.M.R.; Novelli, I.A. & Ribeiro, L.B.** 2014. *Phrynos tuberosus* (Peters' Side-necked Turtle). Hatchling size. *Herpetological Review* 45(3):485-486.
- Colli, G.R.; Fenker, J.; Tedeschi, L.G.; Barreto-Lima, A.F.; Mott, T. & Ribeiro, S.L.B.** 2016. In the depths of obscurity: Knowledge gaps and extinction risk of Brazilian worm lizards (Squamata, Amphisbaenidae). *Biological Conservation* 204:51-62. <http://doi.org/10.1016/j.bioco.2016.07.033>.
- Colli, G.R.; Hoogmoed, M.S.; Cannatella, D.C.; Cassimiro, J.; Gomes, J.O.; Ghellere, J.M.; Nunes, P.M.S.; Pellegrino, K.C.M.; Salerno, P.; Souza, S.M. & Rodrigues, M.T.** 2015. Description and phylogenetic relationships of a new genus and two new species of lizards from Brazilian Amazonia, with nomenclatural comments on the taxonomy of Gymnophthalmidae (Reptilia: Squamata). *Zootaxa* 4000(4):401-427. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.4000.4.1>.
- Costa, H.C. & Bérnails, R.S.** 2014. Répteis brasileiros: Lista de espécies. *Herpetologia Brasileira* 3(3):74-84. www.sbherpetologia.org.br/images/LISTAS/2014.03-07-MudançasTaxonomicas.pdf.
- Costa, H.C. & Bérnails, R.S.** 2015. Répteis brasileiros: Lista de espécies 2015. *Herpetologia Brasileira* 4(3):75-93. www.sbherpetologia.org.br/images/LISTAS/2015.03-Repteis.pdf.
- Costa, H.C.; Garcia, P.C.A. & Zaher, H.** 2016a. The correct authorship and date of lizard names Teiinae, Tupinambinae, and Gymnophthalmidae. *Zootaxa* 4132(2):295-300. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.4132.2.13>.
- Costa, H.C.; Rezende, D.T.; Molina, F.B.; Nascimento, L.B.; Leite, F.S.E. & Fernandes, A.P.B.** 2015. New Distribution Records and Potentially Suitable Areas for the Threatened Snake-Necked Turtle *Hydromedusa maximiliani* (Testudines: Chelidae). *Chelonian Conservation and Biology* 14(1):88-94. <http://doi.org/10.2744/ccab-14-01-88-94.1>.
- Costa, H.C.; Santana, D.J.; Leal, E.; Koroiva, R. & Garcia, P.C.A.** 2016b. A New Species of *Helicops* (Serpentes: Dipsadidae: Hydropsini) from Southeastern Brazil. *Herpetologica* 72(2):157-166. <http://doi.org/10.1655/HERPETOLOGICA-D-15-00059>.
- Costa, H.C.; São-Pedro, V.A.; Pérez Jr., A.K. & Feio, R.N.** 2008. Reptilia, Squamata, Teiidae, *Tupinambis longilineus*: Distribution extension. *Check List* 4(3):267-268. <http://doi.org/10.15560/4.3.267>.
- Cunha, O.R. & Nascimento, F.P.** 1993. Ofídios da Amazônia: as cobras da região leste do Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Zoologia* 9(1):1-191.
- Curcio, F.F.; Nunes, P.M.S.; Harvey, M.B. & Rodrigues, M.T.** 2011. Redescription of *Apostolepis longicaudata* (Serpentes: Xenodontinae) with comments on its hemipenial morphology and natural history. *Herpetologica* 67(3):318-331. 2011. <http://doi.org/10.1655/HERPETOLOGICA-D-10-00043.1>.
- Curcio, F.F.; Scali, S. & Rodrigues, M.T.** 2015. Taxonomic Status of *Erythrolamprus bizona* Jan (1863) (Serpentes, Xenodontinae): Assembling a Puzzle with Many Missing Pieces. *Herpetological Monographs* 29(1):40-64. <http://doi.org/10.1655/HERPMONOGRAPHHS-D-15-00022>.
- D'Angioletta, A.B.; Gamble, T.; Avila-Pires, T.C.S.; Colli, G.R.; Noonan, B.P. & Vitt, L.J.** 2011. *Anolis chrysolepis* Duméril and Bibron, 1837 (Squamata: Iguanidae), Revisited: Molecular Phylogeny and Taxonomy of the *Anolis chrysolepis* Species Group. *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology* 160(2):35-63. <http://doi.org/10.3099/0027-4100-160.2.35>.

- Di-Bernardo, M.; Borges-Martins, M. & Oliveira, R.B.** 2004. Proposed deletion of eight species of snakes from the Brazilian State of Rio Grande do Sul herpetofauna. *Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. Série Zoologia*, 17:45-50.
- Dixon, J.R.** 1985. A Review of *Liophis anomalus* and *Liophis elegantissimus*, and the Description of a New Species (Serpentes: Colubridae). *Copeia* 1985(3):565-573. www.jstor.org/stable/1444745.
- Dixon, J.R.** 1989. A key and checklist to the Neotropical snake genus *Liophis* with country list and maps. *Smithsonian Herpetological Information Service* 79:1-28.
- Entiauspe-Neto, O.M.; Abegg, A.D.; Quintela, F.M. & Loebmann, D.** 2017c. *Mussurana quimi* (Franco, Marques & Puerto, 1997) (Serpentes: Dipsadidae): first records for Rio Grande do Sul, southern Brazil. *Check List* 13(1):2053. <http://doi.org/10.15560/13.1.2053>.
- Entiauspe-Neto, O.M.; Quintela, F.M.; Regnet, R.A.; Teixeira, V.H.; Silveira, F. & Loebmann, D.** 2017a. A New and Microendemic Species of *Ophiodes* Wagler, 1828 (Sauria: Diploglossinae) from the Lagoa dos Patos Estuary, Southern Brazil. *Journal of Herpetology* 51(4):515-522. <http://doi.org/10.1670/17-007>.
- Entiauspe-Neto, O.M.; Renner, M.F.; Mario-da-Rosa, C.; Abegg, A.D.; Loebmann, D. & Lema, T.** 2017b. Redescription, geographic distribution and ecological niche modeling of *Elapomorphus wuchereri* (Serpentes: Dipsadidae). *Phyllomedusa* 16(2):225-242. <http://doi.org/10.11606/issn.2316-9079.v16i2p225-242>.
- Esqueda, L.E.; Schlüter, A.; Machado, C.; Castelain, M. & Mumaw, M.N.** 2015. Apéndice II. Una Nueva Especie de Cieguita o Serpiente de Gusano (Serpentes: Leptotyphlopidae: *Epictia*) nativa del Tepui Guai quinima, Provincia Pantepui en el Escudo de Guayana, Venezuela; p. 414-432. In: Mumaw, M.N.; González, L.F.E. & Fernández, M.C. (Eds.). *Atlas Serpientes de Venezuela: una Visión Actual de su Diversidad*. Fundación Biogeos, Asociación Venezolana de Herpetología, Fundación Ecológica sin Fronteras y Serpentario.com, Santiago de Chile.
- Feitosa, D.T.; Silva Jr., N.J.; Pires, M.G.; Zaher, H. & Prudente, A.L.C.** 2015. A new species of monadal coral snake of the genus *Micrurus* (Serpentes, Elapidae) from western Amazon. *Zootaxa* 3974(4):538-554. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.3974.4.5>.
- Fenker, J.; Tedeschi, L.G.; Pyron, R.A. & Nogueira, C.C.** 2014. Phylogenetic diversity, habitat loss and conservation in South American pitvipers (Crotalinae: Bothrops and Bothrocophias). *Diversity and Distributions* 20(10):1108-1119. <http://doi.org/10.1111/ddi.12217>.
- Fernandes, D.S.; Germano, V.J.; Fernandes, R. & Franco, F.L.** 2002. Taxonomic status and geographic distribution of the lowland species of the *Liophis cobella* group with comments on the species from the Venezuelan Tepuis (Serpentes, Colubridae). *Boletim do Museu Nacional, Nova Série Zoologia* 48:1-14.
- Ferrarezzi, H.; Barro, F.E. & Albuquerque, C.E.** 2005. Phylogenetic relationship of a new species of *Apostolepis* from Brazilian Cerrado with notes on the assimilis group (Serpentes: Colubridae: Xenodontinae: Elapomorphini). *Papéis Avulsos de Zoologia* 45(16):215-229. <http://doi.org/10.1590/S0031-10492005001600001>.
- Ferreira, V.I.; Tena, J.S.; Piatti, L.; Delatorre, M.; Strüssmann, C.; Béda, A.F.; Kawashita-Ribeiro, R.A.; Landgref-Filho, P.; Aoki, C.; Campos, Z.; Souza, F.L.; Ávila, R.W.; Duleba, S.; Martins, K.S.; Rita, P.H.S. & Albuquerque, N.R.** 2017. Répteis do Mato Grosso do Sul, Brasil. *Iheringia, Série Zoologia* 107(supl.):e2017153. <http://doi.org/10.1590/1678-4766e2017153>.
- Fraga, R.; Almeida, A.P.; Moraes, L.J.C.L.; Gordo, M.; Pirani, R.; Zamora, R.R.; Carvalho, V.T.; Passos, P. & Werneck, F.P.** 2017. Narrow Endemism or Insufficient Sampling? Geographic Range Extension and Morphological Variation of the Poorly Known *Atractus riveroi* Roze, 1961 (Serpentes: Dipsadidae). *Herpetological Review* 48(2):281-284.
- Franco, F.L. & Ferreira, T.G.** 2003 [datado 2002]. Descrição de uma nova espécie de *Thamnodynastes* Wagler, 1830 (Serpentes, Colubridae) do norte brasileiro, com comentários sobre o gênero. *Phyllomedusa* 1(2):57-74. <http://doi.org/10.11606/issn.2316-9079.v1i2p57-74>.
- Franco, F.L. & Pinto, R.R.** 2009. *Stenostoma albifrons* Wagler in Spix, 1824 as *nomen dubium* and recognition of the name *Leptotyphlops tenellus* Klauber, 1939 (Serpentes: Leptotyphlopidae). *Salamandra* 45(4):239-244. http://www.salamandra-journal.com/index.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D18%26Itemid%3D62.
- Franco, F.L.; Trevine, V.C.; Montingelli, G.C. & Zaher, H.** 2017. A new species of *Thamnodynastes* from the open areas of central and northeastern Brazil (Serpentes: Dipsadidae: Tachymenini). *Salamandra* 53(3):339-350. www.salamandra-journal.com/index.php/home/contents/2017-vol-53/1851-franco-f-l-v-c-trevine-g-g-montingelli-h-zaher/file.
- Freitas, M.A. & Silva, T.F.S.** 2007. *Guia Ilustrado: A Herpetofauna das Caatingas e Áreas de Altitudes do Nordeste Brasileiro*. USEB, Pelotas, 388 pp.
- Freitas, M.A.; Vieira, R.S.; Entiauspe-Neto, O.M.; Oliveira e Sousa, S.; Farias, T.; Sousa, A.G. & Moura, G.J.B.** 2017. Herpetofauna of the Northwest Amazon forest in the state of Maranhão, Brazil, with remarks on the Gurupi Biological Reserve. *Zookeys* 643:141-155. <http://doi.org/10.3897/zookeys.643.8215>.
- Gallagher, D.S. & Dixon, J.R.** 1992. Taxonomic revision of the South American lizard genus *Kentropyx* Spix (Sauria, Teiidae). *Bollettino del Museo Regionale di Scienze Naturali di Torino* 10(1):125-171.
- Gans, C.** 1962. Redefinition and Description of the Brasilian Reptiles *Amphisbaena silvestris* Boulenger and *A. neglecta* Dunn and Piatt. *Copeia* 1962(1):64-170. www.jstor.org/stable/1439492.
- Gans, C.** 1966. Studies on Amphisbaenids (Amphisbaenia, Reptilia) 3. The small species from Southern South America commonly identified as *Amphisbaena darwini*. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 134:185-260. <http://digilibRARY.amnh.org/dspace/handle/2246/1983>.
- Gans, C.** 2005. Checklist and bibliography of the Amphisbaenia of the World. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 289:1-130. <http://digilibRARY.amnh.org/handle/2246/457>.
- Garbin, R.C.; Karlugh, D.T.; Fernandes, D.S. & Pinto, R.R.** 2016. Morphological variation in the Brazilian Radiated Swamp Turtle *Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820) (Testudines: Chelidae). *Zootaxa* 4105(1):045-064. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.4105.1.2>.
- Goicochea, N.; Frost, D.R.; De la Riva, I.; Pellegrino, K.C.M.; Sites, J.; Rodrigues, M.T. & Padial, J.** 2016. Molecular systematics of teiid lizards (Teioidea/Gymnophthalmoidea: Squamata) based on the analysis of 48 loci under tree-alignment and similarity-alignment. *Cladistics* 36(6):624-671. <http://doi.org/10.1111/cla.12150>.
- Gonzalez, R.C.** 2014. Variação Morfológica de *Corallus hortulanus* (Linnaeus, 1758) (Serpentes: Boidae). Dissertação de Mestrado, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 255 pp. <http://objdig.ufrr.br/71/teses/82825.pdf>.
- Gonzalez, R.C.; Silva-Soares, T.; Castro, T.M. & Bérnails, R.S.** 2014. Review of the geographic distribution of *Micrurus decoratus* (Jan, 1858) (Serpentes: Elapidae). *Phyllomedusa* 13(1):29-39. <http://doi.org/10.11606/issn.2316-9079.v13i1p29-39>.
- Graboski, R.; Pereira Filho, G.A.; Silva, A.A.A.; Prudente, A.L.C. & Zaher, H.** 2015. A new species of *Amerotyphlops* from Northeastern Brazil, with comments on distribution of related species. *Zootaxa* 3920(3):443-452. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.3920.3.3>.
- Graziotin, F.G.; Zaher, H.; Murphy, R.W.; Scrocchi, G.; Benavides, M.A.; Zhang, Y.-P. & Bonatto, S.L.** 2012. Molecular phylogeny of the New World Dipsadidae (Serpentes: Colubroidea): a reappraisal. *Cladistics* 1(2012):1-23. <http://doi.org/10.1111/j.1096-0031.2012.00393.x>.
- Guedes, T.B.; Nogueira, C.C. & Marques, O.A.V.** 2014. Diversity, natural history, and geographic distribution of snakes in the Caatinga, Northeastern Brazil. *Zootaxa* 3863(1):1-93. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.3863.1.1>.
- Hamdan, B. & Lira-da-Silva, R.M.** 2012. The snakes of Bahia State, northeastern Brazil: species richness, composition and biogeographical notes. *Salamandra* 48(1):31-50. www.salamandra-journal.com/index.php/home/contents/2012-vol-48/272-hamdan-b-r-m-lira-da-silva/file.
- Harvey, M.B.** 1999. Revision of Bolivian Apostolepis (Squamata: Colubridae). *Copeia* 1999(2):388-409. www.jstor.org/stable/1447485.
- Harvey, M.B.; Aguayo, R. & Miralles, A.** 2008. Redescription and biogeography of *Mabuya cochabambae* Dunn with comments on Bolivian congeners (Lacertilia: Scincidae). *Zootaxa* 1828:43-56. www.mapress.com/zootaxa/2008/2/zt01828p056.pdf.
- Harvey, M.B.; Gonzales, L. & Scrocchi, G.J.** 2001. New species of *Apostolepis* (Squamata: Colubridae) from the Gran Chaco in Southern Bolivia. *Copeia* 2001(2):501-507. www.jstor.org/stable/1447895.
- Harvey, M.B.; Ugueito, G.N. & Gutberlet, R.L.** 2012. Review of Teiid Morphology with a Revised Taxonomy and Phylogeny of the Teiidae

- (Lepidosauria: Squamata). *Zootaxa* 3459:1-156. www.mapress.com/zootaxa/2012/2/zt03459p156.pdf.
- Hedges, S.B.** 2014. The high-level classification of skinks (Reptilia, Squamata, Scincomorpha). *Zootaxa* 3765:317-338. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.3765.4.2>.
- Hedges, S.B. & Conn, C.E.** 2012. A new skink fauna from Caribbean islands (Squamata, Mabuyidae, Mabuyinae). *Zootaxa* 3288:1-244. www.mapress.com/zootaxa/2012/2/zt03288p244.pdf.
- Hedges, S.B.; Marion, A.B.; Lipp, K.M.; Marin, J. & Vidal, N.** 2014. A taxonomic framework for typhlopoid snakes from the Caribbean and other regions (Reptilia, Squamata). *Caribbean Herpetology* 49:1-61. www.caribbeannerpetology.org/pdfs/ch49.pdf.
- Henderson, R.W.** 1997. A taxonomic review of the *Corallus hortulanus* complex of Neotropical Tree Boas. *Caribbean Journal of Science* 33(3-4):198-221.
- Hoge, A.R. & Federsoni, P.A.** 1974. Notes on *Xenopholis* Peters and *Paroxyrhinos* Schenkel (Serpentes: Colubridae). *Memórias do Instituto Butantan* 38:137-146.
- Hoge, A.R.; Cordeiro, C.L. & Romano, S.A.L.** 1975. Posição taxonômica de *Lystrophis nattereri* (Steindachner) [Serpentes, Colubridae]. *Memórias do Instituto Butantan* 39:37-50.
- Hoge, A.R.; Romano, S.A.R.W.L.; Federsoni Júnior, P.A. & Cordeiro, C.L.S.** 1974. Nota prévia. Lista das espécies de serpentes coletadas na região da Usina Hidroelétrica de Ilha Solteira, Brasil. *Memórias do Instituto Butantan* 38:167-178.
- Jackson, J.F.** 1978. Differentiation in the genera *Eryxalus* and *Strobilurus* (Iguanidae): implications for pleistocene climatic changes in eastern Brazil. *Arquivos de Zoologia* 30:1-40. <http://doi.org/10.11606/issn.2176-7793.v30i1p1-79>.
- Koslowsky, J.** 1898. Ofídios de Matto-Grosso (Brasil). *Revista del Museo de La Plata* 8:25-33. www.biodiversitylibrary.org/item/43893#page/41/mode/1up.
- Kunz, T.S. & Borges-Martins, M.** 2013. A new microendemic species of *Tropidurus* (Squamata: Tropiduridae) from southern Brazil and revalidation of *Tropidurus catalanensis* Gudynas & Skuk, 1983. *Zootaxa* 3681(4):413-439. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.3681.4.6>.
- Kunz, T.S.; Ghizoni-Jr., I.R. & Graipel, M.E.** 2011. Reptilia, Squamata, Gymnophthalmidae, *Echleopus gaudichaudii* Duméril and Bibron, 1839: Distribution extension in the state of Santa Catarina, Brazil. *Check List* 7(1):11-12. <http://doi.org/10.15560/7.1.11>.
- Lema, T.** 1992. Presença de *Elapomorphus quinquelineatus* (Raddi) no extremo-sul do Brasil e a ocorrência de rara anomalia (Serpentes, Colubridae, Xenodontinae, Elapomorphini). *Comunicações do Museu Ciéncia Tecnologia da PUCRS* 5(1):1-7.
- Lema, T.** 1993. Polimorfismo em *Apostolepis dimidiata* (Jan, 1862) com a inválidação de *Apostolepis villaricae* Lema, 1978 e *Apostolepis barrooi* Lema 1978 (Serpentes: Colubridae: Xenodontinae: Elapomorphini). *Acta Biológica Leopoldensia* 15:35-52.
- Lema, T.** 1994. Lista comentada dos répteis ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. *Comunicações do Museu de Ciéncias e Tecnologia da PUCRS, Série Zooloxia* 7:41-150.
- Lema, T.** 2002. Redescription of *Apostolepis sanctaeritae* Werner 1924 (Serpentes, Colubridae), and a Comparison with Related Species. *Copeia* 2002(4):1147-1151. [http://doi.org/10.1643/0045-8511\(2002\)002\[1147:ROASWS\]2.0.CO;2](http://doi.org/10.1643/0045-8511(2002)002[1147:ROASWS]2.0.CO;2).
- Lema, T.** 2005. New occurrence of *Atractus trihedrurus* Amaral (Serpentes: Xenodontinae). *Comunicações do Museu de Ciéncias e Tecnologia da PUCRS, Série Zoología* 18:53.
- Lema, T.** 2015. Remarks on *Apostolepis goiasensis* (Serpentes, Xenodontinae), with presentation of the holotype. *Caderno de Pesquisa, Série Biologia* 27(2):20-27. <http://online.unisc.br/seer/index.php/cadpesquisa/article/view/6779>.
- Lema, T.** 2016. Description of new species of *Apostolepis* (Serpentes: Dipsadidae: Xenodontinae: Elapomorphini) from Serra do Roncador, central Brazil. *Caderno de Pesquisa, Série Biologia* 28(1):1-11. <http://online.unisc.br/seer/index.php/cadpesquisa/article/view/7854>.
- Lema, T. & Renner, M.F.** 1998. O status de *Apostolepis quinquelineata* Boulenger, 1896, *A. pymi* Boulenger, 1903 e *A. rondoni* Amaral, 1925 (Serpentes, Colubridae, Elapomorphini). *Biociências* 6:99-121.
- Lema, T. & Renner, M.F.** 2007. Contribuição ao conhecimento de *Apostolepis ammodites* (Serpentes, Colubridae, Elapomorphinae). *Biociências* 15(1):126-142. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fabio/article/view/2220>.
- Lema, T. & Renner, M.F.** 2015. New specimens of *Apostolepis vittata* (Cope, 1887) (Serpentes, Elapomorphinae). *Caderno de Pesquisa, Série Biologia* 16(1):51-56.
- Lema, T.; Renner, M.F. & Silva, C.N.** 2005. Contribution to the knowledge of *Apostolepis ambiniger* (Peters, 1869) (Serpentes: Elapomorphinae). *Comunicações do Museu de Ciéncias e Tecnologia da PUCRS, Série Zoologia* 18(1):21-26.
- Lima, J.D.** 2008. A herpetofauna do Parque Nacional do Montanhas do Tumucumaque, Amapá, Brasil, Expedições I a IV; pp. 38-50. In: Bernard, E. (Ed.). *Iventários Biológicos Rápidos no Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, Amapá, Brasil*. RAP Bulletin of Biological Assessment 48. Conservation International, Arlington, EUA. www.conservation.org/global/brasil/publicacoes/Documents/RAP_Tumucumaque.pdf.
- Lisboa, B.S.; Tiburcio, I.C.S.; Silva, S.T. & Skuk, G.O.** 2009. Primeiro registro de *Pseustes sulphureus* (Wagler, 1824) (Serpentes: Colubridae) no Estado de Alagoas, Nordeste do Brasil. *Biotemas* 22(4):237-240. <http://doi.org/10.5007/2175-7925.2009v22n4p237>.
- Loebmann, D.** 2009. Geographic Distribution: *Micrurus lemniscatus lemniscatus* (Guiana's Ribbon Coralsnake). *Herpetological Review* 40(3):366.
- Loebmann, D. & Haddad, C.F.B.** 2010. Amphibians and reptiles from a highly diverse area of the Caatinga domain: composition and conservation implications. *Biotá Neotropica* 10(3):227-256. <http://doi.org/10.1590/S1676-06032010000300026>.
- Loebmann, D. & Lema, T.** 2012. New data on the distribution of the rare and poorly known *Apostolepis goiasensis* Prado, 1943 (Serpentes, Xenodontinae, Elapomorphini) with remarks on morphology and colouration. *Herpetology Notes* 5:523-525. www.herpetologynotes.seh-herpetology.org/VOLUME5_PDFs/Loebmann_Herpetology_Notes_Volume5_page523-525.pdf.
- Marcovaldi, M.A.A.G.; Santos, A.S. & Sales, G. (Orgs.).** 2011. *Plano de Ação Nacional para Conservação das Tartarugas Marinhas*. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Brasília, 120 pp. www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao/pan-tartarugas/livro_tartarugas.pdf.
- Marques, O.A.V. & Calleffo, M.E.** 1997. Geographic distribution: *Pseustes sulphureus*. *Herpetological Review* 28(3):160.
- Marques, O.A.V.; Eterovic, A.; Strüssmann, C. & Sazima, I.** 2005. *Serpentes do Pantanal: Guia Ilustrado*. Holos Editora, Ribeirão Preto, 184 pp.
- Marques, O.A.V.; Sawaya, R.J.; Stender-Oliveira, F. & França, F.G.R.** 2006. Ecology of the colubrid snake *Pseudelapides agassizii* in south-eastern South America. *Herpetological Journal* 16:37-45. www.ingentaconnect.com/contentone/bhs/thj/2006/00000016/00000001/art00006.
- Martins, L.A. & Lema, T.** 2015. Elapomorphini (Serpentes, Xenodontinae) do Brasil sudeste. *Neotropical Biology and Conservation* 10(2):93-102. <http://doi.org/10.4013/nbc.2015.102.05>.
- Maschio, G.E.; Galatti, U.; Neckel-Oliveira, S.; Gordo, M. & Bitar, Y.O.C.** 2012. Répteis de Carajás; pp. 82-97. In: Martins, F.D.; Castilho, A.F.; Campos, J.; Hatano, F.M. & Rolim, S.G. (Orgs.). *Fauna da Floresta Nacional de Carajás: Estudos sobre Vertebrados Terrestres*. Nitro Imagens, São Paulo.
- Mata-Silva, V. & Wilson, L.D.** 2016. The taxonomic status of *Tantilla marcavani* Lema 2004 (Squamata: Colubridae). *Zootaxa* 4092(3):421-425. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.4092.3.7>.
- McCrane, J.R.** 1980. *Drymarchon Fitzinger* – Indigo snake. *Catalogue of the American Amphibians and Reptiles* 267:1-4.
- McCrane, J.R.** 1993. *Crotalus durissus*. *Catalogue of American Amphibians and Reptiles* 577:1-11.
- Mendes-Pinto, T.J.; Souza, S.M.; Vogt, R.C. & Bernhard, R.** 2012. First record of *Platemys platycephala melanonota* Ernst, 1984 (Reptilia, Testudines, Chelidae) for the brazilian Amazon. *Revista de Ciéncias Ambientais* 5:103-107. <http://doi.org/10.18316/264>.
- Miralles, A. & Carranza, S.** 2010. Systematics and biogeography of the Neotropical genus *Mabuya*, with special emphasis on the Amazonian skink *Mabuya nigropunctata* (Reptilia, Scincidae). *Molecular Phylogenetics and Evolution* 54:857-869. <http://doi.org/10.1016/j.ympev.2009.10.016>.
- Moraes L.J.C.L.; Ribeiro-Júnior, M.A. & Pavan, D.** 2017b. *Tupinambis longilineus* Avila-Pires, 1995 (Squamata, Teiidae): revised distribution of a rare amazonian species. *North-Western Journal of Zoology* 13(2):364-368. http://biozoojournals.ro/nwjj/content/v13n2/nwjj_e167506_Moraes.pdf.

- Moraes, L.J.C.L.; Almeida, A.P.; Fraga, R.; Rojas, R.R.; Pirani, R.M.; Silva, A.A.A.; Carvalho, V.T.; Gordo, M. & Werneck, F.P.** 2017a. Integrative overview of the herpetofauna from Serra da Mocidade, a granitic mountain range in northern Brazil. *Zookeys* 715:103-159. <http://doi.org/10.3897/zookeys.715.20288>.
- Morando, M.; Olave, M.; Ávila, L.J.; Baker, E. & Sites, J.W.** 2015. Molecular Phylogeny of the Lizard Clade Leiosaurae Endemic to Southern South America. *Herpetologica* 71(4):322-331. <http://doi.org/10.1655/HERPETOLOGICA-D-14-00067>.
- Moura, C.C.M.; Moura, G.J.B.; Lisboa, E.B.F. & Luz, V.L.F.** 2014. Distribuição geográfica e considerações ecológicas sobre a fauna de Testudines da Região Nordeste do Brasil. *Sitientibus série Ciências Biológicas* 14:1-20. <http://doi.org/10.13102/scb236>.
- Moura, G.J.B.; Santos, E.M.; Oliveira, M.A.B. & Cabral, M.C.C.** 2011. Herpetofauna of Pernambuco. IBAMA, Brasília, 440 pp.
- Murphy, J.C.; Jowers, M.J.; Lehtinen, R.M.; Charles, S.P.; Colli, G.R.; Peres, A.K.; Hendry, C.R. & Pyron, R.A.** 2016. Cryptic, Sympatric Diversity in Tegu Lizards of the *Tupinambis teguixin* Group (Squamata, Sauria, Teiidae) and the Description of Three New Species. *Plos One* 11(8):e0158542. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0158542>.
- Myers, C.W. & Donnelly, M.A.** 2008. The Summit Herpetofauna of Auyantepui, Venezuela: Report from the Robert G. Goelet American Museum-Terramar Expedition. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 308:1-147. <http://digitallibrary.amnh.org/handle/2246/5896>.
- Nascimento, F.P. & Lima-Verde, J.S.** 1989. Ocorrência de oásidos de ambientes florestais em enclaves de matas úmidas do Ceará (Ophidida: Colubridae). *Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi, Zoologia* 5:95-100.
- Nogueira, C.; Barbo, F.E. & Ferrarelli, H.** 2012. Redescription of *Apostolepis albicularis* Lema, 2002, with a Key for the Species Groups of the Genus *Apostolepis* (Serpentes: Dipsadidae: Elapomorphini). *South American Journal of Herpetology* 7(3):213-225. <http://doi.org/10.2994/057.007.0303>.
- Papavero, N.** 1971. Essays on the History of Neotropical Dipterology. Vol. 1. São Paulo, Museu de Zoologia, 216 pp.
- Passos, P.; Fernandes, R.; Bérnials, R.S. & Moura-Leite, J.C.** 2010. Taxonomic revision of the Brazilian Atlantic Forest *Atractus* (Reptilia: Serpentes: Dipsadidae). *Zootaxa* 2364:1-63.
- Passos, P.; Prudente, A.L.C. & Lynch, J.D.** 2016. Redescription of *Atractus punctiventris* and Description of Two New *Atractus* (Serpentes: Dipsadidae) from Brazilian Amazonia. *Herpetological Monographs* 30(1):1-20. <http://doi.org/10.1655/HERPMONOGRAPHHS-D-14-00009>.
- Pellegrino, K.C.M.; Rodrigues, M.T.; Yonenaga-Yassuda, Y. & Sites, J.W.** 2001. A molecular perspective on the evolution of microteiid lizards (Squamata, Gymnophthalmidae), and a new classification for the family. *Biological Journal of the Linnean Society* 74:315-338. <http://doi.org/10.1006/bijl.2001.0580>.
- Peloso, P.L.V.; Pellegrino, K.C.M.; Rodrigues, M.T. & Avila-Pires, T.C.S.** 2011. Description and Phylogenetic Relationships of a New Genus and Species of Lizard (Squamata, Gymnophthalmidae) from the Amazonian Rainforest of Northern Brazil. *American Museum Novitates* 3713:1-24. <http://hdl.handle.net/2246/6113>.
- Perez, R.; Ribeiro, S. & Borges-Martins, M.** 2012. Reappraisal of the taxonomic status of *Amphisbaena prunicolor* (Cope 1885) and *Amphisbaena albocingulata* Boettger 1885 (Amphisbaenia: Amphisbaenidae). *Zootaxa* 3550:1-25. www.mapress.com/zootaxa/2012/2/zt03550p025.pdf.
- Pinto-Sánchez, N.R.; Calderón-Espinosa, M.L.; Miralles, A.; Crawford, A.J. & Ramírez-Pinilla, M.P.** 2015. Molecular phylogenetics and biogeography of the Neotropical skink genus *Mabuya* Fitzinger (Squamata: Scincidae) with emphasis on Colombian populations. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 93:188-211. <http://doi.org/10.1016/j.ympev.2015.07.016>.
- Pritchard, P.C.H. & Trebbau, P.** 1984. *The Turtles of Venezuela*. Society for the Study of Amphibians and Reptiles, Oxford. 414 pp.
- Prudente, A.L.C.; Silva, F.M.; Meirelles, M.S. & Puerto, G.** 2017. Morphological variation in *Siphlophis worontzowi* (Squamata: Serpentes: Dipsadidae) from the Brazilian Amazon. *Salamandra* 53(2):245-256. www.salamandra-journal.com/index.php/home/contents/2017-vol-53/1828-prudente-a-l-c-f-m-silva-m-s-meireles-g-puerto-file.
- Puerto, G. & Henderson, R.W.** 1994. Ecologically significant distribution records for the common tree boa (*Corallus enydris*) in Brasil. *Herpetological Natural History* 2(2):89-91.
- Pyron, R.A.; Burbrink, F.T. & Wiens, J.J.** 2013. A phylogeny and updated classification of Squamata, including 4161 species of lizards and snakes. *BMC Evolutionary Biology* 13:93. <http://doi.org/10.1186/1471-2148-13-93>.
- Pyron, R.A.; Reynolds, R.G. & Burbrink, F.T.** 2014. Taxonomic Revision of Boas (Serpentes: Boidae). *Zootaxa* 3846:249-260. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.3846.2.5>.
- Ramos, L.O. & Silveira, A.L.** 2011. New records and distribution map of *Ecpaleopus gaudichaudii* (Reptilia, Squamata, Gymnophthalmidae) in southeastern Brazil. *Herpetology Notes* 4:173-176. www.herpetologynotes.seh-herpetology.org/Volume4_PDFs/Ramos_Silveira_Herpetology_Notes_Volume4_pages173-176.pdf.
- Rebouças-Spieker, R.** 1974. Distribution and differentiation of animals along the coast and in continental islands of the state of São Paulo, Brasil. 2. Lizards of the genus *Mabuya* (Sauria, Scincidae). *Papéis Avulsos de Zoologia* 28(2):197-240.
- Rhodin, A.G.J.; Mittermeier, R.A. & Rocha-e-Silva, R.** 1982. Distribution and taxonomic status of *Phrynops hogei*, a rare chelid turtle from Southeastern Brazil. *Copeia* 1982(1):179-181. www.jstor.org/stable/1444284.
- Rhodin, A.G.J.; Rocha-e-Silva, R. & Mittermeier, R.A.** 1984. Distribution of the South American Chelid Turtles *Platemys radiolata* and *P. spixii*. *Copeia* 1984(3):780-786. www.jstor.org/stable/1445169.
- Ribeiro, S.; Gomes, J.O.; Silva, H.L.R.; Cintra, C.E.D. & Silva Jr., N.J.** 2016. A new two-pored species of *Amphisbaena* (Squamata, Amphisbaenidae) from the Brazilian Cerrado, with a key to the two-pored species of *Amphisbaena*. *Zootaxa* 4147(2):124-142. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.4147.2.2>.
- Ribeiro, S.; Silveira, A.L. & Santos-Jr., A.P.** 2018. A New Species of *Leposternon* (Squamata: Amphisbaenidae) from Brazilian Cerrado with a Key to Pored Species. *Journal of Herpetology* 52(1):50-58. <http://doi.org/10.1670/16-125>.
- Ribeiro-Júnior, M.A.** 2015a. Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia. II. Gekkonidae, Phyllodactylidae, Sphaerodactylidae. *Zootaxa* 3981(1):001-055. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.3981.1.1>.
- Ribeiro-Júnior, M.A.** 2015b. Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia. I. Dactyloidae, Hoplocercidae, Iguanidae, Leiosauridae, Polychrotidae, Tropiduridae. *Zootaxa* 3983(3):001-110. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.3983.1.1>.
- Ribeiro-Júnior, M.A. & Amaral, S.** 2016. Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia. III. Anguidae, Scincidae, Teiidae. *Zootaxa* 4205(5):401-430. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.4205.5.1>.
- Ribeiro-Júnior, M.A. & Amaral, S.** 2017. Catalogue of distribution of lizards (Reptilia: Squamata) from the Brazilian Amazonia. IV. Alopoglossidae, Gymnophthalmidae. *Zootaxa* 4269(2):151-196. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.4269.2.1>.
- Ribeiro-Júnior, M.A.; Silva, M.B. & Lima, J.D.** 2016. A New Species of *Bachia* Gray 1845 (Squamata: Gymnophthalmidae) from the Eastern Guiana Shield. *Herpetologica* 72(2):148-156. <http://doi.org/10.1655/HERPETOLOGICA-D-15-00030>.
- Riedl-Dorn, C.** 1999. Johann Natterer e a Missão Austríaca para o Brasil. Rio de Janeiro, Editora Index, 192 pp.
- Roberto, I.J. & Loebmann, D.** 2016. Composition, distribution patterns, and conservation priority areas for the herpetofauna of the state of Ceará, northeastern Brazil. *Salamandra* 52(2):134-152. www.salamandra-journal.com/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=569&Itemid=80.
- Rodrigues, J.F.M. & Silva, J.R.F.** 2015. Sexual dimorphism, deformations, and epibionts of *Phrynops tuberosus* (Testudines, Chelidae). *Animal Biology* 65:311-320. <http://doi.org/10.1163/15707563-00002480>.
- Rodrigues, M.T.; Recoder, R.; Teixeira Jr., M.; Roscito, J.G.; Guerrero, A.C.; Nunes, P.M.S.; Freitas, M.A.; Fernandes, D.S.; Bocchiglieri, A.; Dal Vecchio, E.; Leite, F.S.E.; Nogueira, C.C.; Damasceno, R.; Pellegrino, K.C.M.; Argollo, A.J.S. & Amaro, R.C.** 2017. A morphological and molecular study of *Psilops*, a replacement name for the Brazilian microteiid lizard genus *Psilophthalmus* Rodrigues 1991 (Squamata, Gymnophthalmidae), with the description of two new species. *Zootaxa* 4286(4):451-482. <http://doi.org/10.11646/zootaxa.4286.4.1>.
- Santos, G.S.; Lema, T.; Winck, G.R.; Cechin, S.Z. & Boelter, R.A.** 2013. Distribution extension of the yellow anaconda *Eunectes notaeus* Cope,

- 1862 (Squamata: Boidae) in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. *Check List* 9(3):660-662. <http://doi.org/10.15560/9.3.660>.
- São-Pedro, V.A.; Costa, H.C. & Feio, R.N. 2009.** A Herpetofauna do AHE Dardanelos, Aripuanã, Mato Grosso. Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, 42 pp.
- Savage, J.M. 2002.** *The Amphibians and Reptiles of Costa Rica, a Herpetofauna between Two Continents, between Two Seas*. Chicago, The University of Chicago Press, xx + 934 pp.
- Savage, J.M. 2017.** Crocodilian Confusion: The Order-group Names Crocodyli, Crocodilia, Crocodylia, and the Authorship of the Family-group Name Crocodylidae or Crocodylidae. *Herpetological Review* 48(1):110-114.
- Savage, J.M.; Campbell, J.A. & Lamar, W.W. 2005.** On Names for Neotropical Rattlesnakes (Reptilia: Serpentes: Viperidae: *Crotalus*). *Herpetological Review* 36(4):369-371.
- SBH – Sociedade Brasileira de Herpetologia. 2006.** Lista de espécies de répteis do Brasil. Disponível em www.sbsherpetologia.org.br/lista_repteis/ListaRepteis03Outubro2006.pdf. Acessado em 22 de novembro de 2016.
- Scartozzoni, R.R. 2005.** *Morfologia de serpentes aquáticas neotropicais: um estudo comparativo*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 102 pp.
- Schmidt, K.P. & Inger, R.F. 1951.** Amphibians and Reptiles of the Hopkins-Branner Expedition to Brazil. *Fieldiana Zoology* 31(42):439-465. [www.biodiversitylibrary.org/item/21242](http://biodiversitylibrary.org/item/21242).
- Siciliano, S.; Moura, J.F.; Tavares, D.C.; Amorim, C.E.S. & Matias, C.A.R. 2014.** On the intriguing occurrence of *Rhinoclemmys punctularia* (Daudin, 1801) in coastal plains of eastern Rio de Janeiro, Brazil. *Herpetology Notes* 7:667-671. www.biota.org/hn/article/view/8559/10469.
- Silva Jr., N.J. 1993.** The snakes from Samuel hydroelectric power plant and vicinity, Rondônia, Brazil. *Herpetological Natural History* 1(1):37-86.
- Silva Jr., N.J.; Pires, M.G. & Feitosa, D.T. 2016.** Diversidade de cobras-corais do Brasil; p. 71-160. In: Silva Jr., N.J. (Org.). *As cobras-corais do Brasil: biologia, taxonomia, venenos e envenenamentos*. Editora da PUC Goiás, Goiânia.
- Silva Jr., N.J.; Silva, H.L.R.; Ribeiro, R.S.; Souza, I. & Souza, C.A. 2005.** Uma nova espécie do gênero *Atractus* Wagler, 1928 (Colubridae: Dipsadinae) do Cerrado do Brasil central. *Papéis Avulsos de Zoologia* 45(3):33-39. <http://doi.org/10.1590/S0031-10492005000300001>.
- Silva, M.B.; Ribeiro-Júnior, M.A. & Avila-Pires, T.C.S. 2018.** A New Species of *Tupinambis* Daudin, 1802 (Squamata: Teiidae) from Central South America. *Journal of Herpetology* 52(1):94-110. <http://doi.org/10.1670/16-036>.
- Silva, V.X. & Rodrigues, M.T. 2008.** Taxonomic revision of the *Bothrops neuwiedi* complex (Serpentes, Viperidae) with description of a new species. *Phyllomedusa* 7(1):45-90. <http://doi.org/10.11606/issn.2316-9079.v7i1p45-90>.
- Souza, F.L. 2005.** Geographical distribution patterns of South American side-necked turtles (Chelidae), with emphasis on Brazilian species. *Revisita Española de Herpetología* 19:33-46. www.herpetologica.org/revesphervol19_2005/rev19_text_33-46.pdf.
- Souza, F.L.; Uetanabaro, M.; Landgref-Filho, P.; Piatti, L. & Prado, C.P.A. 2010.** Herpetofauna, municipality of Porto Murtinho, Chacoreion, state of Mato Grosso do Sul, Brazil. *Check List* 6(3):470-475. www.checklist.org.br/getpdf?SL013-10.
- Straube, F.C. 1993.** Revisão do itinerário da Expedição Natterer ao Estado do Paraná. *Acta Biologica Leopoldensia* 15(1):5-20.
- Straube, F.C. 2012.** *Ruínas e urubus: história da Ornitológia no Paraná*. Período de Natterer, 1 (1820-1834). Curitiba, Hori Consultoria Ambiental, 241 pp.
- Sturaro, M.J.; Avila-Pires, T.C.S. & Rodrigues, M.T. 2017.** Molecular phylogenetic diversity in the widespread lizard *Cercosaura ocellata* (Reptilia: Gymnophthalmidae) in South America. *Systematics and Biodiversity* 15(6):532-540. <http://doi.org/10.1080/14772000.2017.1284913>.
- Teixeira Jr., M.; Dal Vechio, F.; Mollo Neto, A. & Rodrigues, M.T. 2014.** A New Two-Pored *Amphisbaena* Linnaeus, 1758, from Western Amazonia, Brazil (Amphisbaenia: Reptilia). *South American Journal of Herpetology* 9(1):62-74. <http://doi.org/10.2994/SAJH-D-14-00004.1>.
- Tonini, J.F.R.; Carão, L.M.; Pinto, I.S.; Gasparini, J.L.; Leite, Y.L.R. & Costa, L.P. 2010.** Non-volant tetrapods from Reserva Biológica de Duas Bocas, State of Espírito Santo, Southeastern Brazil. *Biota Neotropica* 10(3):339-351. <http://doi.org/10.1590/S1676-06032010000300032>.
- Torres-Carvajal, O.; Lobos, S.E. & Venegas, P.J. 2015.** Phylogeny of Neotropical *Cercosaura* (Squamata: Gymnophthalmidae) lizards. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 93:281-288. <http://doi.org/10.1016/j.ympev.2015.07.025>.
- Torres-Carvajal, O.; Lobos, S.E.; Venegas, P.J.; Chávez, G.; Aguirre-Peñaflor, V.; Zurita, D. & Echevarría, L.Y. 2016.** Phylogeny and biogeography of the most diverse clade of South American gymnophthalmid lizards (Squamata, Gymnophthalmidae, Cercosaurinae). *Molecular Phylogenetics and Evolution* 99:63-75. <http://doi.org/10.1016/j.ympev.2016.03.006>.
- Tucker, D.B.; Colli, G.R.; Giugliano, L.G.; Hedges, S.B.; Hendry, C.R.; Lemmon, E.M.; Lemmon, A.R.; Sites Jr., J.W. & Pyron, R.A. 2016.** Methodological congruence in phylogenomic analyses with morphological support for teiid lizards (Sauria: Teiidae). *Molecular Phylogenetics and Evolution* 103:75-84. <http://doi.org/10.1016/j.ympev.2016.07.002>.
- Turtle Taxonomy Working Group – TTWG [Rhodin, A.G.J.; Iverson, J.B.; Bour, R.; Fritz, U.; Georges, A.; Shaffer, H.B. & van Dijk, P.P. 2014.** Turtles of the World: Annotated checklist and atlas of taxonomy, synonymy, distribution, and conservation status (8th Ed.); pp. 1-292. In: Rhodin, A.G.J.; Iverson, J.B.; van Dijk, P.P.; Saumure, R.A.; Buhlmann, K.A.; Pritchard, P.C.H. & Mittermeier, R.A. (Eds.). Conservation Biology of Freshwater Turtles and Tortoises: A Compilation Project of the IUCN/SSC Tortoise and Freshwater Turtle Specialist Group. *Chelonian Research Monographs* 7. <http://doi.org/10.3854/crm.7.checklist.atlas.v8.2017>.
- Uetz, P. & Hošek, J. 2018.** The Reptile Database. Acessado em 06 de março de 2018. www.reptile-database.org.
- Uzzell, T.M. 1959.** Teiid lizards of the genus *Placosoma*. *Occasional Papers of the Museum of Zoology, University of Michigan* 606:1-16. <http://deepblue.lib.umich.edu/handle/2027.42/57043>.
- Uzzell, T.M. 1962.** Additional notes on teiid lizards of the genus *Placosoma*. *Copeia* 1962(4):833-835. www.jstor.org/stable/1440686.
- Uzzell, T.M. 1969.** The status of the genera *Ecleoporus*, *Arthrolepsis* and *Aspidolaemus* (Sauria, Teiidae). *Postilla* 135:1-23. http://peabody.yale.edu/sites/default/files/documents/scientific-publications/vpmP135_1969.pdf.
- Valle, M.F.; Marques, R. & Tinoco, M.S. 2016.** Filling gaps in the disjunct distribution of *Rhinoclemmys punctularia* (Daudin, 1801) (Testudines: Geoemydidae) and first record from Bahia state, northeast Brazil. *Check List* 12(4):1951. <http://doi.org/10.15560/12.4.1951>.
- Vanzolini, P.E. 1948.** Notas sobre os ofídios e lagartos da Cachoeira de Emas, no Município de Pirassununga, Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Biologia* 8(3):377-400.
- Vanzolini, P.E. 1951.** Contributions to the knowledge of the Brasilian lizards of the family Amphisbaenidae Gray, 1825. 6. On the geographical distribution and differentiation of *Amphisbaena fuliginosa* Linné. *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology* 106:1-67. [www.biodiversitylibrary.org/item/91660](http://biodiversitylibrary.org/item/91660).
- Vanzolini, P.E. 1977.** *An Annotated Bibliography of the Land and Fresh-Water Reptiles of South America (1758-1975)*. Vol. I (1758-1900). Museu de Zoolo-gia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 186 pp.
- Vanzolini, P.E. 1978.** *An Annotated Bibliography of the Land and Fresh-Water Reptiles of South America (1758-1975)*. Vol. II (1901-1975). Museu de Zoolo-gia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 316 pp.
- Vanzolini, P.E. 1986.** *Levantamento herpetológico da área do Estado de Rondônia sob a influência da rodovia BR 364. Polonoroeste/Ecologia Animal*. Relatório de Pesquisa nº 1, Brasília, CNPQ, 50 pp.
- Vanzolini, P.E. 1993.** As viagens de Johann Natterer no Brasil, 1817-1835. *Papéis Avulsos de Zoologia* 38(3):17-60.
- Vanzolini, P.E. 1997.** The *silvestrii* species group of *Amphisbaena*, with the description of two new Brasilian species (Reptilia: Amphisbaenia). *Papéis Avulsos de Zoologia* 40:65-85.
- Vanzolini, P.E. 2002.** A second note on the geographical differentiation of *Amphisbaena fuliginosa* L., 1758 (Squamata, Amphisbaenidae), with a consideration of the forest refuge model of speciation. *Anais da Academia Brasileira de Ciências* 74(4):609-648. <http://doi.org/10.1590/S0001-37652002000400006>.
- Vanzolini, P.E.; Ramos-Costa, A.M. & Vitt, L.J. 1980.** Répteis das Caatingas. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Ciencias, 161 pp.
- Vidal, N.; Delmas, A.-S. & Hedges, S.B. 2007.** The higher-level relationships of Alethinophidian snakes inferred from seven nuclear and mitochondrial genes; pp. 27-33. In: Henderson, R.W. & Powell, R. (Eds.), *Biology of the Boas and Pythons*. Eagle Mountain Publishing, Utah, EUA.
- Wallach, V. 2016.** Morphological review and taxonomic status of the *Epictia phenops* species group of Mesoamerica, with description of six new

- species and discussion of South American *Epictia albifrons*, *E. goudotii*, and *E. tenella* (Serpentes: Leptotyphlopidae: Epictinae). *Mesoamerican Herpetology* 3(2):216-374. www.mesoamericanherpetology.com/uploads/3/4/7/9/34798824/wallach-epictia_paper.pdf.
- Wüster, W.; Yrausquin, J.L. & Mijares-Urrutia, A. 2001.** A new species of Indigo Snake from North-Western Venezuela (Serpentes: Colubridae: *Drymarchon*). *The Herpetological Journal* 11:157-165.
- Yuki, R.N. & Lema, T. 2005.** Análise comparativa entre as cobras d'água meridionais (*Helicops carinicaudus* (Wied, 1825) e *Helicops infrataeniatus* Jan, 1865), com a descrição do crânio e hemipênis (Serpentes: Colubridae: Xenodontinae). *Comunicações do Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS, Série Zoologia* 18:85-128.
- Yuki, R.N.; Rufino, N. & Costa, R.G.N. 1997.** As *Spilotes pullatus* (Linnaeus, 1758) sem loreal, do Pará e extremo oeste do Maranhão, Brasil (Serpentes). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Zoologia* 13(1):25-29.
- oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo



Dendropsophus microps.

Répteis (795 spp. / 842 spp. + spp.)

Testudines Batsch, 1788 (36 / 37)

Cryptodira Cope, 1869 (11 / 11)

Chelonioidea Oppel, 1811 (5 / 5)

Cheloniidae Oppel, 1811 (4 / 4)

Caretinae Gray, 1825 (3 / 3)

1. *Caretta caretta* (Linnaeus, 1758)

2. *Eretmochelys imbricata* (Linnaeus, 1766)

3. *Lepidochelys olivacea* (Eschscholtz, 1829)

Cheloniinae Oppel, 1811 (1 / 1)

4. *Chelonia mydas* (Linnaeus, 1758)

Dermochelyidae Fitzinger, 1843 (1 / 1)

5. *Dermochelys coriacea* (Vandelli, 1761)

Kinosternoidea Joyce, Parham & Gauthier, 2004 (1 / 1)

Kinosternidae Agassiz, 1857 (1 / 1)

Kinosterninae Agassiz, 1857 (1 / 1)

6. *Kinosternon scorpioides scorpioides* (Linnaeus, 1766)

Testudinoidea Fitzinger, 1826 (5 / 5)

Emydidae Rafinesque, 1815 (2 / 2)

Deirochelyinae Agassiz, 1857 (2 / 2)

7. *Trachemys adiutrix* Vanzolini, 1995

8. *Trachemys orbignyi* (Duméril & Bibron, 1835)

Geoemydidae Theobald, 1868 (1 / 1)

Rhinoclemmydinae Gray, 1873 (1 / 1)

9. *Rhinoclemmys punctularia punctularia* (Daudin, 1801)

Testudinidae Batsch, 1788 (2 / 2)

10. *Chelonoidis carbonarius* (Spix, 1824)

11. *Chelonoidis denticulatus* (Linnaeus, 1766)

Pleurodira Cope, 1864 (25 / 26)

Chelidae Gray, 1825 (20 / 21)

Chelinae Gray, 1825 (18 / 19)

12. *Acanthochelys macrocephala* (Rhodin, Mittermeier & McMorris, 1984)

13. *Acanthochelys radiolata* (Mikan, 1820)

14. *Acanthochelys spixii* (Duméril & Bibron, 1835)

15. *Chelus fimbriata* (Schneider, 1783)

16. *Mesoclemmys gibba* (Schweigger, 1812)

17. *Mesoclemmys heliostemma* (McCord, Joseph-Ouni & Lamar, 2001)

18. *Mesoclemmys hogei* (Mertens, 1967)

19. *Mesoclemmys nasuta* (Schweigger, 1812)

20. *Mesoclemmys perplexa* Bour & Zaher, 2005

21. *Mesoclemmys raniceps* (Gray, 1856)

22. *Mesoclemmys tuberculata* (Lüderwaldt, 1926)

23. *Mesoclemmys vanderhaegei* (Bour, 1973)

24. *Phrynops geoffroanus* (Schweigger, 1812)

25. *Phrynops hilarii* (Duméril & Bibron, 1835)

26. *Phrynops tuberosus* (Peters, 1870)

27. *Phrynops williamsi* Rhodin & Mittermeier, 1983

28. *Platemys platycephala platycephala* (Schneider, 1792)

29. *Platemys platycephala melanota* Ernst, 1984

30. *Rhinemys rufipes* (Spix, 1824)

Hydromedusinae Baur, 1893 (2 / 2)

31. *Hydromedusa maximiliani* (Mikan, 1825)

32. *Hydromedusa tectifera* Cope, 1870

Podocnemididae Cope, 1869 (5 / 5)

33. *Peltosephalus dumerilianus* (Schweigger, 1812)

34. *Podocnemis erythrocephala* (Spix, 1824)

35. *Podocnemis expansa* (Schweigger, 1812)

36. *Podocnemis sextuberculata* Cornalia, 1849

37. *Podocnemis unifilis* Troschel, 1848

Crocodylia Deraniyagala, 1939* (6 / 6)

Alligatoroidea Gray, 1844 (6 / 6)*

Alligatoridae Gray, 1844 (6 / 6)*

Caimaninae Norell, 1988 (6 / 6)

38. *Caiman crocodilus crocodilus* (Linnaeus, 1758)

39. *Caiman latirostris* (Daudin, 1801)

40. *Caiman yacare* (Daudin, 1801)

41. *Melanosuchus niger* (Spix, 1825)

42. *Paleosuchus palpebrosus* (Cuvier, 1807)

43. *Paleosuchus trigonatus* (Schneider, 1801)

Squamata Oppel, 1811 (753 / 799)

"Lagartos" (276 / 282)

Gekkota Cuvier, 1817 (34 / 34)

Gekkonidae Gray, 1825 (6 / 6)

44. *Hemidactylus agrius* Vanzolini, 1978

45. *Hemidactylus brasiliensis* (Amaral, 1935)

46. *Hemidactylus mabouia* (Moreau de Jonnès, 1818)

47. *Hemidactylus palaichthus* Kluge, 1969

48. *Lygodactylus klugei* (Smith, Martin & Swain, 1977)

49. *Lygodactylus wetzeli* (Smith, Martin & Swain, 1977)

Phyllodactylidae Gamble, Bauer, Greenbaum & Jackman, 2008 (12 / 12)

50. *Gymnodactylus amarali* Barbour, 1925

51. *Gymnodactylus darwini* (Gray, 1845)

52. *Gymnodactylus geckoides* Spix, 1825

53. *Gymnodactylus guttulatus* Vanzolini, 1982

54. *Gymnodactylus vanzolinii* Cassimiro & Rodrigues, 2009

55. *Homonota uruguaiensis* (Vaz-Ferreira & Sierra de Soriano, 1961)

56. *Phyllopezus lutzae* (Loveridge, 1941)

57. *Phyllopezus periosus* Rodrigues, 1986

58. *Phyllopezus pollicaris* (Spix, 1825)

59. *Phyllopezus przewalskii* Koslowsky, 1895

60. *Thecadactylus rapicauda* (Houttuyn, 1782)

61. *Thecadactylus solimoensis* Bergmann & Russell, 2007

Sphaerodactylidae Underwood, 1954 (16 / 16)

62. *Chatogekko amazonicus* (Andersson, 1918)

63. *Coleodactylus brachystoma* (Amaral, 1935)

64. *Coleodactylus elizae* Gonçalves, Torquato, Skuk & Sena, 2012

65. *Coleodactylus meridionalis* (Boulenger, 1888)

66. *Coleodactylus natalensis* Freire, 1999

67. *Coleodactylus septentrionalis* Vanzolini, 1980

68. *Gonatodes annularis* Boulenger, 1887

69. *Gonatodes eladioi* Nascimento, Avila-Pires & Cunha, 1987

70. *Gonatodes hasemani* Griffin, 1917

71. *Gonatodes humeralis* Guichenot, 1855

72. *Gonatodes nascimenti* Sturaro & Avila-Pires, 2011

73. *Gonatodes tapajonicus* Rodrigues, 1980

74. *Lepidoblepharis heyerorum* Vanzolini, 1978

75. *Lepidoblepharis hoogmoedi* Avila-Pires, 1995

76. *Pseudogonatodes gasconi* Avila-Pires & Hoogmoed, 2000

77. *Pseudogonatodes guianensis* Parker, 1935

Scinciformata Vidal & Hedges, 2005 (15 / 15)

Lygosomoidea Mittleman, 1952 (15 / 15)

Mabuyidae Mittleman, 1952 (15 / 15)

Mabuyinae Mittleman, 1952 (14 / 14)

78. *Aspronema dorsivittatum* (Cope, 1862)

79. <i>Brasiliscincus agilis</i> (Raddi, 1823)	
80. <i>Brasiliscincus caissara</i> (Rebouças-Spieker, 1974)	
81. <i>Brasiliscincus heathi</i> (Schmidt & Inger, 1951)	
82. <i>Copeoglossum arajara</i> (Rebouças-Spieker, 1981)	
83. <i>Copeoglossum nigropunctatum</i> (Spix, 1825)	
84. <i>Exila nigropalmata</i> (Andersson, 1918)	
85. <i>Manciola guaporicola</i> (Dunn, 1935)	
86. <i>Notomabuya frenata</i> (Cope, 1862)	
87. <i>Panopa carvalhoi</i> (Rebouças-Spieker & Vanzolini, 1990)	
88. <i>Psychosaura agmosticha</i> (Rodrigues, 2000)	
89. <i>Psychosaura macrorhyncha</i> (Hoge, 1947)	
90. <i>Varzea altamazonica</i> (Miralles, Barrio-Amorós, Rivas & Chaparro-Auza, 2006)	
91. <i>Varzea bistriata</i> (Spix, 1825)	
Trachylepidinae Hedges & Conn, 2012 (1 / 1)	
92. <i>Trachylepis atlantica</i> (Schmidt, 1945)	
Iguania Cope, 1864 (84 / 87)	
Pleurodonta Cope, 1864 (84 / 87)	
Dactyloidae Fitzinger, 1843 (18 / 18)	
93. <i>Dactyloa dissimilis</i> (Williams, 1965)	
94. <i>Dactyloa nasofrontalis</i> (Amaral, 1933)	
95. <i>Dactyloa phyllorhina</i> (Myers & Carvalho, 1945)	
96. <i>Dactyloa pseudotigrina</i> (Amaral, 1933)	
97. <i>Dactyloa punctata</i> (Daudin, 1802)	
98. <i>Dactyloa transversalis</i> (Duméril in Duméril & Duméril, 1851)	
99. <i>Norops auratus</i> (Daudin, 1802)	
100. <i>Norops bombiceps</i> (Cope, 1875)	
101. <i>Norops brasiliensis</i> (Vanzolini & Williams, 1970)	
102. <i>Norops chrysolepis</i> (Duméril & Bibron, 1837)	
103. <i>Norops fuscoauratus</i> (D'Orbigny, 1837 in Duméril & Bibron, 1837)	
104. <i>Norops meridionalis</i> (Boettger, 1885)	
105. <i>Norops ortonii</i> (Cope, 1868)	
106. <i>Norops planiceps</i> (Troschel, 1848)	
107. <i>Norops scyphus</i> (Cope, 1864)	
108. <i>Norops tundai</i> (Avila-Pires, 1995)	
109. <i>Norops trachyderma</i> (Cope, 1875)	
110. <i>Norops williamsii</i> (Bocourt, 1870)	
Hoplocercidae Frost & Etheridge, 1989 (3 / 3)	
111. <i>Enyaliooides laticeps</i> (Guichenot, 1855)	
112. <i>Enyaliooides palpebralis</i> (Boulenger, 1883)	
113. <i>Hoplocercus spinosus</i> Fitzinger, 1843	
Iguanidae Gray, 1827 (1 / 1)	
114. <i>Iguana iguana iguana</i> (Linnaeus, 1758)	
Leiosauridae Frost, Etheridge, Janies & Titus, 2001 (14 / 14)	
Enyaliinae Frost, Etheridge, Janies & Titus, 2001 (14 / 14)	
115. <i>Anisolepis grilli</i> Boulenger, 1891	
116. <i>Anisolepis longicauda</i> (Boulenger, 1891)	
117. <i>Anisolepis undulatus</i> (Wiegmann, 1834)	
118. <i>Enyalius bibronii</i> Boulenger, 1885	
119. <i>Enyalius bilineatus</i> Duméril & Bibron, 1837	
120. <i>Enyalius boulengeri</i> Etheridge, 1969	
121. <i>Enyalius brasiliensis</i> (Lesson, 1828)	
122. <i>Enyalius catenatus</i> (Wied, 1821)	
123. <i>Enyalius erythroceneus</i> Rodrigues, Freitas, Silva & Bertolotto, 2006	
124. <i>Enyalius iheringii</i> Boulenger, 1885	
125. <i>Enyalius leechii</i> (Boulenger, 1885)	
126. <i>Enyalius perditus</i> Jackson, 1978	

127. <i>Enyalius pictus</i> (Schinz, 1822)	
128. <i>Urostrophus vautieri</i> Duméril & Bibron, 1837	
Liolaemidae Frost & Etheridge, 1989 (3 / 3)	
129. <i>Liolaemus arambarensis</i> Verrastro, Veronese, Bujes & Dias-Filho, 2003	
130. <i>Liolaemus lutzae</i> Mertens, 1938	
131. <i>Liolaemus occipitalis</i> Boulenger, 1885	
Polychrotidae Fitzinger, 1843 (3 / 3)	
132. <i>Polychrus acutirostris</i> Spix, 1825	
133. <i>Polychrus liogaster</i> Boulenger, 1908	
134. <i>Polychrus marmoratus</i> (Linnaeus, 1758)	
Tropiduridae Bell in Darwin, 1843 (42 / 45)	
135. <i>Eurolophosaurus amathites</i> (Rodrigues, 1984)	
136. <i>Eurolophosaurus divaricatus</i> (Rodrigues, 1986)	
137. <i>Eurolophosaurus nanuzae</i> (Rodrigues, 1981)	
138. <i>Plica plica</i> (Linnaeus, 1758)	
139. <i>Plica umbra umbra</i> (Linnaeus, 1758)	
140. <i>Plica umbra ochrocollaris</i> (Spix, 1825)	
141. <i>Stenocercus albolineatus</i> Teixeira Jr., Prates, Nisa, Silva, Strüssmann & Rodrigues, 2015	
142. <i>Stenocercus azureus</i> (Müller, 1882)	
143. <i>Stenocercus caducus</i> (Cope, 1862)	
144. <i>Stenocercus dumerili</i> (Steindachner, 1867)	
145. <i>Stenocercus fimbriatus</i> Avila-Pires, 1995	
146. <i>Stenocercus quinarius</i> Nogueira & Rodrigues, 2006	
147. <i>Stenocercus roseiventris</i> Duméril & Bibron, 1837	
148. <i>Stenocercus sinesaccus</i> Torres-Carvajal, 2005	
149. <i>Stenocercus squarrosus</i> Nogueira & Rodrigues, 2006	
150. <i>Stenocercus tricristatus</i> (Duméril in Duméril & Duméril, 1851)	
151. <i>Strobilurus torquatus</i> Wiegmann, 1834	
152. <i>Tropidurus callathelys</i> Harvey & Gutberlet, 1998	
153. <i>Tropidurus catalanensis</i> Gudynas & Skuk, 1983	
154. <i>Tropidurus cocorobensis</i> Rodrigues, 1987	
155. <i>Tropidurus chromatops</i> Harvey & Gutberlet, 1998	
156. <i>Tropidurus erythrocephalus</i> Rodrigues, 1987	
157. <i>Tropidurus etheridgei</i> Cei, 1982	
158. <i>Tropidurus helenae</i> (Manzani & Abe, 1990)	
159. <i>Tropidurus hispidus</i> (Spix, 1825)	
160. <i>Tropidurus hygomi</i> Reinhardt & Luetken, 1861	
161. <i>Tropidurus imbituba</i> Kunz & Borges-Martins, 2013	
162. <i>Tropidurus insulanus</i> Rodrigues, 1987	
163. <i>Tropidurus itambere</i> Rodrigues, 1987	
164. <i>Tropidurus jaguaribanus</i> Passos, Lima & Borges-Nojosa, 2011	
165. <i>Tropidurus lagunablanca</i> Carvalho, 2016	
166. <i>Tropidurus montanus</i> Rodrigues, 1987	
167. <i>Tropidurus mucujensis</i> Rodrigues, 1987	
168. <i>Tropidurus oreadicus</i> Rodrigues, 1987	
169. <i>Tropidurus pinima</i> (Rodrigues, 1984)	
170. <i>Tropidurus psammonastes</i> Rodrigues, Kasahara & Yonenaga-Yasuda, 1988	
171. <i>Tropidurus semitaeniatus</i> (Spix, 1825)	
172. <i>Tropidurus sertanejo</i> Carvalho, Sena, Peloso, Machado, Montesinos, Silva, Campbell & Rodrigues, 2016	
173. <i>Tropidurus spinulosus</i> (Cope, 1862)	
174. <i>Tropidurus torquatus</i> (Wied, 1820)	
175. <i>Uracentron azureum</i> (Linnaeus, 1758)	
176. <i>Uracentron azureum</i> guentheri Boulenger, 1895	
177. <i>Uracentron azureum</i> wernerii Mertens, 1925	
178. <i>Uracentron flaviceps</i> (Guichenot, 1855)	
179. <i>Uranoscodon superciliosus</i> (Linnaeus, 1758)	

Anguimorpha Fürbringer, 1900 (6 / 6)	
Anguidae Gray, 1825 (6 / 6)	
Diploglossinae Boucourt 1873 (6 / 6)	
180.	<i>Diploglossus fasciatus</i> (Gray, 1831)
181.	<i>Diploglossus lessonae</i> Peracca, 1890
182.	<i>Ophiodes fragilis</i> (Raddi, 1820)
183.	<i>Ophiodes enso</i> Entiauspe-Neto, Quintela, Regnet, Teixeira, Silveira & Loebmann, 2017
184.	<i>Ophiodes striatus</i> (Spix, 1825)
185.	<i>Ophiodes yacupoi</i> Gallardo, 1966
Lacertiformes Estes, de Queiroz & Gauthier in Estes & Pregill, 1988 (209 / 215)	
Gymnophthalmoidea Fitzinger, 1826* (137 / 140)	
Alopoglossidae Goicoechea, Frost, De la Riva, Pellegrino, Sites, Rodrigues & Padial, 2016* (4 / 4)	
186.	<i>Alopoglossus angulatus</i> (Linnaeus, 1758)
187.	<i>Alopoglossus atriventris</i> Duellman, 1973
188.	<i>Alopoglossus buckleyi</i> (O'Shaughnessy, 1881)
189.	<i>Ptychoglossus brevifrontalis</i> Boulenger, 1912
Gymnophthalmidae Fitzinger, 1826 (91 / 94)	
Gymnophthalminae Fitzinger, 1826 (36 / 36)	
Gymnophthalmini Fitzinger, 1826 (21 / 21)	
190.	<i>Calyptommatus confusionibus</i> Rodrigues, Zaher & Curcio, 2001
191.	<i>Calyptommatus leiolepis</i> Rodrigues, 1991
192.	<i>Calyptommatus nicterus</i> Rodrigues, 1991
193.	<i>Calyptommatus sinebrachiatius</i> Rodrigues, 1991
194.	<i>Gymnophthalmus leucomystax</i> Vanzolini & Carvalho, 1991
195.	<i>Gymnophthalmus underwoodi</i> Grant, 1958
196.	<i>Gymnophthalmus vanzoi</i> Carvalho, 1997
197.	<i>Micrablepharus atticolus</i> Rodrigues, 1996
198.	<i>Micrablepharus maximiliani</i> (Reinhardt & Luetken, 1862)
199.	<i>Nothobachia ablephara</i> Rodrigues, 1984
200.	<i>Procellosaurinus erythrocercus</i> Rodrigues, 1991
201.	<i>Procellosaurinus tetradactylus</i> Rodrigues, 1991
202.	<i>Psilops mucugensis</i> Rodrigues, Recoder, Teixeira Jr., Roscito, Guerrero, Nunes, Freitas, Fernandes, Bocchiglieri, Dal Vechio, Leite, Nogueira, Damasceno, Pellegrino, Argôlo & Amaro, 2017
203.	<i>Psilops paeminosus</i> (Rodrigues, 1991)*
204.	<i>Psilops seductus</i> Rodrigues, Recoder, Teixeira Jr., Roscito, Guerrero, Nunes, Freitas, Fernandes, Bocchiglieri, Dal Vechio, Leite, Nogueira, Damasceno, Pellegrino, Argôlo & Amaro, 2017
205.	<i>Scriptosaura catimbau</i> Rodrigues & Santos, 2008
206.	<i>Tretioscincus agilis</i> (Ruthven, 1916)
207.	<i>Tretioscincus oriximinensis</i> Avila-Pires, 1995
208.	<i>Vanzosaura multiscutata</i> (Amaral, 1933)
209.	<i>Vanzosaura rubricauda</i> (Boulenger, 1902)
210.	<i>Vanzosaura savanicola</i> Recoder, Werneck, Teixeira Jr., Colli, Sites & Rodrigues, 2014
Heterodactylini Goicoechea, Frost, De la Riva, Pellegrino, Sites, Rodrigues & Padial, 2016* (6 / 6)	
211.	<i>Caparaonia itaiquara</i> Rodrigues, Cassimiro, Pavan, Curcio, Verdade & Pellegrino, 2009
212.	<i>Colobodactylus dalcyanus</i> Vanzolini & Ramos, 1977
213.	<i>Colobodactylus taunayi</i> Amaral, 1933
214.	<i>Heterodactylus imbricatus</i> Spix, 1825
215.	<i>Heterodactylus lundii</i> Reinhardt & Luetken, 1862
216.	<i>Heterodactylus septentrionalis</i> Rodrigues, Freitas & Silva, 2009
Iphisini Gray, 1851 (9 / 9)	
217.	<i>Acratosaura mentalis</i> (Amaral, 1933)

218.	<i>Acratosaura spinosa</i> Rodrigues, Cassimiro, Freitas & Silva, 2009
219.	<i>Alexandresaurus camacan</i> Rodrigues, Pellegrino, Dixo, Verdade, Pavan, Argôlo & Sites, 2007
220.	<i>Colobosaura modesta</i> (Reinhardt & Luetken, 1862)
221.	<i>Iphisa elegans elegans</i> Gray, 1851
222.	<i>Iphisa elegans soiri</i> Dixon, 1974
223.	<i>Rondonops biscutatus</i> Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza & Rodrigues, 2015
224.	<i>Rondonops xanthomystax</i> Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza & Rodrigues, 2015
225.	<i>Stenolepis ridleyi</i> Boulenger, 1887
Cercosaurinae Gray, 1838 (54 / 57)	
Cercosaurini Gray, 1838 (17 / 20)	
226.	<i>Cercosaura argulus</i> Peters, 1862*
227.	<i>Cercosaura bassleri</i> Ruibal, 1952
228.	<i>Cercosaura eigenmanni</i> (Griffin, 1917)
229.	<i>Cercosaura ocellata ocellata</i> Wagler, 1830
230.	<i>Cercosaura ocellata petersi</i> Ruibal, 1952
231.	<i>Cercosaura oshaughnessyi</i> (Boulenger, 1885)
232.	<i>Cercosaura parkeri</i> Ruibal, 1952
233.	<i>Cercosaura quadrilineata</i> Boettger, 1876*
234.	<i>Cercosaura schreibersii schreibersii</i> Wiegmann, 1834
235.	<i>Cercosaura schreibersii albostrigata</i> (Griffin, 1917)
236.	<i>Neusticurus bicarinatus</i> (Linnaeus, 1758)
237.	<i>Neusticurus racenisi</i> Roze, 1958
238.	<i>Neusticurus rufus</i> Boulenger, 1900
239.	<i>Placosoma cipoense</i> Cunha, 1966
240.	<i>Placosoma cordylinum cordylinum</i> Tschudi, 1847*
241.	<i>Placosoma cordylinum championotus</i> (Werner, 1910)*
242.	<i>Placosoma glabellum</i> (Peters, 1870)
243.	<i>Placosoma limaverdorum</i> Borges-Nojosa, Caramaschi & Rodrigues, 2016
244.	<i>Potamites equestris</i> (Cope, 1875)*
245.	<i>Potamites juruazensis</i> (Avila-Pires & Vitt, 1998)*
Bachiini Colli, Hoogmoed, Cannatella, Cassimiro, Gomes, Ghellere, Nunes, Pellegrino, Salerno, Souza & Rodrigues, 2015* (16 / 16)	
246.	<i>Bachia bresslaui</i> (Amaral, 1935)
247.	<i>Bachia cacerensis</i> Castrillon & Strüssmann, 1998
248.	<i>Bachia didactyla</i> Freitas, Strüssmann, Carvalho, Kawashita-Ribeiro & Mott, 2011
249.	<i>Bachia dorbignyi</i> (Duméril & Bibron, 1839)
250.	<i>Bachia flavescens</i> (Bonnaterre, 1789)
251.	<i>Bachia geralista</i> Teixeira Jr., Recoder, Camacho, Sena, Navas & Rodrigues, 2013
252.	<i>Bachia micromela</i> Rodrigues, Pavan & Curcio, 2007
253.	<i>Bachia oxyrhina</i> Rodrigues, Camacho, Nunes, Recoder, Teixeira Jr., Valdujo, Ghellere, Mott & Nogueira, 2008
254.	<i>Bachia panoplia</i> Thomas, 1965
255.	<i>Bachia peruana</i> (Werner, 1901)
256.	<i>Bachia psamophila</i> Rodrigues, Pavan & Curcio, 2007
257.	<i>Bachia pyburni</i> Kizirian & McDiarmid, 1998
258.	<i>Bachia remota</i> Ribeiro-Júnior, Silva & Lima, 2016
259.	<i>Bachia scaea</i> Teixeira Jr., Dal Vechio, Nunes, Mollo Neto, Lobo, Storti, Gaiga, Dias & Rodrigues, 2013
260.	<i>Bachia scolcoidea</i> Vanzolini, 1961
261.	<i>Bachia trisanale</i> (Cope, 1868)
Ecplopodini Fitzinger, 1843* (21 / 21)	
262.	<i>Amapasaurus tetradactylus</i> Cunha, 1970
263.	<i>Anotosaura collaris</i> Amaral, 1933
264.	<i>Anotosaura vanzolinia</i> Dixon, 1974

265. <i>Arthrosaura kockii</i> (Lidth de Jeude, 1904)
266. <i>Arthrosaura reticulata</i> (O'Shaughnessy, 1881)
267. <i>Colobosauroides carvalhoi</i> Soares & Caramaschi, 1998
268. <i>Colobosauroides cearensis</i> Cunha, Lima-Verde & Lima, 1991
269. <i>Dryadosaura nordestina</i> Rodrigues, Freire, Pellegrino & Sites, 2005
270. <i>Ecleopus gaudichaudii</i> Duméril & Bibron, 1839
271. <i>Leposoma annectans</i> Ruibal, 1952
272. <i>Leposoma baturitensis</i> Rodrigues & Borges, 1997
273. <i>Leposoma nanodactylus</i> Rodrigues, 1997
274. <i>Leposoma puk</i> Rodrigues, Dixo, Pavan & Verdade, 2002
275. <i>Leposoma scincoides</i> Spix, 1825
276. <i>Leposoma sinepollex</i> Rodrigues, Teixeira Jr., Recoder, Dal Vechio, Damasceno & Pellegrino, 2013
277. <i>Loxopholis ferreira</i> (Rodrigues & Avila-Pires, 2005)*
278. <i>Loxopholis guianense</i> (Ruibal, 1952)*
279. <i>Loxopholis osvaldoi</i> (Avila-Pires, 1995)*
280. <i>Loxopholis percarinatum</i> (Müller, 1923)*
281. <i>Loxopholis snethlageae</i> (Avila-Pires, 1995)*
282. <i>Marinussaurus curupira</i> Peloso, Pellegrino, Rodrigues & Avila-Pires, 2011
Rhachisaurinae Pellegrino, Rodrigues, Yonenaga-Yassuda & Sites, 2001 (1 / 1)
283. <i>Rhachisaurus brachylepis</i> (Dixon, 1974)
Teiidae Gray, 1827 (42 / 42)
Teiinae Gray, 1827 (30 / 30)
284. <i>Ameiva ameiva</i> ameiva (Linnaeus, 1758)
285. <i>Ameiva jacuba</i> Giugliano, Nogueira, Valdujo, Collevatti & Colli, 2013
286. <i>Ameiva parecis</i> (Colli, Costa, Garda, Kopp, Mesquita, Péres, Valdujo, Vieira & Wiederhecker, 2003)
287. <i>Ameivula cipoensis</i> Arias, Carvalho, Zaher & Rodrigues, 2014
288. <i>Ameivula confusioniba</i> (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)
289. <i>Ameivula jalapensis</i> (Colli, Giugliano, Mesquita & França, 2009)
290. <i>Ameivula mumbuca</i> (Colli, Caldwell, Costa, Gainsbury, Garda, Mesquita, Filho, Soares, Silva, Valdujo, Vieira, Vitt, Werneck, Wiederhecker & Zatz, 2003)
291. <i>Ameivula nativo</i> (Rocha, Bergallo & Peccinini-Seale, 1997)
292. <i>Ameivula nigrigula</i> (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)
293. <i>Ameivula ocellifera</i> (Spix, 1825)
294. <i>Ameivula pyrrhogularis</i> (Silva e Avila-Pires, 2013)
295. <i>Ameivula xacriaba</i> Arias, Teixeira Jr., Recoder, Carvalho, Zaher & Rodrigues, 2014
296. <i>Cnemidophorus cryptus</i> Cole & Dessauer, 1993
297. <i>Cnemidophorus grammivagus</i> McCrystal & Dixon, 1987
298. <i>Cnemidophorus lemniscatus</i> lemniscatus (Linnaeus, 1758)
299. <i>Contomastix lacertoides</i> (Duméril & Bibron, 1839)
300. <i>Contomastix vacariensis</i> (Feltrim & Lema, 2000)
301. <i>Glaucostomix abaetensis</i> (Dias, Rocha & Vrcibradic, 2002)*
302. <i>Glaucostomix cyanura</i> (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)*
303. <i>Glaucostomix littoralis</i> (Rocha, Araújo, Vrcibradic & Costa, 2000)*
304. <i>Glaucostomix venetacauda</i> (Arias, Carvalho, Rodrigues & Zaher, 2011)*
305. <i>Kentropyx altamazonica</i> (Cope, 1875)
306. <i>Kentropyx calcarata</i> Spix, 1825
307. <i>Kentropyx paulensis</i> (Boettger, 1893)
308. <i>Kentropyx pelviceps</i> Cope, 1868
309. <i>Kentropyx striata</i> (Daudin, 1802)
310. <i>Kentropyx vanzoi</i> Gallagher & Dixon, 1980
311. <i>Kentropyx viridistriga</i> (Boulenger, 1894)
312. <i>Teius oculatus</i> (D'Orbigny & Bibron, 1837)
313. <i>Teius teyou</i> (Daudin, 1802)

Tupinambinae Bonaparte, 1831 (12 / 12)
314. <i>Crocodilurus amazonicus</i> Spix, 1825
315. <i>Dracaena guianensis</i> Daudin, 1801
316. <i>Dracaena paraguayensis</i> Amaral, 1950
317. <i>Salvator duseni</i> (Lönnberg in Lönnberg & Andersson, 1910)
318. <i>Salvator merianae</i> Duméril & Bibron, 1839
319. <i>Tupinambis cryptus</i> Murphy, Jowers, Lehtinen, Charles, Colli, Peres, Hendry & Pyron, 2016
320. <i>Tupinambis cuzcoensis</i> Murphy, Jowers, Lehtinen, Charles, Colli, Peres, Hendry & Pyron, 2016
321. <i>Tupinambis longilineus</i> Avila-Pires, 1995
322. <i>Tupinambis matipu</i> Silva, Ribeiro-Júnior & Avila-Pires, 2018
323. <i>Tupinambis palustris</i> Manzani & Abe, 2002
324. <i>Tupinambis quadrilineatus</i> Manzani & Abe, 1997
325. <i>Tupinambis teguixin</i> (Linnaeus, 1758)
Amphisbaenia Gray, 1844 (72 / 75)
Amphisbaenidae Gray, 1825 (72 / 75)
Amphisbaeninae Gray, 1825 (72 / 75)
326. <i>Amphisbaena absaberi</i> (Strüssmann & Carvalho, 2001)
327. <i>Amphisbaena acrolebes</i> (Ribeiro, Castro-Mello & Nogueira, 2009)
328. <i>Amphisbaena alba</i> Linnaeus, 1758
329. <i>Amphisbaena anaemariae</i> Vanzolini, 1997
330. <i>Amphisbaena anomala</i> (Barbour, 1914)
331. <i>Amphisbaena arda</i> Rodrigues, 2003
332. <i>Amphisbaena arenaria</i> Vanzolini, 1991
333. <i>Amphisbaena bahiana</i> Vanzolini, 1964
334. <i>Amphisbaena bedai</i> (Vanzolini, 1991)
335. <i>Amphisbaena bilabialata</i> (Stimson, 1972)
336. <i>Amphisbaena brasiliiana</i> (Gray, 1865)
337. <i>Amphisbaena brevis</i> Strüssmann & Mott, 2009
338. <i>Amphisbaena caiari</i> Teixeira Jr., Dal Vechio, Mollo Neto & Rodrigues, 2014
339. <i>Amphisbaena camura</i> Cope, 1862
340. <i>Amphisbaena carli</i> Pinna, Mendonça, Bocchiglieri & Fernandes, 2010
341. <i>Amphisbaena carvalhoi</i> Gans, 1965
342. <i>Amphisbaena crisae</i> Vanzolini, 1997
343. <i>Amphisbaena cuiabana</i> (Strüssmann & Carvalho, 2001)
344. <i>Amphisbaena cuhhai</i> Hoogmoed & Avila-Pires, 1991
345. <i>Amphisbaena darwini</i> Duméril & Bibron, 1839
346. <i>Amphisbaena dubia</i> Müller, 1924
347. <i>Amphisbaena filiformis</i> Ribeiro, Gomes, Silva, Cintra & Silva Jr., 2016
348. <i>Amphisbaena frontalis</i> Vanzolini, 1991
349. <i>Amphisbaena fuliginosa fuliginosa</i> Linnaeus, 1758*
350. <i>Amphisbaena fuliginosa amazonica</i> Vanzolini, 1951*
351. <i>Amphisbaena fuliginosa varia</i> Laurenti, 1768*
352. <i>Amphisbaena fuliginosa wiedi</i> Vanzolini, 1951*
353. <i>Amphisbaena hastata</i> Vanzolini, 1991
354. <i>Amphisbaena heathi</i> Schmidt, 1936
355. <i>Amphisbaena hogei</i> Vanzolini, 1950
356. <i>Amphisbaena ibijara</i> Rodrigues, Andrade & Lima, 2003
357. <i>Amphisbaena ignatiana</i> Vanzolini, 1991
358. <i>Amphisbaena kingii</i> (Bell, 1833)
359. <i>Amphisbaena kraoh</i> (Vanzolini, 1971)
360. <i>Amphisbaena leeseri</i> Gans, 1964
361. <i>Amphisbaena leucocephala</i> Peters, 1878
362. <i>Amphisbaena littoralis</i> Roberto, Brito & Ávila, 2014
363. <i>Amphisbaena lumbricalis</i> Vanzolini, 1996
364. <i>Amphisbaena maranhensis</i> Gomes & Maciel, 2012

365. <i>Amphisbaena mensae</i> Castro-Mello, 2000
366. <i>Amphisbaena metallurga</i> Costa, Resende, Teixeira Jr., Dal Vechio & Clemente, 2015
367. <i>Amphisbaena mertensi</i> Strauch, 1881
368. <i>Amphisbaena miringoera</i> Vanzolini, 1971
369. <i>Amphisbaena mitchelli</i> Procter, 1923
370. <i>Amphisbaena munoi</i> Klappenbach, 1966
371. <i>Amphisbaena neglecta</i> Dunn & Piatt, 1936
372. <i>Amphisbaena nigricauda</i> Gans, 1966
373. <i>Amphisbaena persephone</i> Pinna, Mendonça, Bocchiglieri & Fernandes, 2014
374. <i>Amphisbaena pretrei</i> Duméril & Bibron, 1839
375. <i>Amphisbaena prunicolor</i> (Cope, 1885)
376. <i>Amphisbaena ridleyi</i> Boulenger, 1890
377. <i>Amphisbaena roberti</i> Gans, 1964
378. <i>Amphisbaena sanctaeritae</i> Vanzolini, 1994
379. <i>Amphisbaena saxosa</i> (Castro-Mello, 2003)
380. <i>Amphisbaena silvestrii</i> Boulenger, 1902
381. <i>Amphisbaena slevini</i> Schmidt, 1938
382. <i>Amphisbaena steindachneri</i> Strauch, 1881
383. <i>Amphisbaena supernumeraria</i> Mott, Rodrigues & Santos, 2009
384. <i>Amphisbaena talisae</i> Vanzolini, 1995
385. <i>Amphisbaena trachura</i> Cope, 1885
386. <i>Amphisbaena tragorrhectes</i> Vanzolini, 1971
387. <i>Amphisbaena uroxena</i> Mott, Rodrigues, Freitas & Silva, 2008
388. <i>Amphisbaena vanzolinii</i> Gans, 1963
389. <i>Amphisbaena vermicularis</i> Wagler in Spix, 1824
390. <i>Leposternon cerradensis</i> Ribeiro, Vaz-Silva & Santos-Jr, 2008
391. <i>Leposternon infraorbitale</i> (Bertold, 1859)
392. <i>Leposternon kisteamacheri</i> Porto, Soares & Caramaschi, 2000
393. <i>Leposternon maximus</i> Ribeiro, Nogueira, Cintra, Silva Jr. & Zaher, 2011
394. <i>Leposternon microcephalum</i> Wagler in Spix, 1824
395. <i>Leposternon mineiro</i> Ribeiro, Silveira & Santos-Jr., 2018
396. <i>Leposternon octostegum</i> (Duméril in Duméril & Duméril, 1851)
397. <i>Leposternon polystegum</i> (Duméril in Duméril & Duméril, 1851)
398. <i>Leposternon scutigerum</i> (Hemprich, 1820)
399. <i>Leposternon wuchereri</i> (Peters, 1879)
400. <i>Mesobaena rhachicephala</i> Hoogmoed, Pinto, Rocha & Pereira, 2009
Serpentes Linnaeus, 1758 (405 / 442)
“Scolecophidia” Cope, 1864 (32 / 32)
Anomalepididae Taylor, 1939 (7 / 7)
401. <i>Liophlops beui</i> (Amaral, 1924)
402. <i>Liophlops caissara</i> Centeno, Sawaya & Germano, 2010
403. <i>Liophlops schubarti</i> Vanzolini, 1948
404. <i>Liophlops ternetzii</i> (Boulenger, 1896)
405. <i>Liophlops trefauti</i> Freire, Caramaschi & Argôlo, 2007
406. <i>Liophlops wilderi</i> (Garman, 1883)
407. <i>Typhlops squamosus</i> (Schlegel, 1839)
Typhlopidae Merrem, 1820 (7 / 7)
Typhlopinae Merrem, 1820 (7 / 7)
408. <i>Amerotyphlops amoipira</i> (Rodrigues & Juncá, 2002)
409. <i>Amerotyphlops arenensis</i> Graboski, Pereira Filho, Silva, Prudente & Zaher, 2015
410. <i>Amerotyphlops brongersmianus</i> (Vanzolini, 1976)
411. <i>Amerotyphlops minusquamus</i> (Dixon & Hendricks, 1979)
412. <i>Amerotyphlops paucisquamus</i> (Dixon & Hendricks, 1979)
413. <i>Amerotyphlops reticulatus</i> (Linnaeus, 1758)
414. <i>Amerotyphlops yonenagae</i> (Rodrigues, 1991)

Leptotyphlopidae Stejneger, 1892 (18 / 18)
Epictinae Hedges, Adalsteinsson, & Branch in Adalsteinsson, Branch, Trape, Vitt & Hedges, 2009* (18 / 18)
Epictini Hedges, Adalsteinsson, & Branch in Adalsteinsson, Branch, Trape, Vitt & Hedges, 2009* (18 / 18)
415. <i>Epictia albifrons</i> (Wagler in Spix, 1824)
416. <i>Epictia australis</i> (Freiberg & Orejas-Miranda, 1968)
417. <i>Epictia borapeliotes</i> (Vanzolini, 1996)
418. <i>Epictia clinorostris</i> Arredondo & Zaher, 2010
419. <i>Epictia munoi</i> (Orejas-Miranda, 1961)
420. <i>Epictia striatula</i> (Smith & Laufe, 1945)
421. <i>Epictia tenella</i> (Klauber, 1939)
422. <i>Epictia vellardi</i> (Laurent, 1984)
423. <i>Siagonodon acutirostris</i> Pinto & Curcio, 2011
424. <i>Siagonodon cupinensis</i> (Bailey & Carvalho, 1946)
425. <i>Siagonodon septemstriatus</i> (Schneider, 1801)
426. <i>Trilepida brasiliensis</i> (Laurent, 1949)
427. <i>Trilepida dimidiata</i> (Jan, 1861)
428. <i>Trilepida fuliginosa</i> (Passos, Caramaschi & Pinto, 2006)
429. <i>Trilepida janii</i> (Pinto & Fernandes, 2012)
430. <i>Trilepida koppesi</i> (Amaral, 1955)
431. <i>Trilepida macrolepis</i> (Peters, 1857)
432. <i>Trilepida salgueiroi</i> (Amaral, 1955)
Alethinophidia Hoffstetter, 1955 (373 / 410)
Amerophidia Vidal, Delmas & Hedges, 2007 (4 / 4)
Aniliidae Stejneger, 1907 (1 / 1)
433. <i>Anilius scytale</i> (Linnaeus, 1758)
Tropidophiidae Brongersma, 1951 (3 / 3)
434. <i>Tropidophis grapiuna</i> Curcio, Nunes, Argôlo, Skuk & Rodrigues, 2012
435. <i>Tropidophis paucisquamis</i> (Müller in Schenkel, 1901)
436. <i>Tropidophis preciosus</i> Curcio, Nunes, Argôlo, Skuk & Rodrigues, 2012
Afrophidia Vidal, Delmas & Hedges, 2007 (369 / 406)
Henophidia Hoffstetter, 1939 (12 / 13)
Booidea Gray, 1825 (12 / 13)
Boidae Gray, 1825 (12 / 13)
437. <i>Boa constrictor constrictor</i> Linnaeus, 1758
438. <i>Boa constrictor amarali</i> (Stull, 1932)
439. <i>Corallus batesii</i> (Gray, 1860)
440. <i>Corallus caninus</i> (Linnaeus, 1758)
441. <i>Corallus cropanii</i> (Hoge, 1954)
442. <i>Corallus hortulanus</i> (Linnaeus, 1758)
443. <i>Epicrates assisi</i> Machado, 1945
444. <i>Epicrates cenchria</i> (Linnaeus, 1758)
445. <i>Epicrates crassus</i> Cope, 1862
446. <i>Epicrates maurus</i> Gray, 1849
447. <i>Eunectes deschauenseei</i> Dunn & Conant, 1936
448. <i>Eunectes murinus</i> (Linnaeus, 1758)
449. <i>Eunectes notaeus</i> Cope, 1862
Caenophidia Hoffstetter, 1939 (357 / 393)
Colubridae Oppel, 1811 (35 / 39)
450. <i>Chironius bicarinatus</i> (Wied, 1820)
451. <i>Chironius brazili</i> Hamdan & Fernandes, 2015
452. <i>Chironius carinatus</i> (Linnaeus, 1758)
453. <i>Chironius diamantina</i> Fernandes & Hamdan, 2014
454. <i>Chironius exoletus</i> (Linnaeus, 1758)
455. <i>Chironius flavolineatus</i> (Jan, 1863)
456. <i>Chironius foveatus</i> Bailey, 1955

457. <i>Chironius fuscus</i> (Linnaeus, 1758)	
458. <i>Chironius laevicollis</i> (Wied, 1824)	
459. <i>Chironius laurenti</i> Dixon, Wiest & Cei, 1993	
460. <i>Chironius maculoventris</i> Dixon, Wiest & Cei, 1993	
461. <i>Chironius multiventris</i> Schmidt & Walker, 1943	
462. <i>Chironius quadricarinatus</i> (Boie, 1827)	
463. <i>Chironius scurculus</i> (Wagler in Spix, 1824)	
464. <i>Chironius septentrionalis</i> Dixon, Wiest & Cei, 1993	
465. <i>Dendrophidion atlantica</i> Freire, Caramaschi & Gonçalves, 2010	
466. <i>Dendrophidion dendrophis</i> (Schlegel, 1837)	
467. <i>Drymarchon corais</i> (Boie, 1827)*	
468. <i>Drymobius rhombifer</i> (Günther, 1860)	
469. <i>Drymoluber brazili</i> (Gomes, 1918)	
470. <i>Drymoluber dichrous</i> (Peters, 1863)	
471. <i>Leptophis ahaetulla ahaetulla</i> (Linnaeus, 1758)	
472. <i>Leptophis ahaetulla liocercus</i> (Wied, 1824)	
473. <i>Leptophis ahaetulla marginatus</i> (Cope, 1862)	
474. <i>Leptophis ahaetulla nigromarginatus</i> (Günther, 1866)	
475. <i>Mastigodryas bifossatus</i> (Raddi, 1820)	
476. <i>Mastigodryas boddaerti boddaerti</i> (Sentzen, 1796)	
477. <i>Mastigodryas moratoi</i> Montingelli & Zaher, 2011	
478. <i>Mastigodryas pleei</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	
479. <i>Oxybelis aeneus</i> (Wagler in Spix, 1824)	
480. <i>Oxybelis fulgidus</i> (Daudin, 1803)	
481. <i>Phrynonax polylepis</i> (Peters, 1867)	
482. <i>Rhinobothryum lentiginosum</i> (Scopoli, 1785)	
483. <i>Simophis rhinostoma</i> (Schlegel, 1837)	
484. <i>Spilotes pullatus pullatus</i> (Linnaeus, 1758)	
485. <i>Spilotes sulphureus sulphureus</i> (Wagler in Spix, 1824)	
486. <i>Spilotes sulphureus poecilostoma</i> (Wied, 1824)	
487. <i>Tantilla boipiranga</i> Sawaya & Sazima, 2003	
488. <i>Tantilla melanocephala</i> (Linnaeus, 1758)	
Dipsadidae Bonaparte, 1838 (258 / 278)	
Dipsadinae Bonaparte, 1838 (58 / 61)	
Dipsadini Bonaparte, 1838 (55 / 57)	
489. <i>Atractus albuquerquei</i> Cunha & Nascimento, 1983	
490. <i>Atractus alphonsehoegei</i> Cunha & Nascimento, 1983	
491. <i>Atractus altagratiæ Passos & Fernandes</i> , 2008	
492. <i>Atractus badius</i> (Boie, 1827)	
493. <i>Atractus boimirim Passos, Prudente & Lynch</i> , 2016	
494. <i>Atractus caete Passos, Fernandes, Bérnuls & Moura-Leite</i> , 2010	
495. <i>Atractus caxiuana Prudente & Santos-Costa</i> , 2006	
496. <i>Atractus edioi Silva Jr., Silva, Ribeiro, Souza & Souza</i> , 2005	
497. <i>Atractus elaps</i> (Günther, 1858)	
498. <i>Atractus flammigerus</i> (Boie, 1827)	
499. <i>Atractus francoi Passos, Fernandes, Bérnuls & Moura-Leite</i> , 2010	
500. <i>Atractus guentheri</i> (Wucherer, 1861)	
501. <i>Atractus hoogmoedi Prudente & Passos</i> , 2010	
502. <i>Atractus insipidus Roze</i> , 1961	
503. <i>Atractus latifrons</i> (Günther, 1868)	
504. <i>Atractus maculatus</i> (Günther, 1858)	
505. <i>Atractus major Boulenger</i> , 1894	
506. <i>Atractus natans Hoogmoed & Prudente</i> , 2003	
507. <i>Atractus occipitoalbus</i> (Jan, 1862)	
508. <i>Atractus pantostictus Fernandes & Puerto</i> , 1994	
509. <i>Atractus paraguayensis Werner</i> , 1924	
510. <i>Atractus poeppigi</i> (Jan, 1862)	

511. <i>Atractus potschi</i> Fernandes, 1995	
512. <i>Atractus reticulatus</i> (Boulenger, 1885)	
513. <i>Atractus riveroi Roze</i> , 1961	
514. <i>Atractus ronnie Passos, Fernandes & Borges-Nojosa</i> , 2007	
515. <i>Atractus schach</i> (Boie, 1827)	
516. <i>Atractus serranus</i> Amaral, 1930	
517. <i>Atractus snethlageae</i> Cunha & Nascimento, 1983	
518. <i>Atractus spinalis</i> Passos, Teixeira Jr., Sena, Dal Vechio, Pinto, Mendonça, Cassimiro & Rodrigues, 2013	
519. <i>Atractus surucucu</i> Prudente & Passos, 2008	
520. <i>Atractus taeniatus</i> Griffin, 1916	
521. <i>Atractus tartarus Passos, Prudente & Lynch</i> , 2016	
522. <i>Atractus thalesdelemai Passos, Fernandes & Zanella</i> , 2005	
523. <i>Atractus torquatus</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	
524. <i>Atractus trihedrurus</i> Amaral, 1926	
525. <i>Atractus trilineatus</i> Wagler, 1828	
526. <i>Atractus zebrinus</i> (Jan, 1862)	
527. <i>Atractus zidoki</i> Gasc & Rodrigues, 1979	
528. <i>Dipsas albifrons</i> (Sauvage, 1884)	
529. <i>Dipsas alternans</i> (Fischer, 1885)	
530. <i>Dipsas bucephala bucephala</i> (Shaw, 1802)	
531. <i>Dipsas catesbyi</i> (Sentzen, 1796)	
532. <i>Dipsas incerta</i> (Jan, 1863)	
533. <i>Dipsas indica indica</i> Laurenti, 1768	
534. <i>Dipsas indica petersi</i> Hoge & Romano, 1976*	
535. <i>Dipsas pavonina</i> Schlegel, 1837	
536. <i>Dipsas sazimai</i> Fernandes, Marques & Argôlo, 2010	
537. <i>Dipsas variegata</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	
538. <i>Ninia hudsoni</i> Parker, 1940	
539. <i>Sibon nebulatus</i> (Linnaeus, 1758)	
540. <i>Sibynomorphus lavillai</i> Scrocchi, Porto & Rey, 1993	
541. <i>Sibynomorphus mikani mikani</i> (Schlegel, 1837)	
542. <i>Sibynomorphus mikani septentrionalis</i> Cunha, Nascimento & Hoge, 1980	
543. <i>Sibynomorphus neuwiedi</i> (Ihering, 1911)	
544. <i>Sibynomorphus turgidus</i> (Cope, 1868)	
545. <i>Sibynomorphus ventrimaculatus</i> (Boulenger, 1885)	
Imantodini Myers, 2011 (3 / 4)	
546. <i>Imantodes cenchoa</i> (Linnaeus, 1758)	
547. <i>Imantodes lentiferus</i> (Cope, 1894)	
548. <i>Leptodeira annulata annulata</i> (Linnaeus, 1758)	
549. <i>Leptodeira annulata pulchrieps</i> Duellman, 1958	
Xenodontinae Bonaparte, 1845 (197 / 214)	
Amnesteophiini Myers, 2011 (1 / 1)	
550. <i>Amnesteophis melanauken</i> (Jan, 1863)	
Caaeteboiini Zaher, Grazziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite & Bonatto, 2009 (1 / 1)	
551. <i>Caaeteboia amarali</i> (Wettstein, 1930)	
Echinantherini Zaher, Grazziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite & Bonatto, 2009 (15 / 15)	
552. <i>Echinanthera amoena</i> (Jan, 1863)	
553. <i>Echinanthera cephalomaculata</i> Di-Bernardo, 1994	
554. <i>Echinanthera cephalostriata</i> Di-Bernardo, 1996	
555. <i>Echinanthera cyanopleura</i> (Cope, 1885)	
556. <i>Echinanthera melanostigma</i> (Wagler in Spix, 1824)	
557. <i>Echinanthera undulata</i> (Wied, 1824)	
558. <i>Taeniophallus affinis</i> (Günther, 1858)	
559. <i>Taeniophallus bilineatus</i> (Fischer, 1885)	
560. <i>Taeniophallus brevirostris</i> (Peters, 1863)	

561. <i>Taeniophallus nicagus</i> (Cope, 1895)
562. <i>Taeniophallus occipitalis</i> (Jan, 1863)
563. <i>Taeniophallus persimilis</i> (Cope, 1869)
564. <i>Taeniophallus poecilopogon</i> (Cope, 1863)
565. <i>Taeniophallus quadriocellatus</i> Santos-Jr, Di-Bernardo & Lema, 2008
566. <i>Sordellina punctata</i> (Peters, 1880)
Elapomorphini Jan, 1862 (45 / 45)
567. <i>Apostolepis albicularis</i> Lema, 2002
568. <i>Apostolepis ambiniger</i> (Peters, 1869)
569. <i>Apostolepis ammodites</i> Ferrarezzi, Barbo & Albuquerque, 2005
570. <i>Apostolepis arenaria</i> Rodrigues, 1992
571. <i>Apostolepis assimilis</i> (Reinhardt, 1861)
572. <i>Apostolepis barrioi</i> Lema, 1978
573. <i>Apostolepis borellii</i> Peracca, 1904
574. <i>Apostolepis cearensis</i> Gomes, 1915
575. <i>Apostolepis cerradoensis</i> Lema, 2003
576. <i>Apostolepis christinae</i> Lema, 2002
577. <i>Apostolepis dimidiata</i> (Jan, 1862)
578. <i>Apostolepis flavotorquata</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
579. <i>Apostolepis gaboi</i> Rodrigues, 1992
580. <i>Apostolepis goiasensis</i> Prado, 1942
581. <i>Apostolepis intermedia</i> Koslowsky, 1898
582. <i>Apostolepis lineata</i> Cope, 1887
583. <i>Apostolepis longicaudata</i> Gomes in Amaral, 1921
584. <i>Apostolepis mariae</i> Borges-Nojosa, Lima, Bezerra & Harris, 2016
585. <i>Apostolepis nelsonjorgei</i> Lema & Renner, 2004
586. <i>Apostolepis nigrolineata</i> (Peters, 1869)
587. <i>Apostolepis nigroterminata</i> Boulenger, 1896
588. <i>Apostolepis phillipsae</i> Harvey, 1999
589. <i>Apostolepis polylepis</i> Amaral, 1922
590. <i>Apostolepis quinquelineata</i> Boulenger, 1896
591. <i>Apostolepis quirogai</i> Giraldo & Scrocchi, 1998
592. <i>Apostolepis roncadori</i> Lema, 2016
593. <i>Apostolepis rondoni</i> Amaral, 1925
594. <i>Apostolepis serrana</i> Lema & Renner, 2006
595. <i>Apostolepis striata</i> Lema, 2004
596. <i>Apostolepis tertulianobeui</i> Lema, 2004
597. <i>Apostolepis thalesdelemai</i> Borges-Nojosa, Lima, Bezerra & Harris, 2016
598. <i>Apostolepis vittata</i> (Cope, 1887)
599. <i>Coronelaps lepidus</i> (Reinhardt, 1861)
600. <i>Elapomorphus quinquelineatus</i> (Raddi, 1820)
601. <i>Elapomorphus wuchereri</i> Günther, 1861
602. <i>Phalotris concolor</i> Ferrarezzi, 1994
603. <i>Phalotris labiomaculatus</i> Lema, 2002
604. <i>Phalotris lativittatus</i> Ferrarezzi, 1994
605. <i>Phalotris lemniscatus</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
606. <i>Phalotris matogrossensis</i> Lema, D'Agostini & Cappellari, 2005
607. <i>Phalotris mertensi</i> (Hoge, 1955)
608. <i>Phalotris multipunctatus</i> Puerto & Ferrarezzi, 1994
609. <i>Phalotris nasutus</i> (Gomes, 1915)
610. <i>Phalotris reticulatus</i> (Peters, 1860)
611. <i>Phalotris tricolor</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
Hydrodynastini Zaher, Grazziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite & Bonatto, 2009 (3 / 3)
612. <i>Hydrodynastes bicinctus</i> (Herrmann, 1804)
613. <i>Hydrodynastes gigas</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
614. <i>Hydrodynastes melanogigas</i> Franco, Fernandes & Bentin, 2007

Hydropsini Dowling, 1975 (17 / 18)
615. <i>Helicops angulatus</i> (Linnaeus, 1758)
616. <i>Helicops apiaka</i> Kawashita-Ribeiro, Ávila & Morais, 2013
617. <i>Helicops carinicaudus</i> (Wied, 1824)
618. <i>Helicops gomesi</i> Amaral, 1922
619. <i>Helicops hagmanni</i> Roux, 1910
620. <i>Helicops infrataeniatus</i> (Jan, 1865)
621. <i>Helicops leopardinus</i> (Schlegel, 1837)
622. <i>Helicops modestus</i> Günther, 1861
623. <i>Helicops nentur</i> Costa, Santana, Leal, Koroiva & Garcia, 2016
624. <i>Helicops polylepis</i> Günther, 1861
625. <i>Helicops tapajonicus</i> Frota, 2005
626. <i>Helicops trivittatus</i> (Gray, 1849)
627. <i>Helicops yacu</i> Rossman & Dixon, 1975
628. <i>Hydrops caesurus</i> Scrocchi, Ferreira, Giraldo, Ávila & Motte, 2005
629. <i>Hydrops martii</i> (Wagler in Spix, 1824)
630. <i>Hydrops triangularis</i> (Wagler in Spix, 1824)
631. <i>Pseudoeryx plicatilis</i> <i>plicatilis</i> (Linnaeus, 1758)
632. <i>Pseudoeryx plicatilis</i> <i>mimeticus</i> Cope, 1885
Philodryadini Cope, 1886 (14 / 14)
633. <i>Ditaxodon taeniatus</i> (Peters in Hensel, 1868)
634. <i>Philodryas aestiva</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
635. <i>Philodryas agassizii</i> (Jan, 1863)
636. <i>Philodryas argentea</i> (Daudin, 1803)
637. <i>Philodryas arnaldoi</i> (Amaral, 1933)
638. <i>Philodryas georgeboulengeri</i> Grazziotin, Zaher, Murphy, Scrocchi, Benavides, Zhang & Bonatto, 2012
639. <i>Philodryas laticeps</i> Werner, 1900
640. <i>Philodryas livida</i> (Amaral, 1923)
641. <i>Philodryas mattogrossensis</i> Koslowsky, 1898
642. <i>Philodryas nattereri</i> Steindachner, 1870
643. <i>Philodryas olfersii</i> (Liechtenstein, 1823)
644. <i>Philodryas patagoniensis</i> (Girard, 1858)
645. <i>Philodryas psammophidea</i> Günther, 1872
646. <i>Philodryas viridissima</i> (Linnaeus, 1758)
Pseudoboini Bailey, 1967 (37 / 40)
647. <i>Boiruna maculata</i> (Boulenger, 1896)
648. <i>Boiruna sertaneja</i> Zaher, 1996
649. <i>Clelia clelia</i> (Daudin, 1803)
650. <i>Clelia hussami</i> Morato, Franco & Sanches, 2003
651. <i>Clelia plumbea</i> (Wied, 1820)
652. <i>Drepanoides anomalus</i> (Jan, 1863)
653. <i>Mussurana bicolor</i> (Peracca, 1904)
654. <i>Mussurana montana</i> (Franco, Marques & Puerto, 1997)
655. <i>Mussurana quimi</i> (Franco, Marques & Puerto, 1997)
656. <i>Oxyrhopus clathratus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854
657. <i>Oxyrhopus formosus</i> (Wied, 1820)
658. <i>Oxyrhopus guibei</i> Hoge & Romano, 1978
659. <i>Oxyrhopus melanogenys</i> <i>melanogenys</i> (Tschudi, 1845)
660. <i>Oxyrhopus melanogenys</i> <i>orientalis</i> Cunha & Nascimento, 1983
661. <i>Oxyrhopus occipitalis</i> Wagler in Spix, 1824
662. <i>Oxyrhopus petolarius</i> digitalis (Reuss, 1834)
663. <i>Oxyrhopus rhombifer</i> <i>rhombifer</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854
664. <i>Oxyrhopus rhombifer</i> <i>inaequifasciatus</i> Werner, 1909
665. <i>Oxyrhopus rhombifer</i> <i>septentrionalis</i> Vellard, 1943
666. <i>Oxyrhopus trigeminus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854
667. <i>Oxyrhopus vanidicus</i> Lynch, 2009

668. <i>Paraphimophis rusticus</i> (Cope, 1878)	
669. <i>Phimophis guerini</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	
670. <i>Phimophis guianensis</i> (Troschel, 1848)	
671. <i>Pseudoboa coronata</i> Schneider, 1801	
672. <i>Pseudoboa haasi</i> (Boettger, 1905)	
673. <i>Pseudoboa martinsi</i> Zaher, Oliveira & Franco, 2008	
674. <i>Pseudoboa neuwiedii</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	
675. <i>Pseudoboa nigra</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	
676. <i>Pseudoboa serrana</i> Morato, Moura-Leite, Prudente & Bérnials, 1995	
677. <i>Rhachidelus brazili</i> Boulenger, 1908	
678. <i>Rodriguesophis chui</i> (Rodrigues, 1993)	
679. <i>Rodriguesophis iglesiiasi</i> (Gomes, 1915)	
680. <i>Rodriguesophis scriptoribatus</i> (Rodrigues, 1993)	
681. <i>Siphlophis cervinus</i> (Laurenti, 1768)	
682. <i>Siphlophis compressus</i> (Daudin, 1803)	
683. <i>Siphlophis leucocephalus</i> (Günther, 1863)	
684. <i>Siphlophis longicaudatus</i> (Andersson, 1901)	
685. <i>Siphlophis pulcher</i> (Raddi, 1820)	
686. <i>Siphlophis worontzowi</i> (Prado, 1940)	
Psomophini Zaher, Graziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite & Bonatto, 2009 (3 / 3)	
687. <i>Psomophis genimaculatus</i> (Boettger, 1885)	
688. <i>Psomophis joberti</i> (Sauvage, 1884)	
689. <i>Psomophis obtusus</i> (Cope, 1864)	
Tachymenini Bailey, 1967 (18 / 18)	
690. <i>Calamodontophis paucidens</i> (Amaral, 1935)	
691. <i>Calamodontophis ronaldoi</i> Franco, Cintra & Lema, 2006	
692. <i>Gomesophis brasiliensis</i> (Gomes, 1918)	
693. <i>Ptychophis flavovirgatus</i> Gomes, 1915	
694. <i>Thamnodynastes almae</i> Franco & Ferreira, 2003	
695. <i>Thamnodynastes chaquensis</i> Bergna & Alvarez, 1993	
696. <i>Thamnodynastes hypoconia</i> (Cope, 1860)	
697. <i>Thamnodynastes lanei</i> Bailey, Thomas & Silva-Jr, 2005	
698. <i>Thamnodynastes longicaudus</i> Franco, Ferreira, Marques & Sazima, 2003	
699. <i>Thamnodynastes nattereri</i> (Mikan, 1828)	
700. <i>Thamnodynastes pallidus</i> (Linnaeus, 1758)	
701. <i>Thamnodynastes phoenix</i> Franco, Trevine, Montingelli & Zaher, 2017	
702. <i>Thamnodynastes ramonriveroi</i> Manzanilla & Sánchez, 2005	
703. <i>Thamnodynastes rutilus</i> (Prado, 1942)	
704. <i>Thamnodynastes sertanejo</i> Bailey, Thomas & Silva-Jr, 2005	
705. <i>Thamnodynastes strigatus</i> (Günther, 1858)	
706. <i>Tomodon dorsatus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	
707. <i>Tomodon ocellatus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	
Tropidodryadini Zaher, Graziotin, Cadle, Murphy, Moura-Leite & Bonatto, 2009 (2 / 2)	
708. <i>Tropidodryas serra</i> (Schlegel, 1837)	
709. <i>Tropidodryas striaticeps</i> (Cope, 1870)	
Xenodontini Bonaparte, 1845 (38 / 51)	
710. <i>Erythrolamprus aesculapii aesculapii</i> (Linnaeus, 1766)	
711. <i>Erythrolamprus aesculapii venustissimus</i> (Wied, 1821)	
712. <i>Erythrolamprus almadensis</i> (Wagler in Spix, 1824)	
713. <i>Erythrolamprus atraventer</i> (Dixon & Thomas, 1985)	
714. <i>Erythrolamprus breviceps</i> (Cope, 1860)	
715. <i>Erythrolamprus carajasensis</i> (Cunha, Nascimento & Avila-Pires, 1985)	
716. <i>Erythrolamprus cobella</i> (Linnaeus, 1758)	
717. <i>Erythrolamprus dorsocorallinus</i> (Esqueda, Natera, La Marca & Ilijia-Fistar, 2007)	
718. <i>Erythrolamprus frenatus</i> (Werner, 1909)	

719. <i>Erythrolamprus jaegeri jaegeri</i> (Günther, 1858)	
720. <i>Erythrolamprus jaegeri coralliventrис</i> (Boulenger, 1894)	
721. <i>Erythrolamprus maryellenae</i> (Dixon, 1985)	
722. <i>Erythrolamprus miliaris miliaris</i> (Linnaeus, 1758)	
723. <i>Erythrolamprus miliaris amazonicus</i> (Dunn, 1922)	
724. <i>Erythrolamprus miliaris chrysostomus</i> (Griffin, 1916)	
725. <i>Erythrolamprus miliaris merremii</i> (Wied, 1821)	
726. <i>Erythrolamprus miliaris orinus</i> (Cope, 1868)	
727. <i>Erythrolamprus mossoroensis</i> (Hoge & Lima-Verde, 1973)	
728. <i>Erythrolamprus oligolepis</i> (Boulenger, 1905)	
729. <i>Erythrolamprus poecilogyrus poecilogyrus</i> (Wied, 1824)	
730. <i>Erythrolamprus poecilogyrus caesius</i> (Cope, 1862)	
731. <i>Erythrolamprus poecilogyrus schotti</i> (Schlegel, 1837)	
732. <i>Erythrolamprus poecilogyrus sublineatus</i> (Cope, 1860)	
733. <i>Erythrolamprus pygmaeus</i> (Cope, 1868)	
734. <i>Erythrolamprus reginae macrosoma</i> (Amaral, 1935)*	
735. <i>Erythrolamprus reginae semilineatus</i> (Wagler in Spix, 1824)	
736. <i>Erythrolamprus semiaureus</i> (Cope, 1862)	
737. <i>Erythrolamprus taeniogaster</i> (Jan, 1863)	
738. <i>Erythropamprus trebbaui</i> (Roze, 1958)	
739. <i>Erythrolamprus typhlus typhlus</i> (Linnaeus, 1758)	
740. <i>Erythrolamprus typhlus brachyurus</i> (Cope, 1887)	
741. <i>Erythrolamprus typhlus elaeoides</i> (Griffin, 1916)	
742. <i>Erythrolamprus viridis viridis</i> (Günther, 1862)	
743. <i>Erythrolamprus viridis praesinus</i> (Jan & Sordelli, 1866)	
744. <i>Lygophis anomalus</i> (Günther, 1858)	
745. <i>Lygophis dilepis</i> (Cope, 1862)	
746. <i>Lygophis flavifrenatus</i> (Cope, 1862)	
747. <i>Lygophis lineatus</i> (Linnaeus, 1758)	
748. <i>Lygophis meridionalis</i> (Schenkel, 1901)	
749. <i>Lygophis paucidens</i> Hoge, 1953	
750. <i>Xenodon dorbignyi</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	
751. <i>Xenodon guentheri</i> Boulenger, 1894	
752. <i>Xenodon histrionicus</i> (Jan, 1863)	
753. <i>Xenodon matogrossensis</i> (Scrocchi & Cruz, 1993)	
754. <i>Xenodon merremii</i> (Wagler in Spix, 1824)	
755. <i>Xenodon nattereri</i> (Steindachner, 1867)	
756. <i>Xenodon neuwiedii</i> Günther, 1863	
757. <i>Xenodon pulcher</i> (Jan, 1863)	
758. <i>Xenodon rabdocephalus rabdocephalus</i> (Wied, 1824)	
759. <i>Xenodon severus</i> (Linnaeus, 1758)	
760. <i>Xenodon werneri</i> Eiselt, 1963	
Xenodontinae Incertae sedis (3 / 3)	
761. <i>Xenopholis scalaris</i> (Wucherer, 1861)	
762. <i>Xenopholis undulatus</i> (Jensen, 1900)	
763. <i>Xenopholis werdingorum</i> Jansen, Álvarez & Köhler, 2009	
Dipsadidae Incertae sedis (3 / 3)	
764. <i>Cercophis auratus</i> (Schlegel, 1837)	
765. <i>Lioheterophis iheringi</i> Amaral, 1935	
766. <i>Uromacerina ricardinii</i> (Peracca, 1897)	
Elapidae Boie, 1827 (33 / 39)	
Elapinae Boie, 1827 (33 / 39)	
767. <i>Leptomicrurus collaris collaris</i> (Schlegel, 1837)	
768. <i>Leptomicrurus narduccii melanotus</i> Roze & Bernal-Carlo, 1988	
769. <i>Leptomicrurus scutiventris</i> (Cope, 1870)	
770. <i>Micrurus albicinctus</i> Amaral, 1926	
771. <i>Micrurus altirostris</i> (Cope, 1859)	

772. <i>Micrurus annellatus annellatus</i> (Peters, 1871)
773. <i>Micrurus annellatus boliviensis</i> Roze, 1967
774. <i>Micrurus averyi</i> Schmidt, 1939
775. <i>Micrurus brasiliensis</i> Roze, 1967
776. <i>Micrurus corallinus</i> (Merrem, 1820)
777. <i>Micrurus decoratus</i> (Jan, 1858)
778. <i>Micrurus diana</i> Roze, 1983
779. <i>Micrurus diutius</i> Burger, 1955*
780. <i>Micrurus filiformis</i> (Günther, 1859)
781. <i>Micrurus frontalis</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
782. <i>Micrurus hemprichii</i> hemprichii (Jan, 1858)
783. <i>Micrurus hemprichii</i> ortoni Schmidt, 1953
784. <i>Micrurus ibiboboca</i> (Merrem, 1820)
785. <i>Micrurus isozonus</i> (Cope, 1860)
786. <i>Micrurus langsdorffi</i> Wagler in Spix, 1824
787. <i>Micrurus lemniscatus</i> lemniscatus (Linnaeus, 1758)
788. <i>Micrurus lemniscatus</i> carvalhoi Roze, 1967
789. <i>Micrurus lemniscatus</i> helleri Roze, 1967
790. <i>Micrurus mipartitus</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
791. <i>Micrurus nattereri</i> Schmidt, 1952
792. <i>Micrurus pacaraimae</i> Carvalho, 2002
793. <i>Micrurus paraensis</i> Cunha & Nascimento, 1973
794. <i>Micrurus potyguara</i> Pires, Silva, Feitosa, Prudente, Pereira Filho & Zaher, 2014
795. <i>Micrurus psyches</i> (Daudin, 1803)
796. <i>Micrurus putumayensis</i> Lancini, 1962
797. <i>Micrurus pyrrhocryptus</i> (Cope, 1862)
798. <i>Micrurus remotus</i> Roze, 1987
799. <i>Micrurus silviae</i> Di-Bernardo, Borges-Martins & Silva, 2007
800. <i>Micrurus spixii</i> spixii Wagler in Spix, 1824
801. <i>Micrurus spixii</i> martius Schmidt, 1953
802. <i>Micrurus spixii</i> obscurus Harvey, Aparicio & González, 2003
803. <i>Micrurus surinamensis</i> (Cuvier, 1817)
804. <i>Micrurus tikuna</i> Feitosa, Silva Jr., Pires, Zaher & Prudente, 2015
805. <i>Micrurus tricolor</i> Hoge, 1956
Viperidae Oppel, 1811 (31 / 37)
Crotalinae Oppel, 1811 (31 / 37)
806. <i>Bothrocophias hyoprora</i> (Amaral, 1935)

807. <i>Bothrocophias microphthalmus</i> (Cope, 1875)
808. <i>Bothrops alcatraz</i> Marques, Martins & Sazima, 2002
809. <i>Bothrops alternatus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854
810. <i>Bothrops atrox</i> (Linnaeus, 1758)
811. <i>Bothrops bilineatus</i> bilineatus (Wied, 1821)
812. <i>Bothrops bilineatus smaragdinus</i> Hoge, 1966
813. <i>Bothrops brazili</i> Hoge, 1954
814. <i>Bothrops cotiara</i> (Gomes, 1913)
815. <i>Bothrops diporus</i> Cope, 1862
816. <i>Bothrops erythromelas</i> Amaral, 1923
817. <i>Bothrops fonsecai</i> Hoge & Belluomini, 1959
818. <i>Bothrops insularis</i> (Amaral, 1922)
819. <i>Bothrops itapetiningae</i> (Boulenger, 1907)
820. <i>Bothrops jararaca</i> (Wied, 1824)
821. <i>Bothrops jararacussu</i> Lacerda, 1884
822. <i>Bothrops leucurus</i> Wagler in Spix, 1824
823. <i>Bothrops lutzi</i> (Miranda-Ribeiro, 1915)
824. <i>Bothrops marajoensis</i> Hoge, 1966
825. <i>Bothrops marmoratus</i> Silva & Rodrigues, 2008
826. <i>Bothrops mattogrossensis</i> Amaral, 1925
827. <i>Bothrops moojeni</i> Hoge, 1966
828. <i>Bothrops muriciensis</i> Ferrarezzi & Freire, 2001
829. <i>Bothrops neuwiedi</i> Wagler in Spix, 1824
830. <i>Bothrops otavioi</i> Barbo, Grazziotin, Sazima, Martins & Sawaya, 2012
831. <i>Bothrops pauloensis</i> Amaral, 1925
832. <i>Bothrops pirajai</i> Amaral, 1923
833. <i>Bothrops pubescens</i> (Cope, 1870)
834. <i>Bothrops sazimai</i> Barbo, Gasparini, Almeida, Zaher, Grazziotin, Gusmão, Ferrarini & Sawaya, 2016
835. <i>Bothrops taeniatus</i> Wagler in Spix, 1824
836. <i>Crotalus durissus durissus</i> Linnaeus, 1758*
837. <i>Crotalus durissus cascavella</i> Wagler in Spix, 1824
838. <i>Crotalus durissus collilineatus</i> Amaral, 1926
839. <i>Crotalus durissus marajoensis</i> Hoge, 1966
840. <i>Crotalus durissus ruruima</i> Hoge, 1966
841. <i>Crotalus durissus terrificus</i> (Laurenti, 1768)
842. <i>Lachesis muta</i> (Linnaeus, 1766)

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo



Eurolophosaurus nanuzae,
Diamantina, MG.
Foto: Magno Segalla.

HERPETOLOGIA BRASILEIRA

Uma Publicação da Sociedade Brasileira de Herpetologia

Instruções para Autores

INSTRUÇÕES GERAIS

Para sugerir informação ou temas a serem incluídos nas seções de Notícias, Trabalhos Recentes e Mudanças Taxonômicas, entre em contato com os Editores responsáveis da seção correspondente.

Para todas as outras seções, os manuscritos devem ser submetidos via correio eletrônico para os Editores indicados para cada seção (*ver Corpo Editorial*). Os artigos devem ser escritos somente em português, exceto para as seções de História Natural e Métodos, que também publicarão contribuições em inglês. Todos os artigos devem incluir o título, os autores com filiação, o corpo do texto, os agradecimentos e a lista de referências bibliográficas. **Os manuscritos em inglês que não atingirem o nível de gramática e ortografia semelhante ao de uma pessoa nativa de país de língua inglesa serão devolvidos para correção ou tradução para português.**

Referências Bibliográficas

As citações no texto devem ser organizadas primeiro em ordem cronológica e segundo em ordem alfabética, de acordo com o seguinte formato: Silva (1998)..., Silva (1999: 14-20)..., Silva (1998: figs. 1, 2)..., Silva (1998a, b)..., Silva e Oliveira (1998)..., (Silva e Oliveira, 1998a, b; Adams, 2000)..., (H. R. Silva, com. pess.)..., e Silva *et al.* (1998) para mais de dois autores.

A seção de Referências Bibliográficas deve ser organizada primeiro em ordem alfabética e, em seguida, em ordem cronológica, de acordo com o seguinte formato:

Artigo de revista:

Silva, H. R., H. Oliveira e S. Rangel. Ano. Título. *Nome completo da revista*, 00:000-000.

Livro:

Silva, H. R. Ano. Título. Editora, Lugar, 000 pp.

Capítulo em livro:

Silva, H. R. Ano. Título do capítulo; pp. 000-000. In: H. Oliveira, e S. Rangel (Eds.), Título do Livro. Editora, local.

Dissertações e teses:

Silva, H. R. Ano. Título. Tese de doutorado ou Dissertação de mestrado, Universidade, local, 000 pp.

Página de Internet:

Silva, H. R. Data da página. Título da seção ou página particular. Título da página geral. Data da consulta, URL.

Apêndices, tabelas, legendas das figuras

Esses itens devem ser organizados em sequência, depois das Referências Bibliográficas.

Apêndices

Os apêndices devem ser numerados usando números romanos na mesma sequência em que aparecem no texto. Por exemplo, Apêndice I: Espécimes Examinados.

Tabelas

As tabelas devem ser numeradas na mesma sequência em que aparecem no texto. Devem ser formatadas com linhas horizontais e sem linhas verticais.

Figuras

As figuras devem ser numeradas na mesma sequência em que aparecem no texto. As legendas devem incluir informação suficiente para que sejam entendidas sem que seja necessária a leitura do corpo do texto. Figuras compostas devem ser submetidas como um arquivo único. Cada parte de uma figura composta deve ser identificada (preferencialmente com letra maiúscula Arial de tamanho 8-12 pontos) e descrita na legenda. As figuras devem ser submetidas em arquivos separados de alta resolução (300 dpi e tamanho de impressão de pelo menos 18 cm de largura) em formato JPG ou EPS.

Instruções especiais para Notas de História Natural

No corpo do texto, os autores devem indicar claramente a relevância da observação descrita. O uso de figuras deve ser encorajado. O título deve iniciar com a espécie alvo da nota, seguida pela posição taxonômica e pelo assunto (incluindo a identidade do predador, parasita etc., ao menor nível taxonômico possível). Veja exemplos neste número.

